

# III<sup>e</sup> Rencontres Interdisciplinaires franco-brésiliennes : Surdité, Singularité et Universalité

29 oct.-2 nov. 2018

Paris

France

# Table des matières

Comparaison typologique des transferts personnels dans neuf langues des signes, Robert Gavrilesco [et al.] . . . . .	6
Estratégia Linguística de Antropomorfismo em Língua de Sinais, Betty Lopes L’astorina De Andrade . . . . .	8
Similaires mais pas identiques : Constructions temporelles en LIS et LSF, Charlotte Hauser [et al.] . . . . .	10
Vers une typologie adaptée aux langues des signes ?, Martinod Emmanuella . . . . .	12
TERMINOGRAFIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS: UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E REGISTRO DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES, Tuxi Patricia . . . . .	14
L’importance de l’étude de la variation linguistique des langues des signes dans la formation des enseignants de la Langue des Signes Brésilienne, Ellen Formigosa-Marie-Rose [et al.] . . . . .	15
Narrativas em silêncio: um estudo descritivo, variacionista e de redes sobre a língua de sinais usada por uma micro comunidade surda em Fortalezinha-PA, Anne Carolina Pamplona Chagas [et al.] . . . . .	16
MAPEAMENTO DAS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES E DE COMUNIDADES ISOLADAS ENCONTRADAS NO BRASIL., Souza Diná [et al.] . . . . .	18
Les interfaces linguistiques et le développement bilingue de la langue de signes et la langue écrite chez les apprenants sourds, Carolina Plaza-Pust . . . . .	20
O papel da colaboração entre alunos surdos brasileiros na aprendizagem de língua inglesa, Claudney Maria De Oliveira-Silva [et al.] . . . . .	22
A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA (LSF) NAS LÍNGUAS DE SINAIS DE BRASILEIRA: ESTUDO PRELIMINAR BASEADO EM METALEXICOGRAFIA COMPARATIVA, Janice Gonçalves Temoteo Marques [et al.] . . . . .	24

Approches croisées en linguistique, didactique, art et littérature sur la place du corps dans la création gestuelle artistique, Ivani Fusellier [et al.] . . . . .	26
GESTUALIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS: NOTAS A PARTIR DO PRINCÍPIO SAUSSURIANO DA DUPLA ESSÊNCIA DA LINGUAGEM, Laura Frydrych	28
Les liens forme-sens sublexicaux et la structure du lexique en langue des signes française (LSF), Yana Sennikova . . . . .	30
Observer la littéracie émergente chez les jeunes enfants sourds francophones., Laurence Beaujard . . . . .	32
Os aspectos comparativos da Libras entre as 5 regiões brasileiras: Transferência, Das Dores Clarissa Fernandes [et al.] . . . . .	34
TERMINOLOGIA EM LIBRAS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS: SINAIS-TERMO DOS PRONOMES PESSOAIS, Falk Moreira . . . . .	35
Traduire la poésie en LSF vers le français : présentation d'une méthodologie expérimentale, Fanny Catteau . . . . .	36
Surdez, letramento e língua estrangeira - uma experiência prática do ensino da língua francesa ao público surdo bilíngue brasileiro, Juliana Rodrigues De Castro	38
Conditions et modalités de la narration graphique de l'enfant sourd ou entendant : quelles compétences dialogiques à l'école primaire ?, Elisabeth Maizonnier-Payelle	40
Didactique et stratégies d'enseignement du français écrit pour un public d'enfants sourds en école primaire, Daniela Martos Morais . . . . .	42
Ceci n'est pas de la langue – des signes : représentations emic et etic des langues gestuelles, Pierre Schmitt . . . . .	44
O uso do glossário bilíngue para o ensino e aprendizagem do Português como segunda língua para Surdo, Machado De Almeida Francilene [et al.] . . . . .	46
A leitura e compreensão de surdos brasileiros sobre vídeos com legendas em português: evidências de estudos sobre o comportamento ocular., Vieira Patrícia Araújo [et al.] . . . . .	48
O dicionário de línguas gestuais Spread the Sign, enquanto ferramenta pedagógica aplicada a diversos contextos de ensino, Orquídea Coelho [et al.] . . . . .	50
Proposta de dicionário infantil bilíngue Libras/português, Severina Batista De Farias Klimsa . . . . .	52

Ecrits de Sourds ou écriture sourde ? Caractéristiques, facteurs explicatifs et enjeux didactiques., Marie Perini . . . . .	54
Libras, prá que te quero? A apropriação dos multiletramentos por alunos surdos do Letras/Libras, Ana Maria Zulema Pinto Cabral Da Nóbrega [et al.] . . . . .	56
EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: ENSINO DE PORTUGUÊS COMO L2 PARA SURDOS / GÊNEROS ACADÊMICOS, Alda Leaby Oliveira Araujo Caetano . . . . .	58
Didática do Português para Alunos Surdos em Escolas Regulares Moçambicanas, Názia Anita Cardoso Nhongo Bavo [et al.] . . . . .	60
LIBRAS PERNAMBUCANA: SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA REGIONAL, Severina Batista De Farias Klimsa . . . . .	62
Pour une meilleure compréhension des processus d'accès à la littératie chez les sourds en comparatif d'autres apprenants de l'écrit L1 et L2 : le Projet Dynascript, Marie Perini [et al.] . . . . .	64
Représentation(s) de la surdité : quelles positions pour les parents entendants ? Analyse de données canadiennes, belges, suisses et françaises, Stéphanie Gobet [et al.] . . . . .	66
" Enseignement de la LSF et Certification de compétences : L'iconicité reliée au CECRL de niveau A1 à C1 ", Delphine Petitjean . . . . .	68
Réflexion autour d'une expérience d'enseignement universitaire de la psychologie à des enseignants sourds en formation professionnelle, Mélissa Arneton [et al.] . . . . .	70
A LÍNGUA DE SINAIS E O GUIA-INTÉRPRETE MEDIANDO A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM SURDOCEGUEIRA, Wolney Gomes Almeida . . . . .	72
DESEMPENHO LINGUÍSTICO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA DE ESTUDANTES SURDOS DE ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS INCLUSIVAS E EM ESCOLAS BILÍNGUES, Junior Zancanaro Luiz Antonio . . . . .	74
Duas línguas à conversa na aula de Filosofia, Fátima Sá Correia . . . . .	76
ELABORAÇÃO DE GLOSSÁRIO EM LIBRAS DA ÁREA DE MATEMÁTICA PARA O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, Soraya Bianca Reis Duarte [et al.] . . . . .	78
REPRÉSENTATIONS DES MÉDIAS DE L'INCLUSION, DES PRATIQUES SOCIALES ET DES CONTEXTES ÉDUCATIFS, Alexandre Mauricio Fonseca De Azevedo . . . . .	80

Comment évaluer la structure des récits d'enfants signeurs ? Questions de méthode et premiers résultats pour la langue des signes française., Stéphanie Caet [et al.] .	82
A LÍNGUA DE SINAIS ATÍPICA: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NOS DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO EXPRESSOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS, Felipe Venâncio Barbosa [et al.] . . . . .	84
Expérience sur les mots composés séquentiels et simultanés en LSF, Mirko Santoro	85
O DESENVOLVIMENTO DE SINAIS-TERMO EM LIBRAS PARA A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA: A TERMINOLOGIA EM PROL DA ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA DO ALUNO SURDO, Rodolpho D'azevedo . . . . .	86
Interprètes entre une langue vocale et une langue des signes : un bilinguisme de troisième type ?, Sandrine Burgat [et al.] . . . . .	87
A LINGUAGEM CORPORAL COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS ENTRE SURDOS E OUVINTES EM CAMPINA GRANDE - BRASIL, Rafael Nogueira Barbosa Gomes [et al.] . . . . .	89
Estratégias didáticas de ensino de língua de sinais para tradutores e intérpretes, Juliana Guimarães Faria [et al.] . . . . .	91
Evaluation sémantique et syntaxique de la Langue des Signes Française TELSF2 : le premier test pour enfants et adolescents sourds âgés de 4 à 14 ans., Sandrine Bonhoure . . . . .	92
Le sujet en langue des signes française., Myriam Charpentier . . . . .	94
Les sourds et la formation des maîtres en France: exemple de la mise en place du MEEF Seconde degré LSF., Sandrine Burgat . . . . .	96
Linguistique variationnelle du discours en langue des signes roumaine : présentation d'une méthode d'analyse, Robert Gavrilescu . . . . .	98
Quelques marqueurs de la référence impersonnelle humaine en LSF, Hatice Ak-sen [et al.] . . . . .	99
TERMINOLOGIA E TRADUÇÃO: CORRELAÇÃO ENTRE ÁREAS DO SABER, Vale Luciana . . . . .	101
Uso de dinâmicas para o ensino de língua de sinais para pessoas ouvintes, Chaveiro Neuma [et al.] . . . . .	102
Les racines médiévales du noétomalalien parisien (XVIIIe - mi XIXe siècles), Yann Cantin . . . . .	104

INTRODUÇÃO DA GLOSINAIS COMO FERRAMENTA DE TRADUÇÃO / INTERPRETAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS BRASILEIRAS, Castro Nelson Pimenta De . . . . .	106
Acessibilidade Linguística na produção de material didático para ensino da cate- goria verbo para alunos Surdos, Prometi Daniela [et al.] . . . . .	107
Inclusão de surdos no Ensino Superior: um estudo de caso na Unesp de Marília, Alessan- dra Ferreira Di Roma [et al.] . . . . .	109
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: CRIANDO PONTES PARA (RE) CONSTRUIR MATERIAIS DIDÁTICOS, Conceição De Maria Costa Saúde [et al.] . . . . .	111
GÊNERO INSTRUÇÃO DE PERCURSO NO ENSINO DE LIBRAS (L2), NÍVEL A1, Girlaine Felisberto De Caldas Aguiar [et al.] . . . . .	113
O Bebê Perfeito: proposta de um livro bilingue para a aprendizagem de L1, L2 e Signwriting, Isabel Correia [et al.] . . . . .	115
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA: CRIANÇA OUVINTE FILHA DE PAIS SURDOS, Michelle Mélo Gurjão Roldão [et al.] . . . . .	117
Renseignement de la langue des signes professionnelle au LP INJS de Paris – (2008-2016), Monique Gendrot . . . . .	119
Acessibilidade, Letícia Regiane Da Silva Tobal [et al.] . . . . .	121
ELiS - sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais: novas possibilidades para as línguas de sinais, Mariangela Estelita Barros [et al.] . . . . .	123
REFLEXÃO SOBRE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO CURSO DE LE- TRAS LIBRAS DA UAB/UFPA VIRTUAL: EXPERIÊNCIA DA TUTORARIA PRESENCIAL DO PÓLO DE CAMPINA GRANDE, Michelle Mélo Gurjão Roldão [et al.] . . . . .	125

# Comparaison typologique des transferts personnels dans neuf langues des signes

Robert Gavrilesco \*<sup>1</sup>, Marie-Anne Sallandre \*

, Alessio Di Renzo \*

<sup>1</sup> Structures formelles du langage – CNRS : UMR7023, Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – France

Selon le modèle sémiologique (Cuxac 2000, Pizzuto et al. 2008), on appelle ‘transferts personnels’ (TP) ce qui est souvent appelés ailleurs ‘constructed actions’ ou ‘changements de rôles’ (Cormier, Smith & Sevcikova 2015) ; ces structures sont très fréquemment utilisées pour la cohésion du discours en langue des signes (LS).

Dans cette présentation, nous nous concentrons sur quatre structures de TP, dans neuf langues des signes :

- Les transferts personnels (TP classique) impliquent tout le corps du signeur (mains, yeux, expression faciale etc.) pour produire une action réalisée par une entité animée ou non-animée.
- Si deux entités sont exprimées dans une même structure (combinant un TP, pour la figure, et un repère spatial, pour le sol), il s’agit d’un double transfert (DT).
- Si l’action dans un TP est exprimée par une unité lexicale, c’est un semi-TP.
- Si le signeur incarne un personnage qui dialogue avec un ou plusieurs personnages, il s’agit d’un TP en discours rapporté (TP dr).

Les neuf LS de cette étude sont la langue des signes française, italienne, flamande, allemande, roumaine, chilienne, brésilienne, japonaise et d’Afrique du Sud. Nous avons recueilli la même narration chez cinq locuteurs sourds adultes dans chacune de ces langues et nous avons annoté les productions avec le logiciel ELAN. Ainsi, il nous a été possible de faire une comparaison des

---

\*Intervenant

constructions impliquées dans chaque langue.

Ces langues ont peu ou pas de liens historiques, mais elles partagent la propriété d'être des langues à modalité visuogestuelle créées par des Sourds. Nous faisons l'hypothèse que la modalité a un impact sur la construction du discours, en particulier sur la façon dont les entités sont exprimées. Ainsi, l'iconicité joue un rôle important, notamment pour introduire et réintroduire des entités animées, par le moyen de différents TP.

Notre première étude fait ressortir les résultats suivants (Sallandre et al 2016):

Premièrement, la catégorie la plus fréquente sont les unités lexicales. Celles-ci sont utilisées pour introduire les référents alors que les TP sont utilisés pour les maintenir ou les réintroduire. Deuxièmement, tous les signeurs produisent les quatre types de TP, avec des pourcentages différents. Il n'y a pas de LS où l'une de ces structures n'est pas produite du tout. Nous pouvons conclure qu'il y a beaucoup de similitudes dans les TP de ces neuf langues, même si ces langues ne sont pas, ou peu, historiquement liées.

Cormier, K., Smith, S., & Sevcikova, Z. (2015). "Rethinking constructed action". *Sign Language & Linguistics* 18(2):167-204.

Cuxac, C. (2000). *La langue des signes française. Les voies de l'iconicité*, Faits de langue 15-16, Paris : Ophrys.

Pizzuto, E., Rossini, P, Sallandre M.-A., & Wilkinson, E. (2008). "Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Cross-linguistic Evidence on American, French and Italian Sign Languages". In R. M. de Quadros (ed.). Editora Arara Azul. Brazil. 475-495.

Sallandre, M.-A., Di Renzo, A. and Gavrilescu, R. (2016). "Various types of personal transfers (constructed actions) in nine sign languages". Poster, *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference* 12, Melbourne, Australia, January 4, 2016.

**Mots-Clés:** langues des signes, typologie, transfert personnel, prise de rôle, narration, discours, iconicité



# Estratégia Linguística de Antropomorfismo em Língua de Sinais

Betty Lopes L'astorina De Andrade \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Betty – bettyllaa@gmail.com, Brésil

**Resumo:** Um dos grandes desafios da educação de surdos é a contribuição de materiais didáticos traduzidos para a Língua de Sinais, que coloque a criança surda em contato com o conhecimento existente em sua língua. A literatura surda é um dos materiais didáticos muito utilizado na educação de surdos, pois ela está ligada a cultura e a identidade surda, com a valorização, uso da Língua de Sinais e o empoderamento dos surdos (Karnopp, 2010). Esta pesquisa teve como enfoque investigar vídeos de obras literárias infantis em Libras e analisar a estratégia linguística de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos. Segundo Sutton-Spence e Napoli (2010), antropomorfismo significa dar características humanas a animais ou objetos inanimados. Neste trabalho destacamos o papel do tradutor/ator surdo, pois ele também interpreta, ele é ator (Novak, 2005) e contribui com sua experiência cultural surda e segue uma norma surdade tradução (Stone, 2009). A metodologia desta pesquisa consistiu em análise detalhada de três vídeos da fábula "Os três porquinhos", comparando as diferentes estratégias linguísticas de antropomorfismo utilizadas pelos tradutores/atores surdos, com base nos estudos de antropomorfismo de Sutton-Spence e Napoli (2010). Analisamos também o antropomorfismo cultural do Ser Surdo nos personagens do último vídeo, com exemplos de elementos surdos. Com a análise do uso de antropomorfismo, utilizada pelos tradutores/atores surdos foi possível ver o leque de possibilidades para o uso das estratégias linguísticas de antropomorfismo e a contribuição dos tradutores/atores surdos com sua experiência cultural surda. Desejamos que esse trabalho oportunize contribuições aos futuros tradutores/atores surdos, por meio das diversas possibilidades para o uso do antropomorfismo nas traduções de obras literárias em Língua de Sinais, bem como aos sujeitos envolvidos na educação dos surdos: professores, intérpretes e contadores de histórias, visando o aprimoramento qualitativo nesta língua contribuindo com a sua difusão no meio educacional e social, com a valorização da criatividade linguística e expressão da subjetividade surda. **Palavras-Chave:** Língua de Sinais. Literatura surda. Cultura surda. Antropomorfismo.

## Referências bibliográficas:

BULHÕES, João. **Os Três Porquinhos Surdos**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VvD1zK>. Acesso em 15 de março de 2014.

BULHÕES, P., NOBREGA, A., RODRIGUES, L., VEIGA, A. **Os três porquinhos**. In: Contando histórias em LIBRAS: Clássicos da Literatura Mundial. Vol. 4, INES, Educação Especial, MEC, Brasília. DVD.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Produções culturais de surdos: análise da literatura surda*. **Cader-**

---

\*Intervenant

nos de Educação (UFPel), v. Ano 19, pp. 155-174, 2010a.

-----**Literatura Surda.** Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis: UFSC, 2010b.

NOVAK, Peter. *A política do corpo*. In: **V Encontro de Performance do Instituto Hemisférico**, Belo Horizonte, 2005.

PIMENTA, Nelson. "**Os três porquinhos**". In: *Literatura em LSB*. Rio de Janeiro: LSB. DVD.

STONE, Christopher. **Toward a Deaf Translation Norm**. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel; NAPOLI, Donna Jo. *Anthropomorphism in Sign Languages: A Look at Poetry and Storytelling with a Focus on British Sign Language*. **Sign Language Studies**, vol. 10, n. 4, Summer 2010, pp. 442-475. Gallaudet University Press DOI: 10.1353/sls.0.0055.

**Mots-Clés:** Língua de Sinais. Literatura surda. Cultura surda. Antropomorfismo.

# Similaires mais pas identiques : Constructions temporelles en LIS et LSF

Charlotte Hauser \* , Valentina Aristodemo \*

1

<sup>1</sup> Université Paris Diderot, LLF – Université Paris Diderot - Paris 7 – France

**Introduction.** Il n'est plus à prouver aujourd'hui que les langues signées sont aussi différentes entre elles que le sont les langues parlées. Si cela saute aux yeux lorsqu'on s'intéresse au lexique ou à l'ordre des mots, nous allons montrer que cette dissimilarité se manifeste aussi au niveau plus discret des structures syntaxiques, ce qui nécessite des moyens indirects pour être mis en lumière. C'est le cas par exemple des constructions temporelles en LIS et en LSF. Si on s'intéresse aux données de base glossées en (1)-(2), on remarque une ressemblance superficielle : les deux langues présentent deux clauses séparées par un adverbe temporel.

(1)a. GIANNI COMPRARE FIORI NON-ANCORA , PRIMA MARIA RUBARE BICI. (LIS)

Jean acheter fleurs pas-encore, avant Maria voler vélo

b. GIANNI COMPRARE FIORI, {DOPO/MOMENTO PI} MARIA RUBARE BICI.

Jean acheter fleurs, {après/ moment pro-rel} Maria voler vélo

'Maria vole un vélo {avant/après/à} le moment auquel Gianni achète des fleurs.'

(2)a. JEAN ACHETE FLEURS, {AVANT/APRES/MEME MOMENT} MARIE VOLE VELO. (LSF)

'Jean achète des fleurs et {avant/après/ au même moment} Marie vole un vélo.'

**Théorie.** Dans les langues parlées, les compléments circonstanciels de temps (CCT) sont majoritairement exprimés par des structures subordonnées, tout comme en LIS (cf. [1]). Cependant, on trouve aussi des stratégies de coordination comme dans, par exemple, les langues Créoles [2], ou, comme nous allons le montrer, en LSF. Ces configurations syntaxiques sont distinguées via plusieurs critères (cf. [3], [4] pour une description approfondie) que nous allons utiliser pour montrer comment la LIS et la LSF diffèrent dans leur structure syntaxique sous-jacente.

**Résultats.** En illustrant chaque test syntaxique par des exemples tirés des deux langues nous montrerons qu'en LSF, contrairement à la LIS, il n'y a pas de marquage non-manuel spécifique de la première clause pour la distinguer de la seconde, nous n'observons pas non plus de négation dans les phrases avec "avant", il n'y a pas de marqueur relatif (PI) dans les phrases avec

---

\*Intervenant

"même moment" et chaque clause peut apparaître isolément l'une de l'autre. Enfin, l'inversion des deux clauses entraîne un changement d'interprétation en LSF, alors qu'elle est impossible en LIS (cf.(3)-(4)).

(3)\*AFTER, MARIA RUBARE BICI, GIANNI COMPRARE FIORI.(LIS)

(4)#APRES, MARIE VOLE VELO, JEAN ACHETE FLEURS.(LSF)

‘Plus tard, Marie volera un vélo et Jean achètera des fleurs.’

**Conclusion.** La LIS et la LSF présentent des configurations en miroir l'une de l'autre, typique de la subordination pour la première et de la coordination pour la seconde. Par conséquent, là où une observation superficielle basée sur l'ordre des mots amènerait à conclure que les deux langues utilisent une stratégie presque identique pour créer des CCT, une étude plus approfondie de leurs caractéristiques syntaxiques nous révèle qu'il s'agit en fait de constructions diamétralement différentes.

**References.**[1]Aristodemo et al. (2016) Temporal construction in LIS, FEAST 2016. [2]Cristofaro (2005) Subordination, Oxford University Press. [3]Ross, 1967. Constraints on variables in syntax. Doctoral dissertation. [4]Haspelmath (1993) A Grammar of Lezgian. Mounon de Gruyter.

**Mots-Clés:** LSF, LIS, Constructions temporelles, subordination, coordination

# Vers une typologie adaptée aux langues des signes ?

Martinod Emmanuella \* 1

<sup>1</sup> Structures Formelles du Langage – Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR7023, Université Paris Lumières, Académie de Créteil, Campus Condorcet, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis – Bâtiment D salle 324 2 rue de la Liberté 93526 Saint-Denis, France

Depuis une dizaine d'années, nous assistons à l'émergence d'un nouveau champ de recherche en linguistique des langues des signes (LS) : la typologie des LS (Zeshan 2008, Zeshan et De Vos 2012, De Vos et Pfau 2015). Cette communication vise à souligner la nécessité du recours à une approche adaptée aux LS dans ce domaine, ce dont nous manquons actuellement.

Nous présenterons d'abord une synthèse critique des origines de la typologie, dont les fondements théoriques se sont développés dès l'Antiquité pour les langues vocales (LV). Nous soulignerons leur ethnocentrisme, manifesté par le transfert conceptuel des catégories descriptives gréco-latines vers les langues indo-européennes puis les langues nouvellement découvertes. Certaines ont ainsi été abordées via des modèles descriptifs peu adaptés.

Puis, nous fournirons un aperçu des travaux actuels en linguistique des LS s'inscrivant dans une perspective typologique. Nous montrerons en quoi certains concepts et critères de classification s'avèrent inadaptés pour les LS (cf. l'ordre des signes), ceci s'expliquant par des présupposés théoriques insistant sur la similarité structurelle entre LV et LS.

Notre approche s'appuie sur le Modèle sémiologique (Cuxac 2000, Fusellier 2004, Garcia et Sallandre 2014), pour lequel les LS, en raison de leur ancrage dans l'expérience perceptivo-pratique, présenteraient un tronc commun constitué des structures dites " de transfert ". Ceci est corroboré par Sallandre et al. (2016) pour plusieurs LS. Nous nous demanderons dans quelle mesure les caractéristiques sociolinguistiques des LS influent sur les structures et/ou les composants utilisés ou, a minima, sur leur fréquence.

L'analyse, en cours, d'un corpus de LS micro-communautaires (Île de Marajó, Brésil) fournira de premiers éléments de réponse concernant (i) la fréquence d'occurrence des structures de transfert, partagée par cinq LS institutionnelles et trois LS familiales précédemment étudiées, (ii) l'existence d'un noyau de composants communs entre huit LS sociolinguistiquement variées. Cette part d'invariant observable entre LS serait donc à considérer dans le cadre d'une typologie de ces langues.

Cuxac, C. (2000). La langue des signes française (LSF): les voies de l'iconicité. Paris : Ophrys.

De Vos, C., Pfau, R. (2015). *Sign language typology: the contribution of rural sign languages.*

---

\*Intervenant

Annu. Rev. Linguist., 1(1), 265–288.

Fusellier-Souza, I. (2004). Sémio-genèse des langues des signes: étude de langues des signes primaires (LSP) pratiquées par des sourds brésiliens. Thèse de doctorat, Université Paris 8.

Garcia, B., Sallandre, M-A. (2014). "Reference resolution in French Sign Language (LSF)". *Crosslinguistic studies on Noun Phrase structure and reference*, P. Cabredo Hofherr and A. Zribi-Hertz (eds.), 316-364. Leiden: Brill.

Sallandre, M.-A., Di Renzo, A., Gavrilesco, R., & Daniel, A. (2016). Embodiment and discourse cohesion in five sign languages. Conference of the International Society for Gesture Studies, Paris.

Zeshan, U. (2008). Roots, leaves and branches – The typology of sign languages. *Sign Languages: Spinning and Unraveling the Past, Present and Future*, Quadros, R. M. de (ed.), 45, 671–695. Petrópolis: Editora Azul.

Zeshan, U., De Vos, C. (2012). *Sign languages in village communities: Anthropological and linguistic insights* (Vol. 4). Walter de Gruyter.

**Mots-Clés:** Typologie, LS micro communautaire, épistémologie, modèle sémiologique, Marajó

# TERMINOGRAFIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS: UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E REGISTRO DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES

Tuxi Patricia \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Brasília - UnB – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF | CEP 70910-900, Brasil

Este trabalho se insere na linha de pesquisa da Terminologia em especial da Terminografia. O objetivo é criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa - LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB, que são línguas de modalidades diferentes. O percurso metodológico foi o de estruturar os termos e definições, no caso da Língua Portuguesa, e de criação, registro e edição dos sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira. O processo de criação dos sinais-termo teve como base teórica a teoria do signo linguístico de Peirce (1975) na qual o signo-linguístico que compõe o sinal-termo na LS se constitui pela abstração mental do conceito e significado que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o surdo. Portanto o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. O resultado é uma proposta terminográfica que possibilita a construção de glossários que contemplam a especialidade linguística do surdo em especial para uso no sistema educacional bilíngue.

**Mots-Clés:** Terminologia, Glossário bilíngue, Sinais, termo, Signo linguístico.

---

\*Intervenant

# L'importance de l'étude de la variation linguistique des langues des signes dans la formation des enseignants de la Langue des Signes Brésilienne

Ellen Formigosa-Marie-Rose \* , Eder Cruz Barbosa , Ivani Fusellier \*

1

<sup>1</sup> Université Paris 8 – UMR 7023 – France

Depuis la reconnaissance de la Langue des Signes Brésilienne (Libras) en tant que deuxième langue officielle du Brésil, les études sur les langues des signes (LS) ont progressé dans le pays. Cependant, peu de recherches ont été effectuées sur la variation linguistique de ces langues ainsi que sur la norme linguistique pour l'enseignement de la Libras. En outre, on observe une tentative d'unifier la Libras signée (académique et institutionnalisée) dans la région sud / sud-est du pays, sans tenir en compte que le Brésil est un très grand pays et qu'il y existe de nombreuses variétés de la LIBRAS (selon la région, le niveau familial, communautaire et éducatif). À cet égard, LIMA (2009) montre une relation de diglossie impliquant la LS des régions sud / sud-est et les variations régionales de LS. Formigosa (2014, 2015) a révélé que la langue des signes naturelle pratiquée par des sourds de l'état du Pará est peu utilisée dans l'enseignement de la Libras à Belém. La tendance est l'enseignement de la LIBRAS académique et normative. Notre réflexion sur la variation linguistique de LS s'inscrit dans le cadre de la Théorie de l'Iconicité (CUXAC, 2000), notamment dans l'approche de la Semiogénèse des LS, qui permet de comprendre l'origine des LS ancré sur les processus cognitifs et communicatifs propres aux sourds (FUSELLIER-SOUZA, 2004). L'objectif de ce travail est de réfléchir sur l'importance de l'étude de la variation linguistique des langues des signes dans la formation des enseignants de Libras. Dans cette étude, des interviews semi-structurées ont été filmées avec des enseignants de Libras afin de générer les données pour notre analyse. Des résultats partiels révèlent que l'absence de recul et conscience linguistique des enseignants sur la variation de LS dans leurs réflexions didactiques pour l'enseignement de la Libras.

**Mots-Clés:** Enseignement de Libras, Variation linguistique des LS, Langue des signes émergentes, langues des signes micro communautaires et régionales

---

\*Intervenant



# Narrativas em silêncio: um estudo descritivo, variacionista e de redes sobre a língua de sinais usada por uma micro comunidade surda em Fortalezinha-PA

Anne Carolina Pamplona Chagas \* <sup>1</sup>, Marilúcia Barros De Oliveira \*

2

<sup>1</sup> Escola de Aplicação da UFPA – Av. Perimetral, 1000 - Terra Firme, Belém - PA, 66095-780, Brésil

<sup>2</sup> GeolimTerm – Rua Augusto Corrêa, 1 - Guamá, Belém - PA, 66075-110, Brésil

Nesta pesquisa doutoral pretende-se analisar os processos de construção e circulação da língua de sinais emergente (LSE) da microcomunidade de surdos da Vila de Fortalezinha-PA, tomando como objeto de estudo suas narrativas, a partir do paradigma de redes sociais e as práticas sociais adotadas pelos indivíduos em um grupo. Portanto, o objeto de estudo dessa pesquisa doutoral é a língua de sinais (LS) praticada por uma microcomunidade de surdos que reside na Vila de Fortalezinha-PA, localizada no arquipélago de Maiandeuá, município de Maracanã, Estado do Pará, variedade essa diferenciada da oficial considerada majoritária e institucionalizada utilizada pelas comunidades de surdos no Brasil, ou seja, da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A linha teórica a que se filia esse projeto doutoral é a da Sociolinguística Laboviana (variacionista) de Willian Labov (1972), a semiogênese das LS de Christian Cuxac (1996) e Ivani Fusellier (2004), bem como as definições de redes sociais de Bortoni-Ricardo (2011), corpo, práticas sociais, e demais estudos que norteiam os caminhos teóricos dentro da pesquisa. Por rede social entende-se, pela perspectiva Sociolinguística, o estudo das relações existentes num determinado processo de mudança linguística, logo, trata-se de uma estratégia social de análise das línguas voltada para a relação dos vínculos estabelecidos entre os sujeitos em grupo, logo a pesquisa a partir do paradigma de redes sociais refere-se ao estudo de repertórios linguísticos minoritários na linha das práticas sociais. Por essa razão, no estudo aqui proposto, duas "*forças*" norteiam a pesquisa, a saber: as redes sociais e sua função social, bem como as práticas sociais e usos linguísticos adotados e vivenciados pela microcomunidade de surdos estudada. O trabalho de campo terá como eixo norteador as narrativas de vida dos surdos, a fim de analisar como o isolamento e o baixo nível de mobilidade geográfica desse seu grupo pode ser um fator imprescindível para a manutenção de sua língua. Logo, essa interação entre os membros que residem no local pode caracterizar-se como um fenômeno de resistência de grupos linguísticos minoritários, motivado pela necessidade de legitimar seus valores, sua cultura local, isto é, sua língua transforma-se num poderoso símbolo de identidade, de resistência à assimilação da língua dominante. Por esse motivo, neste estudo adota-se o paradigma de redes como ferramenta analítica, a fim de analisar os usos linguísticos e práticas sociais dos indivíduos dentro de sua comunidade de fala.

## Referências bibliográficas

---

\*Intervenant

BORTONI-RICARDO, S.M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CUXAC, C. **Fonctions et structures de l'inconicité des langues des signes,** thèse de doctorat d'Etat, Université René Descartes, Paris V, 1996.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes:** études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiqués par de sourds brésiliens. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) Université Paris 8, Paris, 2004.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: Philadelphia University Press, 1972.

**Mots-Clés:** Sociolinguística. LSE. Redes sociais. Fortalezinha, PA. Variação.

# MAPEAMENTO DAS LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES E DE COMUNIDADES ISOLADAS ENCONTRADAS NO BRASIL.

Souza Diná \* <sup>1</sup>, Ronice Quadros \*

2

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina [Florianópolis] – R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900, Brésil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC – Brazil) – UFSC – Brazil, Brésil

A presente pesquisa objetiva apresentar um mapeamento das línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil, analisando como protolínguas e as línguas de sinais desenvolvidas nos ambientes familiares estão emergindo no contexto plurilíngue, especificamente nas comunidades distantes dos centros urbanos, descrevendo ainda os construtos linguísticos destas línguas, contribuindo assim para o conhecimento e reconhecimento das línguas de sinais do país. Sabe-se que além da língua de sinais oficializada pela Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, o Brasil possui também outras línguas de sinais que são raramente registradas, e no entanto, pelo menos duas línguas já puderam ser minimamente documentadas: a língua de sinais de Urubu- -Kaapor (Kakumasu, 1968), utilizada pela etnia indígena dos Kaapor, situados no estado do Maranhão, na região norte-nordeste do Brasil e a língua de sinais conhecida como "Cena" (Pereira, 2012), falada na cidade de Jaicós, no povoado de Várzea Queimada no interior do Piauí, também na região norte-nordeste do país. Todavia o levantamento ora realizado, aponta são aproximadamente 12 (doze) línguas de sinais emergentes utilizados pelas comunidades surdas e por comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e comunidades indígenas. Quadros & Leite (2014), afirmam que é a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas. A apresentação do mapeamento realizado é um ponto de partida, portanto, para a contribuir e fortalecer a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade, e ainda para que estas possam ser preservadas, reconhecidas e estudadas. No que tange a metodologia da pesquisa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental a partir de do Banco de Teses e Dissertações da Capes, bem como outras literaturas disponíveis sobre a temática. Como procedimentos de análise e discussão dos dados, *a priori* faremos opção pela análise de conteúdo em Bardin (1997), por apresentar um caráter especial e favorável a estudos de materiais tipicamente qualitativos. Através desta pesquisa, contribuir-se-á com a luta contínua do Povo Surdo em conhecer e reconhecer as diferentes línguas de sinais do Brasil pertencentes a diferentes comunidades. Em síntese, espera-se que esse estudo possa trazer maiores contribuições pertinentes às questões relacionadas as línguas de sinais emergentes e de comunidades isoladas no Brasil, seu uso e registro, associando-se a outros

---

\*Intervenant

estudos desenvolvidos no âmbito da interpretação, tradução, do mapeamento e do registro de novas línguas.

**Mots-Clés:** Línguas de sinais emergentes, Mapeamento, Registro.

# Les interfaces linguistiques et le développement bilingue de la langue de signes et la langue écrite chez les apprenants sourds

Carolina Plaza-Pust \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Goethe-Universitaet Frankfurt am Main – Allemagne

Récemment la recherche sur l'acquisition de langues a fait face aux défis des phénomènes linguistiques qui impliquent des interfaces linguistiques internes et externes. Le débat concerne les facteurs cognitives et linguistiques qui pourraient déterminer un délai au développement de ces propriétés (Lillo-Martin & Quadros 2011, Rothman & Guijarro-Fuentes 2012, White 2011). Cependant, peu est connu sur les défis des étudiants sourds qui acquièrent une langue des signes et une langue orale.

Cette étude examine la tâche d'acquisition, soit l'interaction des aspects syntaxiques et pragmatiques, au développement bilingue chez les apprenants sourds. Sur la base des narratives signées et écrites ramassés dans une étude longitudinale du développement de la langue de signes allemande (DGS) et l'allemand par des étudiants sourds ( $n = 6$ ) nous allons regarder l'acquisition des phénomènes linguistiques qui impliquent des interfaces internes et externes.

Pour chaque participant un profile du développement était crée sur la base des critères diagnostiques. Les analyses qualitatives et quantitatives des données se focalisaient sur des propriétés des langues au niveau de la morphosyntaxe et syntaxe (flexion verbale, structure syntactique), l'interface syntaxe-discourse (coréférence, fonctions référentielles, et, pour la DGS, l'expression des relations spatiales, et le marquage des cadres référentiels).

Les analyses des données confirment une asynchronie prononcée du développement des deux langues. En ce qui concerne la DGS, tous les participants ont le command sur la structure de la DGS au début de l'étude. Mais, on observe variation on ce qui concerne les éléments qui impliquent l'interface syntaxe-discourse. Quelques participants utilisent les utiles linguistiques au niveau local, de la phrase, des autres regardent plus le niveau narratif. Ils essayent de créer cohésion et cohérence. On ce qui concerne l'allemand, les dates montrent un délai prononcée. Les données reflètent variation individuelle au niveau syntactique et la flexion verbale. La typologie de formes verbales montre des déficits persistants on ce qui concerne l'intégration de l'information des différents modules grammaticales.

## References

Lillo-Martin, D. & Quadros, R. M. de 2011. "Acquisition of the syntax–discourse interface: The expression of point of view". *Lingua* 121, 623–636.

---

\*Intervenant

Rothman, J. & Guijarro-Fuentes, P. 2012. "Linguistic interfaces and language acquisition in childhood: Introduction to the special issue". *First Language* 32(1-2) 3–16.  
White, L. 2011. Second language acquisition at the interfaces. *Lingua* 121, 577–590.

**Mots-Clés:** langue de signes, langue écrite, acquisition bilingue, interfaces linguistiques

# O papel da colaboração entre alunos surdos brasileiros na aprendizagem de língua inglesa

Claudney Maria De Oliveira-Silva \*<sup>1</sup>, Neuma Chaveiro, Mariangela Estelita Barros

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás [Goiânia] – Goiânia, Goiás, Brasil

Este trabalho apresenta a colaboração como parte importante no processo de aprendizagem de língua inglesa pelos surdos. As interações instrucionais ou explicativas são consideradas importantíssimas para o desenvolvimento do ser humano (WOOD; BRUNER; ROSS, 1976), e, embora tenham sido observadas em processos onde uma pessoa menos competente é assistida na realização de uma tarefa por outra pessoa mais competente (GUERRERO; VILLAMIL, 2000), Donato (1994) mostrou que duas pessoas compartilhando o mesmo nível de desenvolvimento real e trabalhando em suas respectivas ZPD (VYGOTSKY, 1996) podem interagir de modo a atingirem desenvolvimento cognitivo, por meio de questionamentos e ajuda mútua. Para Lantolf (2000), a união colaborativa entre os alunos pode propiciar-lhes o desenvolvimento de suas habilidades através do *scaffolding*/andaime, construindo um diálogo colaborativo que pode ocasionar aprendizagem. O objetivo geral deste estudo foi analisar o papel da colaboração na aprendizagem de língua inglesa pelos alunos surdos tendo como objetivos específicos (a) analisar em que medida a colaboração pode favorecer a aprendizagem dessa língua e (b) quais as possíveis contribuições a colaboração traz para o desenvolvimento linguístico desses alunos. Trata-se de um estudo de caso qualitativo, com princípios etnográficos, realizado com alunos surdos em uma disciplina de núcleo livre de Inglês Instrumental da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás cujos dados foram coletados pro meio de entrevista, gravação em vídeo das aulas, observação e notas de campo. Os resultados evidenciaram que poder recorrer aos colegas nos momentos de dúvidas em relação a um sinal ou a alguma palavra, pedir explicações sobre o conteúdo ou atividades, compartilhar ideias, e, ao mesmo tempo, poder ajudar o colega por meio de explicações ou respostas que eles sabiam tornou a realização das tarefas mais prazerosa e dinâmica, aumentando o envolvimento dos alunos nas aulas e nas atividades propostas. A colaboração tornou possível discutir sobre aspectos linguísticos específicos do inglês, do português e da libras, a aprender novas palavras e sinais, além de trocar informações sobre assuntos diversos à aula. Concluímos que o trabalho colaborativo permite a valorização do colega e o aumento da própria autoestima, contribuindo para o crescimento pessoal dos alunos surdos e favorece o enriquecimento do repertório linguístico deles nas três línguas envolvidas, ampliando o seu conhecimento de mundo.

DONATO, R. Collective Scaffolding in Second Language Learning. In: LANTOLF, J.; APPEL, G. (Ed.). *Vygotskian approaches to second language research*. New Jersey: Ablex Publishing, 1994, p. 33-56.

GUERRERO, M. C. M.; VILLAMIL, O. S. Activating the ZPD: mutual scaffolding in L2 peer revision. *The Modern Language Journal*, v. 84, n. 1, p. 51-68, 2000. Disponível em:

---

\*Intervenant

< <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0026-7902.00052/pdf> > . Acesso em: 24 abr. 2016.

LANTOLF, J. P. (Org.). Sociocultural theory and second language learning. Oxford: Oxford University Press, 2000.

WOOD, D.; BRUNER, J.; ROSS, G. The role of tutoring in problem solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 17, n. 2, p. 89-100, 1976.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Pontes, 1996.

**Mots-Clés:** Apprentissage de l'anglais, étudiants sourds, collaboration.



# A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS FRANCESA (LSF) NAS LÍNGUAS DE SINAIS DE BRASILEIRA: ESTUDO PRELIMINAR BASEADO EM METALEXICOGRAFIA COMPARATIVA

Janice Gonçalves Temoteo Marques \* <sup>1</sup>, Antonielle Cantarelli Martins \*

2

<sup>1</sup> Unicamp – Brésil

<sup>2</sup> UF Pelotas BRAZIL – Brésil

A Língua de Sinais Francesa (LSF) foi a primeira língua de sinais a ser registrada e estudada como datam os registros de Charles-Michel de l'Épée (1776). A influência lexical da LSF na Língua de Sinais Brasileira (Libras) foi apontada por Sofiato (2011) onde a autora comparou a publicação *L'Enseignement Primaire des Sourds Muets a La Portée de Tout Le Monde Avec Une Iconographie des Signes* (Pierre Pélissier, 1856) com o primeiro registro da Libras *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* (Flausino Gama, 1875). A presente pesquisa analisa 524 sinais do manual de Libras *Comunicando com mãos* (Peterson, 1987) e compara os mesmos verbetes com os sinais de dois dicionários online de LSF: Sématius (3.605 sinais) e LSF Pisourd Dictionnaire (1.866 sinais). O objetivo dessa comparação é analisar as regularidades, diferenças e variações fonológicas entre o léxico de Libras registrado por Peterson (1987) e os mesmos sinais correspondentes nos dois dicionários de LSF. Os nomes dos sinais do manual de Peterson (1987) foram traduzidos para o Francês e, em seguida, os sinais da LSF foram cuidadosamente pesquisados em ambos os dicionários da LSF. Os resultados preliminares foram os seguintes: Dos 524 sinais, 15% (81 sinais) não foram encontrados em nenhum dos dicionários; dos 443 sinais encontrados 14% (61 sinais) foram iguais em pelo menos um dicionário da LSF; 5% (21 sinais) foram similares em pelo menos dois parâmetros fonológicos e encontrados em um ou ambos os dicionários da LSF, 81% (361 sinais) eram diferentes nos dois dicionários ou diferentes em um e não encontrados no outro dicionário da LSF. Os resultados sugerem que os sinais da LSF e da Libras atualmente diferem muito. Estudos com *corpus* histórico representativo de ambas as línguas são necessários para achados mais conclusivos. Este é um estudo preliminar e análises qualitativas serão realizadas e deverão contribuir para o entendimento da influência da LSF na Libras.

## Referências

L'ÉPÉE, C. M. A. *L'institution dessourds et muets, par la voie des signes méthodiques*. Paris, France, 1776.

---

\*Intervenant

LSF Pisourd Dictionnaire. <http://www.pisourd.ch/> Acesso: março de 2017.

PETERSON, J.; Ilustrações: Judy Ensminger Froenlke. **Língua de Sinais Brasileira, Libras**: Comunicando com as mãos. Editora Shekinah. Piracicaba, São Paulo, 1987.

SÉMATOS, le portail européen des langues de signes. <http://www.sematos.eu/lfs.html> / Acesso: março de 2017.

SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia**: A origem da língua brasileira de sinais. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas. 2011.

**Mots-Clés**: Língua de Sinais, Libras (Língua de Sinais Brasileira), LSF (Língua de Sinais Francesa), Lexicografia, Corpus.

# Approches croisées en linguistique, didactique, art et littérature sur la place du corps dans la création gestuelle artistique

Ivani Fusellier \* <sup>1</sup>, Luizete Carliez-Sobral \*

<sup>2</sup>, Olivier Schetrit \*

3

<sup>1</sup> Université Paris 8 – UMR 7023 – France

<sup>2</sup> UFPA – Brésil

<sup>3</sup> CNRS-CERMES3-EHESS – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) – France

Dans cette communication nous allons restituer l'expérience performative proposée par le projet Labex Arts 2H2 sous l'angle des regards croisés interdisciplinaires (art, anthropologie, linguistique des langues des signes, littérature et didactique).

Dans un premier temps, nous allons exposer comment le travail artistique en Langues de Signes a été intégré lors du premier volet du projet *la Performance Théâtrale au musée : une nouvelle médiation transculturelle ?* (22 mars 16) par O. Schetrit. Ce dernier relatara son processus de création face à un monument sacré dans le grand hall du Musée Guimet : *le Bouddha paré protégé par le nāga Muchalinda* (Guimet, MG, 18127) et face au public.

Dans un deuxième temps, la réflexion portera sur le travail de I. Fusellier avec un groupe d'étudiants de licence (L2-SDL) du cours HSLSF3 dont le programme basé sur *la sémiologie du corps et le fonctionnement des langues des signes* a permis de proposer un travail expérimental de performance gestuelle. Nous allons présenter les étapes du travail réalisé amenant les étudiants à s'engager dans la création d'une *mise en corps textuelle* par des gestes naturels, la pantomime et les structures visuelles et iconiques de la Langue des Signes Française (LSF). La production corporelle finalisée (en corps/signes) a donné lieu à un parcours dialogique (5 min) entre les étudiants et l'œuvre d'art : Balzac de Rodin (Centenaire de Rodin au Grand Palais du 22 mai 17).

Le travail de rencontre avec Balzac et les étudiants - novices en littérature - a été facilité par la collaboration avec le Dr. L. Carliez-Sobral. L'auteur nous a proposé une analyse introspective de l'approche humaniste de Balzac - face à la rencontre de l'autre comme inconnu - par laquelle les étudiants ont pu construire un dialogue transparent en corps-gestes-signes avec l'homme, l'écrivain et le génie Balzac dont la performance expérimentale en *mise en corps* s'est avérée à la hauteur du projet.

Notre réflexion s'achèvera sur la portée didactique de ce type de projet pour dynamiser les cours

---

\*Intervenant

universitaires dans lesquels les étudiants ne sont pas uniquement récepteurs passifs, mais aussi acteurs du processus de conceptualisation et d'apprentissage par le corps.

**Mots-Clés:** Langues des Signes, sémiologie du corps, art, didactique, langues gestuelles

# GESTUALIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS: NOTAS A PARTIR DO PRINCÍPIO SAUSSURIANO DA DUPLA ESSÊNCIA DA LINGUAGEM

Laura Frydrych \* 1,2

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGL/UFRGS) – Av. Bento Gonçalves, 9500 - Campus do Vale - Prédio 43221, sala 122 - Cep 91501-970 - Porto Alegre/Rio Grande do Sul, Brésil

<sup>2</sup> Docente efetiva no Curso de Letras Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas (FLET/UFAM) – Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I - Cep: 69080-900 - Manaus/Amazonas, Brésil

O presente trabalho, constituído a partir de um recorte de minha pesquisa de doutorado em andamento (cuja abordagem visa discutir as relações entre o aspecto gestual das línguas de sinais e a escrita da língua), tem como objetivo, de um lado, corroborar com a consideração da gestualidade no escopo dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais e, de outro, apresentar e discutir o princípio da dupla essência da linguagem, teorizado por Ferdinand de Saussure. No intuito de sustentar uma abordagem linguística sobre o gesto, a hipótese na qual se fundamenta este estudo é a de que o gesto pode ser tomado estritamente em seu aspecto material, ou enquanto signo linguístico, o qual necessariamente implica uma materialidade (SURREAUX, 2013). Assim, é possível afirmar que o gesto possui um duplo estatuto, depreendido do princípio saussuriano da dupla essência da linguagem. Buscando comprovar esse ponto de vista, fundamento minha discussão, em relação à gestualidade nas línguas de sinais, na abordagem de McCleary e Viotti (2011), principalmente, e, em relação à teorização de Saussure, nos manuscritos intitulados "De la double essence du langage" (SAUSSURE, 2011), retomando também algumas noções tais como a de signo linguístico, e a de valor presentes no "Curso de Linguística Geral" (SAUSSURE, 2006). Meu percurso aqui é composto por três partes: na primeira, trato das línguas de sinais enquanto línguas no sentido saussuriano do termo (FRYDRYCH, 2013), por ser essa a concepção norteadora, neste trabalho, para a mobilização do princípio da dupla essência à noção de gesto; na segunda parte, retomo algumas das formulações de Saussure sobre a dupla essência, ou, sobre o princípio do dualismo na linguagem, para poder deslocá-las à materialidade linguística gestual, a qual não foi por ele explicitamente teorizada; e, por fim, na terceira parte, exemplifico a discussão apresentada com exemplos de enunciados da Libras, nos quais analiso o funcionamento do princípio da dupla essência, evidenciando, assim, o estatuto linguístico da gestualidade nas línguas de sinais. Concluo que o gesto constitui a base da materialidade das línguas de sinais, e que o mesmo se reveste de valor no sistema da língua, ou seja, que ele é significado, tornado signo linguístico. E, por fim, uma vez que um signo sempre pode ser outro, com base na perspectiva da negatividade sobre o funcionamento do sistema linguístico, me valho do pressuposto de que, nas línguas sinalizadas, o gestual é significado na e pela língua em sinais.

---

\*Intervenant

## Referências Bibliográficas

FRYDRYCH, Laura A. K. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a Libras sob a ótica saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2013.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Ivani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. In: Veredas Online. Vol. 1, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) *Curso de Lingüística Geral*. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. *Science du langage – de la double essence du langage*. René Amacker (Ed.). Geneva: Librairie Droz, 2011.

SURREAUX, Luiza M. O rastro do som em Saussure. In: Nonada – Letras em Revista. Vol. 20, 2013.

**Mots-Clés:** gestualidade, línguas de sinais, Saussure

# Les liens forme-sens sublexicaux et la structure du lexique en langue des signes française (LSF)

Yana Sennikova \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> UMR Structures Formelles du Langage (SFL) – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – UPS-CNRS, 59 rue Pouchet 75017 Paris, France

Notre présentation interroge le rôle des constantes forme-sens sublexicales dans la structuration du lexique de la LSF. Nous avançons l'hypothèse que le composant paramétrique est porteur de sens en soi et ancre les liens forme-sens dans le lexique, assurant ainsi son économie. Nous présenterons les premiers résultats de notre thèse en cours qui vise à asseoir cette hypothèse. Depuis l'étude *princeps* de Stokoe (1960) on a souvent tenu pour acquis que les LS sont structurées comme les langues vocales (LV), le composant paramétrique sublexical étant comparé au phonème. Même si cette assimilation a pu être nécessaire pour établir le statut linguistique des LS, de nombreux auteurs ont souligné le statut morphémique des composants paramétriques sublexicaux, dont Cuxac (2000), dont nous adoptons l'approche, le modèle dit " sémiologique ".

Notre étude se centre sur les liens de famille entre signes lexicaux en LSF. Une famille de signes est un groupe d'unités lexicales liées par la forme et le sens (Fernald & Napoli 2000). Nous avançons que ces liens de famille, qui jouent un rôle clé dans la création lexicale en LSF (cf. Garcia & Makouke 2016), contribuent à l'économie de cette langue.

Notre méthodologie suit trois phases : i) analyse d'un corpus lexicographique de la LSF (Girod et al 1997) ; ii) analyse de 40h de discours métalinguistique d'adultes sourds (corpus *Creagest*, Garcia et L'Huillier 2011) ; iii) constitution et analyse d'un corpus produit par 3 groupes de locuteurs sourds autour d'une série de tâches élaborées à partir des analyses des phases précédentes.

Les premiers résultats confirment que la majorité des unités lexicales ont au moins un composant morphémique. De plus, les signeurs sourds recourent spontanément aux liens forme-sens déjà existants pour expliquer la forme d'UL récentes (ainsi français signé présenté comme issu de composants de écrire et signer). Nous observons toutefois que les locuteurs rejettent certaines UL récentes résultant également de liens forme-sens denses avec le lexique (comme vétérinaire). Nous proposerons plusieurs motifs à ce rejet, dont l'hypothèse d'une hiérarchisation des composants au sein du signe lexical.

## Bibliographie

Cuxac, C. (2000). La Langue des Signes Française (LSF). *Les voies de l'iconicité. Faits de langues*, 15-16. Paris : Ophrys.

Fernald, T.B. & Napoli, D.J. (2000). Exploitation of morphological possibilities in signed lan-

---

\*Intervenant

guages. Comparison of American Sign Language with English. *Sign Language Linguistics*, 3.p. 3-58.

Garcia, B. & L'Huillier, M.-T. (2011). Corpus de dialogues entre adultes sourds. Corpus Creagest-Adultes, ANR Corpus.

Garcia, B. & Makouke, D. (2016). Compounding in lexical morphology: is it relevant for French Sign Language (LSF) ? *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference (TISLR 12)*, La Trobe University, Melbourne, Australia, 4-7 January, 2016.

Girod, M. et al (1997). La langue des signes. Dictionnaire bilingue LSF/français, IVT Editions.

Stokoe, W. (1960). Sign Language Structure : an outline of the visual communication systems of the american deaf, *Studies in linguistics: Occasional papers*, 8. Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo.

**Mots-Clés:** langues des signes, langue des signes française, LSF, structuration du lexique, familles de signes, morphème



# Observer la littéracie émergente chez les jeunes enfants sourds francophones.

Laurence Beaujard \* 1

<sup>1</sup> UMR Structures Formelles du Langage – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – UPS-CNRS, 59 rue Pouchet 75017 Paris, France

Nous présenterons notre recherche qui porte sur la compréhension des processus et stratégies d'acquisition du français écrit (L2 pour les sourds) chez les très jeunes enfants sourds profonds qui, pensons-nous, du fait de leur surdité, empruntent des voies différentes de celles des enfants entendants.

L'étude du développement de la littéracie émergente chez l'enfant sourd – période précédant l'apprentissage formel de l'écrit - est complexe pour deux raisons :

- En France, aucune étude n'existe sur ce sujet. Ceci implique donc la création d'un protocole méthodologique original.
- Un grand nombre de variables est à prendre en compte : accès précoce ou non, naturel ou non à la L1 (LSF, français oral), parents sourds/entendants, signants ou oralisants, scolarisation en école bilingue, institut spécialisé, classe oraliste ou en intégration.

Nous décrirons brièvement le contexte scolaire et éducationnel dans lequel évoluent les enfants sourds en France aujourd'hui, puis nous expliciterons le choix d'un cadre théorique original qui rassemble trois corps théoriques rarement conjoints : l'*emergent literacy*, l'approche psychogénétique de l'écrit et le modèle sémiologique de description des langues des signes

Nous exposerons nos choix méthodologiques qui doivent prendre en compte l'atypie des conditions d'accès des enfants sourds à leurs langues et l'hétérogénéité qui en résulte : une étude longitudinale de 9 mois dans 3 types de classes différentes ; un corpus constitué à la fois d'écritures inventées (Ferreiro, 2000 ; Fijalkow, 2007), d'entretiens métagraphiques avec les enfants (David, 2008), d'entretiens avec les parents de ces derniers et d'observations filmées d'interactions en classe. Nous nous demanderons notamment comment définir des tâches d'écritures inventées adaptées à la fois à un public d'enfants sourds signants et/ou oralisants, et comment obtenir un corpus vidéo le plus écologique possible, en évoquant notamment les difficultés pratiques d'accès aux classes maternelles, et la situation sociolinguistique particulière des parents sourds qui peut être à l'origine de réticences diverses.

Nous évoquerons également la problématique très particulière de la transcription et de l'annotation d'un tel corpus.

Nous diffuserons enfin les tout premiers résultats de l'étude.

---

\*Intervenant

CUXAC, C. (2000). *La LSF, les voies de l'iconicité*, Faits de Langues, n°15, Ophrys, Paris

DAVID, J. (2008). " Les explications métagraphiques appliquées aux premières écritures enfantines ", *Pratiques*, 139-140, p. 163-187

FERREIRO, E. (2000). *L'écriture avant la lettre*. Paris, Hachette Education

FIJALKOW, J. (2007). " Invented Spelling in varied contexts : Introduction ". In *L1-Educational Studies in Language and Literature*, 7, 1-4

GOLDIN-MEADOW, S. (2001) " How do Profoundly Deaf Children Learn to Read? ", in *Learning Disabilities Research and Practice*, 16, 221-228

HERBOLD, J. (2008). *Emergent Literacy Development: Case Studies of Four Deaf ASL-English Bilinguals*. Unpublished Doctoral Dissertation, Tucson, AZ: University of Arizona

HOFFMEISTER, R., CALDWELL-HARRIS, C. (2014). "Acquiring English as a Second Language via Print: The Task for Deaf Children". *Cognition*, 132, 229-242

KUNTZE, M., & al. (2014). " Rethinking literacy : broadening opportunities for visual learners ". *Sign Language Studies*, Vol 14, 2, 203-224.

**Mots-Clés:** enfants sourds, littéracie émergente, acquisition, langue seconde, français écrit.

# Os aspectos comparativos da Libras entre as 5 regiões brasileiras: Transferência

Das Dores Clarissa Fernandes \*<sup>1</sup>, Azevedo Makhoul Ivonne \*

2

<sup>1</sup> Clarissa Fernandes das Dores – Brasil

<sup>2</sup> Ivonne Azevedo Makhoul – Brasil

[https://youtu.be/qdR8z\\_mgzUQ](https://youtu.be/qdR8z_mgzUQ)

**Mots-Clés:** Transferência, iconicidade, língua de sinais

---

\*Intervenant

# TERMINOLOGIA EM LIBRAS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA SURDOS: SINAIS-TERMO DOS PRONOMES PESSOAIS

Falk Moreira \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Brasília [Brasília] – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900, Brésil

Este trabalho, que se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, tem como objeto de estudo a terminologia da área de Gramática, especificamente os pronomes pessoais. A legislação vigente no Brasil garante ao surdo o ensino por meio da Libras, sendo o ensino da língua portuguesa como segunda língua, em sua modalidade escrita. Porém, diversos obstáculos linguísticos são encontrados pelo aluno Surdo na aquisição desta segunda língua. O caso dos pronomes pessoais, por exemplo, é um exemplo de conteúdo que se apresenta como uma barreira linguística no ensino do aluno Surdo. Estes conteúdos já são tratados desde os anos iniciais do ensino fundamental, referindo-se a eles como pessoas do discurso, sendo utilizados em todas as modalidades educacionais nas disciplinas de língua portuguesa, estando igualmente presente no ensino de português como segunda língua para o Surdo. Porém, para os alunos ouvintes, acostumados a fazer na sua língua materna as substituições de nomes por pronomes, o conceito de pronome torna-se mais acessível do que para os Surdos. Diferente da língua portuguesa, em que os pronomes pessoais (eu, tu, ele, ...) são marcados no discurso por termos específicos, na língua de sinais, esta referência é realizada por meio de sinais dêiticos, ou seja, por meio do apontamento do dedo indicador para o item referenciado. Deste modo, não fica claro ao Surdo todos os termos presentes dentro do campo conceitual dos pronomes pessoais, pela falta de terminologia específica em sua primeira língua para auxiliar o aprendizado da língua portuguesa. Deste modo, para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi a qualitativa, por meio da fundamentação teórica da Lexicologia e da Terminologia utilizamos estudos de Faulstich (2014). Deseja-se, por meio deste trabalho, propor sinais-termo adequado para os termos do campo conceitual de pronomes pessoais, proporcionando, assim, a possibilidade de aquisição da língua portuguesa como segunda língua pelo aluno Surdo.

**Mots-Clés:** Terminologia, Sinais, termo, Gramática, Pronomes Pessoais.

---

\*Intervenant

# Traduire la poésie en LSF vers le français : présentation d'une méthodologie expérimentale

Fanny Catteau \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Université Paris 8 – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – France

Dans cette contribution, je souhaite présenter mes recherches sur la traduction vers le français de la poésie en langue des signes et plus particulièrement sur les liens qui existent entre les phénomènes intonatifs de la langue des signes dans un contexte poétique et leurs éventuels impacts sur les choix de traductions en français vocal. L'un des objectifs au cœur de ma recherche est de déterminer comment sont constitués les groupes intonatifs (GI) en langue des signes poétiques (Blondel et Le Gac (2007)), et comment ils influencent la construction prosodique de ces traductions.

L'analyse articulatoire des mouvements de la langue des signes est nécessaire pour obtenir des informations sur sa structure prosodique. La vitesse ainsi que ses dérivées, l'amplitude, l'intensité des mouvements manuels et non manuels sont des exemples de paramètres à mesurer et à analyser pour rendre compte de la prosodie en LSF (Wilbur et Martinez (2002)). L'utilisation de la capture de mouvement permet de compléter l'analyse de données vidéos en deux dimensions en apportant des précisions sur variations dans l'espace en trois dimensions (Tanaka et Van der Hulst, 2004).

C'est pourquoi j'ai moi-même constitué un corpus avec la participation de quatre poètes sourds qui m'ont proposé des œuvres de leur répertoire. En plus d'un caméscope ordinaire, j'ai utilisé deux systèmes de capture de mouvement : le système portatif *Noitom Perception Neuron 32* et un système *Vicon*.

Grâce à ces enregistrements, j'ai pu obtenir des mesures qui pourraient me permettre de proposer une méthode de détection automatique des GI en langue des signes et d'identifier leurs composants : comme les degrés des angles de rotation des hanches et du torse, des mesures de vitesse, d'accélération et d'amplitude du mouvement.

Par ailleurs, afin de répondre à mes questionnements sur l'impact de ces GI sur la traduction en français, j'ai commencé à enregistrer des traducteurs spécialistes de la traduction de poésie en LS et ai ainsi constitué un recueil de données de traductions poétiques.

En appliquant un protocole expérimental où le corpus en langue des signes est enregistré à l'aide de système de capture de mouvement, des phénomènes prosodiques peuvent être plus finement mesurés qu'à l'œil nu.

Mes prochaines analyses, notamment celles des traductions en français vocal, me permettront de vérifier si les GI présents dans les poèmes en LSF se retrouvent dans leurs traductions en français

---

\*Intervenant

et de comprendre comment ces GI sont constitués.

Le lien entre amplitude du mouvement et intensité de la voix est par exemple une de mes prochaines pistes à explorer.

BLONDEL M, LE GAC D (2007). Entre parenthèses...y a-t-il une intonation en LSF ? Silexicales 1-16.

TANAKA & VAN DER HULST (2004). Speed of hand movement: a quantitative study, TISLR8 Proceedings

WILBUR R. B., MARTINEZ A. (2002). Physical correlates of prosodic structure in American Sign Language. In M. Andronis, E. Debenport, A. Pycha & K. Yoshimura (eds.), 693-704.

**Mots-Clés:** LSF, poésie, intonation, capture de mouvement, traduction

# Surdez, letramento e língua estrangeira - uma experiência prática do ensino da língua francesa ao público surdo bilíngue brasileiro

Juliana Rodrigues De Castro \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Colégio Pedro II – Avenida Marechal Floriano, 80 Rio de Janeiro/RJ 20080-001, Brésil

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um recorte de uma pesquisa de Doutorado realizada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com a Université Paris 8 acerca do ensino do Francês Língua Estrangeira ao público surdo brasileiro.

Sob uma perspectiva didático-pedagógica, propõe-se uma reflexão sobre o acesso do surdo bilíngue, praticante da Libras como primeira língua e do português como segunda língua, ao aprendizado das línguas estrangeiras, particularmente, do Francês Língua Estrangeira (FLE), buscando-se identificar as barreiras presentes nesse processo e propor implementações para um ensino adaptado as suas especificidades. Para isso, foram analisadas as práticas desenvolvidas em um curso de extensão de FLE para surdos realizado na Faculdade de Letras da UFRJ, cujos dados foram coletados através da filmagem das aulas e das produções dos estudantes.

Nesse estudo, considerando-se as características do bilinguismo do surdo sob a ótica de Grosjean (2004) e de Quadros (2005, 1997), preconiza-se o uso de uma abordagem bilíngue em classe, na qual a Libras tem seu lugar enquanto língua de comunicação e de ensino do FLE. Levando-se em conta o percurso linguístico dos estudantes em questão, são desenvolvidas atividades metalinguísticas utilizando-se, também, da abordagem plural (CANDELIER, 2007), através da qual o português, a Libras, o francês e a Língua de Sinais Francesa são empregados em determinados conteúdos, favorecendo o aprendizado da língua alvo e fomentando a interculturalidade.

Na perspectiva de um ensino voltado para as práticas comunicacionais, a competência leitora é desenvolvida com base nos princípios do letramento delimitados por Soares (2009) Tfouni (2010) e Kleiman (2012), abordando-se estratégias de leitura e compreensão textual propostas por Tagliante (2005, 1994) e Moirand (1979) no campo da Didática do FLE, observando-se as adequações pedagógicas necessárias em função das especificidades linguísticas e socioculturais do público surdo.

Referências bibliográficas:

CANDELIER, M. (org.). *CARAP – Cadre de Référence pour les Approches Plurielles des Langues et des Cultures*. Strasbourg : Centre Européen pour les Langues Vivantes / Conseil de l'Europe, 2007.

---

\*Intervenant

GROSJEAN, F. *Bilinguisme, biculturalisme et surdité in : Le bilinguisme aujourd'hui et demain*. Paris : CTNERHI, Coll. Point sur..., 51-70, 2004

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. 2.Ed. Campinas: Mercado das Letras, 2012

MOIRAND, S. *Situations d'écrit: compréhension, production en langue  trang re*. In: *Didactique des Langues  trang res*. Cl  International, Paris, 1979

QUADROS R. M. O 'Bi' em Bilinguismo na educa o de surdos. In: FERNANDES E. (Org.) *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Editora Media o, p. 26-36, 2005

\_\_\_\_\_. *Educa o de surdos: a aquisi o da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

TAGLIANTE, C. *L' valuation et le Cadre Européen Commun*, Paris, CLE International, coll. Techniques et pratiques de classe (1<sup>a</sup> Ed. 1991), 2005

\_\_\_\_\_. *La classe de langue*, Paris, CLE International, 1994

TFOUNI, L. V. (Org) *Letramento, escrita e leitura*. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2010

**Mots-Clés:** Letramento, Franc s Língua Estrangeira, abordagem bilíngue, abordagem plural



# Conditions et modalités de la narration graphique de l'enfant sourd ou entendant : quelles compétences dialogiques à l'école primaire ?

Elisabeth Maizonnier-Payelle \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> UFR Sciences de l'Homme et de la Société (CIRNEF) – Normandie Université, Normandie Université – Université de Rouen Rue Lavoisier 76821 Mont Saint Aignan, France

À quelles conditions les élèves expérimentent-ils les différentes modalités de communication pour *in fine* accéder à l'écriture et à la lecture au sens conventionnel le plus normé en langue française ? Selon quelles modalités les enfants échangent-ils leurs expériences graphiques en fonction des difficultés rencontrées, notamment en situation de handicap. La mise en œuvre de conditions pédagogiques propres à valoriser chaque manière d'être face à l'écrit, vécue en observation participante selon une approche anthropologique, dévoile la co-construction des savoirs communs. Cette manière d'être *avec* l'Autre serait la condition première du projet individuel communicationnel, accepté *sui generis* par l'adulte, pour accéder aux compétences langagières partagées. Nous postulons que les repères spatio-temporels marquant l'espace de la page écrite sont d'abord vécus en termes de spatialité de l'environnement de l'enfant par le déplacement du corps et la mise en œuvre des espaces d'interlocution élaborés par la communauté éducative à l'école. La narration graphique enfantine concourrait à développer les compétences dialogiques de tous les élèves.

Bibliographie

Cuxac, C. (2000). La Langue des Signes Françaises (LSF). Les voies de l'iconicité. *Faits de langues*, 15-16. Paris, France : Ophrys.

Bouvet, D. (1982). *La parole de l'enfant. Pour une éducation bilingue de l'enfant sourd*. Paris : PUF.

Ingold, Tim (2013). *Marcher avec les dragons*. Le Kremlin-Bicêtre, France : Éditions Zones Sensibles.

Reuter, Y. (2006, décembre). A propos des usages de Goody en didactique. Éléments d'analyse et de discussion. Dans *Pratiques*, 131-132, p. 131-154.

Souriau, J (2000, 1). Introduction : surdi-cécité et développement de la communication. Dans *Revue Enfance*, 53, [en ligne], 3-18. Récupéré [le 25 avril 2018] du site Persée : [https://www.persee.fr/docAsPDF/7545\\_2000\\_num\\_53\\_1\\_3165.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/7545_2000_num_53_1_3165.pdf)

---

\*Intervenant

**Mots-Clés:** Anthropologie relationnelle, école primaire, littératie, narration graphique enfantine, situation de handicap.

# Didactique et stratégies d'enseignement du français écrit pour un public d'enfants sourds en école primaire

Daniela Martos Morais \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Structures Formelles du Langage – Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR7023, Université Paris Lumières, Académie de Créteil, Campus Condorcet, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis – Bâtiment D salle 324 2 rue de la Liberté 93526 Saint-Denis, France

De nos jours les parcours scolaires proposés aux enfants sourds sont sujets de débats intenses en France et dans le monde. Actuellement, différentes études - Courtin (2002), Perini (2013) - révèlent le rôle essentiel de la langue des signes (LS) dans la scolarité des enfants sourds. Depuis la loi Fabius de 1991 qui a permis aux parents d'enfants sourds de choisir un enseignement en langue des signes française (LSF) dans un parcours bilingue et la loi du 11 février 2005 reconnaissant la LSF comme langue à part entière, des outils pédagogiques adaptés au public sourd ont émergées du terrain.

L'objectif de l'étude est de diffuser l'expérience d'enseignement auprès d'enfants sourds signeurs de petite section au CM2 en passant par l'enseignement du français. Cet étude envisage mettre en évidence les stratégies didactiques utilisées actuellement dans les classes bilingues en France, afin de rendre possible l'échange des techniques entre les professionnels français et brésiliens.

La classe bilingue (CP/CM1) de Bobigny (Ile de France), ouverte en septembre 2013, a été choisie comme terrain d'observation. Pendant un mois les activités quotidiennes de la classe ont été observées et décrites sur un journal de terrain. Les notes obtenues grâce à cette observation ont permis de rassembler des éléments didactiques notamment sur l'enseignement du français. Les données ont aussi été enregistrées sous forme de photos et vidéos.

Les pratiques didactiques trouvées sur le terrain ont montré des résultats efficaces. Le travail auprès d'enfants sourds en intégration et en classe bilingue a rendu possible le rassemblement d'outils didactico-pédagogiques créés au cours de six ans de réflexions. Il s'agit des outils bilingues en général de la maternelle à l'élémentaire passant d'abord par la sensibilisation de l'enfant sourd à la LSF ensuite par l'enseignement de concepts fondamentaux comme la notion de temps (des moments de la journée/ semaine/ mois chez les tous petits aux temps verbaux chez les plus grands) enfin par l'apprentissage du français (de l'alphabet en LSF/ petits mots en français en maternelle aux phrases plus complexes à l'école élémentaire). Les outils de mémorisations des concepts appris en classe particulièrement très visuels sont matérialisés par des jeux, des dessins, des photos, de livres créés à but précis, des vidéos et des sketches. Les élèves sourds semblaient réussir les activités demandées en se servant de ces techniques.

*Références* : **Fusellier-Souza, I.** (2000) ; **Garcia, B.** (2010) ; **Gillot, D.** (1998) ; **LEROY, E.** (2010). Didactique de la langue des Signes Française, langue 1, dans les structures d'éducation en

---

\*Intervenant

langue des signes. Attitudes et stratégies pédagogiques de l'enseignant Sourd. Thèse de Doctorat en Sciences du langage, Paris, Université de Paris 8 - Vincennes - Saint-Denis – École doctorale Cognition, Langage, Interaction U.F.R. Sciences du Langage.; **L'HUILLIER, M.-T.**(2009). *Comment faire évoluer les troubles de l'écoute visuelle chez l'enfant sourd. Analyse longitudinale et transversale d'une expérimentation des activités perceptives et interactives avec le pointage et la visée "donner à voir"*. Mémoire de recherche. Master 2 en Didactique de langues étrangères, Sciences du langage, Paris, Université de Paris 8-Vincennes-Saint-Denis.

**Mots-Clés:** Didactique, enfant sourd signeur, enseignement français, école primaire, outils pédagogiques, observation terrain, stratégies d'enseignement, techniques ludiques.

# Ceci n'est pas de la langue – des signes : représentations emic et etic des langues gestuelles

Pierre Schmitt \* 1

<sup>1</sup> EHESS – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), École des Hautes Études en Sciences Sociales [EHESS] – France

Les langues des signes sont des langues. Derrière cette affirmation désormais tautologique se dissimule de multiples représentations, descriptions, discours, modèles et pratiques qui visent, tantôt explicitement, tantôt implicitement, à dessiner les contours de ce qui relève ou non de ce statut linguistique au sein même des langues des signes.

Cette communication se propose d'explorer les tensions entre les modèles théoriques de description linguistique (cf. *Langage et société* numéro 31) et les représentations des locuteurs, notamment à partir des discours sur la langue qui encadrent ou accompagnent les créations artistiques en langue des signes.

Ainsi, certains poèmes en langue des signes sont dits " intraduisibles "1, tandis que certains linguistes les identifient comme structures de grande iconicité (*HIS*) – dont les unités posent précisément problème et débats méthodologiques en ce qui concerne leur retranscription. Certaines prestations sont désignées comme ne relevant pas de la langue des signes, par exemple, car l'usage des expressions du visage ne correspond pas à une langue des signes du quotidien2, tandis que les linguistes débattent sur le statut de ces expressions faciales. Des formes contemporaines telles que le " VV " (*Visual Virtual*), le chansigne, ou certaines expérimentations théâtrales explorent de manière créative les limites des langues gestuelles tout en se positionnant face à ce que les artistes et publics considèrent comme relevant ou non de ces langues et/ou du Langage des sourds (Cuxac, 1983).

A l'instar de l'exploration des " Points de vue "emic" et "etic" pour la description de la surdité " (Schmitt, 2012), cette communication invite donc à une confrontation entre des représentations "etic" - de la part des " sciences du langage " et *Gesture Studies* - et "emic" – de la part des locuteurs – pour la description des langues gestuelles. Cette confrontation se fera à partir de l'étude d'un corpus d'oeuvres (VV, chansigne, théâtre, poésie) - extraits vidéos et/ou photos – et de leur réception qui visera à en extraire certaines idéologies linguistiques (Kusters, 2018) "emic" dont il s'agira de repérer les convergences, coïncidences, tensions, contradictions, oppositions avec les représentations "etic" issues des théories linguistiques.

Il ne s'agira ni plus ni moins que de réfléchir d'une manière originale – méthodologie (ethnographie, anthropologie linguistique), corpus, comparatisme etic/emic - aux limites des langues vocales et gestuelles – un certain nombre de point de tensions évoqués émergents dans des cas et

---

\*Intervenant

expériences de traduction – telles que se les représentent, aujourd’hui, les locuteurs des langues des signes et ceux qui cherchent à les décrire de manière scientifique. En définitive, de quelle manière ces représentations influencent-elles la transmission, l’enseignement et la diffusion contemporaine des langues gestuelles dans des sphères sociales variées (école, université, espace public, théâtre, télévision...) ?

1A l’instar de l’artiste sourd Levent Beskardès qui refusa longtemps toute démarche de traduction de ses poèmes.

2Les clips " Savoir aimer " de Florent Pagny ou plus récemment " My Valentine " de Paul McCartney, bien que présentés comme interprétés en langue des signes, furent vivement critiqués comme n’étant pas de la langue des signes en raison de leur usage "singulier" des expressions du visage.

**Mots-Clés:** Pratiques artistiques, traduction, idéologie linguistique, représentations "emic/etic"

# O uso do glossário bilíngue para o ensino e aprendizagem do Português como segunda língua para Surdo

Machado De Almeida Francilene \*<sup>1</sup>, Prometi Daniela \*

<sup>1</sup>, Castro Júnior Gláucio \*

1

<sup>1</sup> Universidade de Brasília [Brasília] – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900, Brasil

Para a divulgação dos critérios de acessibilidade linguística na educação de Surdos, apresentamos um modelo de um repertório bilíngue, que no nosso caso é a Libras e o Português como segunda língua. O trabalho tem como objeto de estudo, mostrar a importância do uso do glossário bilíngue dentro do ensino do Português como segunda língua para Surdo e dos sinais da Libras da área de Português para a aprendizagem dos Surdos nas escolas. A proposta de organização do glossário bilíngue (Libras - Português) segue o modelo de organização da estrutura do verbete de Tuxi dos Santos (2017), tendo como objetivo propor uma estrutura do verbete de um glossário bilíngue da área de Português. Para Faulstich, explica que dentro do glossário tem a microestrutura, que é o verbete composto pela entrada, categoria gramatical, definição, contexto, e outros elementos, que significa verbete pronto (FAULSTICH, 1995). Em um glossário bilíngue, como Português e Libras, a organização e forma de registro são diferenciadas. Surgem alguns questionamentos: a) Se o glossário só com os verbete escrito em português promove a aprendizagem para o Surdo?; b) é possível criar um verbete para a Libras que seja uma estratégia de acessibilidade de ensino e aprendizagem do português como segunda língua para o Surdo? Os questionamentos acima norteiam esse trabalho, e nos leva a pensar e mostrar como seria o modelo do verbete de glossário bilíngue que atenda o aprendizado da Libras e do Português como segunda língua do Surdo.

## Referências Bibliográficas:

FAULSTICH, E. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação. Brasília, v.24, n.3, p.281-288, 1995

\_\_\_\_\_. Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários. Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.

---

\*Intervenant

\_\_\_\_\_. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M.M. Lima (org.) Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais. cap. 6. GO: Cênone, 2007, p.119-142.

QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TUXI DOS SANTOS , P. A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. Tese doutorado em Linguística. Brasília , p. 278. 2017.

**Mots-Clés:** Surdo, Glossário bilíngue, Libras, Português como segunda língua, Ensino.



# A leitura e compreensão de surdos brasileiros sobre vídeos com legendas em português: evidências de estudos sobre o comportamento ocular.

Vieira Patrícia Araújo \*<sup>1</sup>, Araújo Santiago Vera Lúcia \*

, Elisângela Nogueira Teixeira \*

, Lima Mariana Farias \*

1

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará – Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza - CE, CEP 60020-181, Brasil

Esta pesquisa surgiu a partir dos estudos exploratórios realizados pelos pesquisadores do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) sobre a leitura e a compreensão de surdos brasileiros lendo a LSE (Legendas para Surdos e Ensurdecidos) enquanto assistiam a programas audiovisuais brasileiros. Em 2012, um estudo exploratório (ARAÚJO et al, 2013) realizado com 34 surdos brasileiros revelou que os surdos não demonstravam ter dificuldade para compreender as legendas em português na velocidade alta (180 palavras por minuto) e inclusive apresentavam detalhes sobre o conteúdo do texto das legendas. A partir desse estudo, surgiu a hipótese de que a velocidade das legendas não seria um entrave para a compreensão por parte dos espectadores surdos, conforme a priori o grupo de pesquisadores pensava. Karamitroglou (1998), sobre a leitura de legendas, afirma que para que espectadores em geral consigam ler e compreender as legendas de forma confortável, cada linha de legenda deve respeitar a estrutura dos sintagmas e orações, possibilitando assim um menor esforço cognitivo. Caso contrário, a leitura poderá ser comprometida causando esforço cognitivo desnecessário e para os surdos a sensação de que as legendas estão em uma velocidade acima do que podem suportar. Dessa forma, nosso objetivo foi investigar pelo comportamento ocular a influência da velocidade e da segmentação linguística na LSE durante a recepção de um documentário. Este estudo contou com 16 participantes, sendo 8 surdos (grupo experimental) e 8 ouvintes (grupo controle), tendo como estímulo quatro vídeos com a LSE manipulada na língua portuguesa em velocidades lentas (145 palavras por minuto) e rápidas (180 palavras por minuto) com problemas ou não na quebra de linhas de uma mesma legenda quanto à segmentação linguística. Os resultados sugeriram que quando os vídeos apresentam legendas na velocidade rápida e sem problemas de segmentação linguística entre as linhas de uma legenda, os surdos apresentam uma melhor compreensão e inclusive conseguem apresentar mais detalhes sobre o conteúdo do documentário.

---

\*Intervenant

Referências:

ARAÚJO, V. L. S.; MONTEIRO, S. M. M.; VIEIRA, P. A. Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): Um estudo de recepção com surdos da região Sudeste. **TRADTERM**, v. 22, 2013, p. 273-292.

Disponível em: . Acessado em 21 maio 2014.

KARAMITROGLOU, F. **A Proposed Set of Subtitling Standards in Europe. In: Translation Journal**, v. 2, n. 2, p. 1- 15, 1998.

Disponível em: Acesso em: 15 março 2011.

VIEIRA, PATRÍCIA ARAÚJO; SANTIAGO ARAÚJO, VERA LÚCIA . A influência da segmentação linguística na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) em documentários televisivos. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM**, v. 11, p. 1797, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36913>. Acessa em: 29 de abril de 2018.

**Mots-Clés:** Leitura de legendas, surdos, movimentação ocular.

# O dicionário de línguas gestuais *Spread the Sign*, enquanto ferramenta pedagógica aplicada a diversos contextos de ensino

Orquídea Coelho \*<sup>1</sup>, Bruno Mendes \*

1

<sup>1</sup> Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto – Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal, Portugal

Orquídea Coelho\*<sup>1</sup> and Bruno Mendes\*<sup>1</sup>

\*<sup>1</sup> Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal

## Résumé

O *Spread the Sign* (STS) é um dicionário multilingue, *online*, de línguas gestuais e línguas vocais, de acesso gratuito e livre, que possibilita a conexão imediata entre distintas línguas gestuais e vocais, através de pesquisa unidirecional, realizada a partir das línguas vocais escritas.

Este projeto nasceu em 2006, produto da criação de um consórcio de equipas de seis países europeus (Espanha, Lituânia, Portugal, República Checa, Reino Unido e Suécia), financiado pelo Fundo Social Europeu. Ao longo dos últimos doze anos, o STS tornou-se um caso de expansão à escala global, o que faz com que seja considerado o maior dicionário do mundo. Atualmente é composto por quase quatro dezenas de países dos cinco continentes, o número de vídeos disponíveis em distintas línguas gestuais ultrapassa os 390.000 e é utilizado por milhões de pessoas surdas e ouvintes em todo o mundo.

O objetivo da nossa comunicação é apresentar uma análise da evolução do STS ao longo dos anos, durante os quais este passou de um dicionário focado em vocabulário de áreas de ensino vocacional/profissional (Martins, Ferreira & Mineiro, 2012), para um dicionário que reflete a preocupação de incorporar vocabulário "comum", focado em distintas áreas do conhecimento, designadamente no âmbito educativo e do léxico de especialidade de distintas áreas disciplinares. Será também alvo da nossa análise a introdução recente de novas valências e funcionalidades, tais como imagens, som, aplicações para dispositivos móveis, Google Maps e Spread Lesson, que o tornaram numa referência neste domínio.

---

\*Intervenant

De uma forma detalhada, iremos centrar a nossa atenção focando-nos no uso e aplicação do STS, os quais variam da consulta por mera curiosidade, até ao uso enquanto ferramenta pedagógica aplicada aos mais diversos contextos e níveis de ensino, de especialidade e de pesquisa. Neste ponto destacaremos a importância da democratização do acesso a recursos lexicográficos, como forma de contribuir para o desenvolvimento e estabilização das línguas gestuais e a equacionar a possibilidade da criação de uma valência que possibilite a pesquisa terminológica bidirecional (Carvalho, 2015).

Concluimos que o aumento da procura e a diversidade dos utilizadores têm vindo a conferir ao STS responsabilidades acrescidas, merecendo uma reflexão e atenção reforçadas, especificamente no que concerne à expansão e fixação do léxico nas línguas gestuais, bem como à importância e responsabilidades atribuídas, enquanto ferramenta pedagógica acessível de amplo alcance.

### **Referências bibliográficas**

Carvalho, Paulo (2015). A emergência do léxico de especialidade na Língua Gestual Portuguesa: proposta de construção de um dicionário bilingue-bidirecional online. Tese de Doutoramento em Ciências da Saúde-Linguística da Língua Gestual Portuguesa. Lisboa: Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Martins, M., Ferreira, P. & Mineiro, A. (2012). *Os dicionários e os avatares gestuais: o que são, como se fazem e para que servem*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

**Mots-Clés:** dicionário multilingue, línguas gestuais, ferramenta pedagógica, contextos de ensino

# Proposta de dicionário infantil bilíngue Libras/português

Severina Batista De Farias Klimsa \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> UFPE – Brésil

Os dicionários são obras importantes para o registro do léxico de diferentes línguas, sejam estas orais ou visuais, e para o contexto escolar. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem uma tradição antiga na produção de dicionários. O objetivo de nossa tese é propor um modelo de dicionário infantil bilíngue Libras/Português destinado a crianças surdas em processo de alfabetização inicial do primeiro ano do ensino fundamental. Para a elaboração dessa proposta, seguimos as orientações estabelecidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para os dicionários do Tipo 1, que corresponde ao 1º ano do ensino fundamental. Inicialmente, para compreendermos as escolhas lexicais adotadas pelos autores, realizamos uma pesquisa nos dicionários: Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó, Meu Primeiro Dicionário Saraiva da Língua Portuguesa Ilustrado e Blucher infantil ilustrado, obras aprovadas e adequadas ao contexto escolar pelo respectivo programa. Nosso corpus é composto por 500 verbetes pertencentes ao universo infantil, selecionados do Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (2001) e dos três volumes do livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação (2009). A pesquisa se insere na área de estudos da lexicografia de acordo com os estudos de Biderman (1998), Carvalho (2001), Barros (2004), e da Libras com os trabalhos de Felipe (1989), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (2010). Os resultados demonstram que é possível a criação desse tipo de obra em Libras, pois contribuirá para o desenvolvimento educacional das crianças surdas e, como recurso didático, apoiará o trabalho de professores em sala de aula.

**Palavras-chave:** Lexicografia, Libras, Dicionário Bilíngue.

## Referências

BIDERMAN, M; T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; IS-QUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998a, p. 18.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

FELIPE, T. A. **A estrutura frasal na LSCB**. In: Anais do IV Encontro Nacional da AN-POLL, Recife, 1989. p.663-672.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 2010.

---

\*Intervenant

QUADROS, R. M. DE.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Mots-Clés:** Lexicografia, Libras, Dicionário Bilingue.

# Ecrits de Sourds ou écriture sourde ? Caractéristiques, facteurs explicatifs et enjeux didactiques.

Marie Perini \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> UMR Structures Formelles du Langage – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – UPS-CNRS,  
59 rue Pouchet 75017 Paris, France

La singularité de la situation d'acquisition de l'écrit chez les sourds, qu'ils soient locuteurs ou non de la langue des signes française (LSF), et la faiblesse des réponses pédagogiques apportées, conduisent une majorité d'entre eux à d'importantes difficultés avec l'écrit, à la fois en termes de niveau de littératie (Goldin-Meadow et Mayberry 2001) et de rapport entretenu avec la langue écrite (e.g Garcia et al. 2007). Mais l'analyse de leurs productions écrites révèle un aspect bien plus singulier encore : la forte ressemblance de ces écrits entre eux, aux niveaux discursif, morphosyntaxique et lexical (Charrow 1975, et pour le français Lacerte 1988, Daigle et al. 1998). Notre étude se fonde sur l'analyse d'un corpus de vingt textes de sourds de profils sociolinguistiques variés, comparés à vingt textes d'entendants de français langue maternelle (FLM) ou seconde (FLS), confrontés à la même tâche de production d'un récit.

Cette analyse réalisée à un niveau global (analyse discursive) et local (morphosyntaxe, lexicale) a permis de dégager un ensemble de marqueurs, dont la densité est corrélée au profil éducationnel du scripteur sourd, et que l'on peut lier à une pluralité de facteurs explicatifs. Outre l'absence de contextualisation chez les plus faibles, s'expliquant par des méthodes éducatives n'ayant pas permis de comprendre les spécificités énonciatives de l'écrit, on relève des caractéristiques équivalentes à celles d'entendants apprenants du FLS (confirmant s'il le fallait que le français écrit est bien L2 pour les sourds), mais également des formes spécifiques au seul public sourd, qui semblent motivées par une logique visuelle (localisant avant localisé : *Mur, je prends à la table* ; importance du détail : *avec un clou frappe marteau pour crochet*).

Nous concluons sur l'importance de la connaissance et de la reconnaissance de ces caractéristiques, indices (a minima) de voies autres d'appropriation de l'écrit, dans la conception de démarches didactiques pour l'enseignement du français écrit aux sourds.

## Références bibliographiques :

**Charrow, V. R. (1975).** A psycholinguistic analysis of 'Deaf English'. *Sign Language Studies*, vol. 4, 7, p. 139-149.

**Daigle, D. & Dubuisson, C. (1998).** " Que peut-on conclure des recherches portant sur l'écriture ? " In C. Dubuisson et D. Daigle (dir.), *Lecture, écriture et surdité*, Montréal, Les

---

\*Intervenant

Editions logiques, 131-151.

**Garcia, B., Braffort, A., Boutet, D. Dalle et P. (2007).** " Sign Language (SL) in Graphical Form : Methodology, modélisation and representations for gestural communication ", Actes du IIe Congrès international ISGS (International Society for Gesture Studies) Corps en interaction, organisé par le laboratoire ICAR, Lyon, ENS, 15-18 juin 2005, p. 1-14.

**Goldin-Meadow, S. & Mayberry, R. I. (2001).** " How do Profoundly Deaf Children Learn to Read ?" *Learning Disabilities Research and Practice* (Special issue : *Emergent and early literacy : Current status and research directions*), 16, 221-228.

**Lacerte, L. (1988).** " La langue des signes québécoise (LSQ) et le français : difficultés à l'écrit chez la personne sourde. " mémoire de maîtrise, Montréal : Université de Québec à Montréal.

**Mots-Clés:** Surdit , langue des signes française (LSF), littératie, lectes d'apprenants, acquisition de l' crit



# Libras, prá que te quero? A apropriação dos multiletramentos por alunos surdos do Letras/Libras

Ana Maria Zulema Pinto Cabral Da Nóbrega \* <sup>1</sup>, Wanilda Maria Alves Cavalcanti \*

, Roberta Varginha Ramos Caiado \*

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – Rua do Príncipe, 526. Boa Vista - Recife, PE - Cep: 50050-900 - Brasil, Brésil

A educação de surdos, ao longo da história, tem recebido influências de diferentes filosofias educacionais, dentre as quais se destacam o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. A Lei 10.436/2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a língua natural dos surdos brasileiros e lhes assegura o ensino da Libras como L1 e do Português escrito como L2. Para atender a essas exigências a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), propõe o curso de Licenciatura em Letras/Libras, na modalidade Educação a Distância, doravante EAD, no ano de 2010. A turma pioneira, encerrada em 2013.2, recebeu alunos surdos e ouvintes. Nesta perspectiva, o curso por ser na modalidade EAD, requer e, ao mesmo tempo, oferece ao seu aluno, dentre outras propostas, práticas de multiletramentos, que exigem o uso e conhecimento da Libras como L1. Neste sentido, questionamos: como está o conhecimento linguístico da Libras que os surdos detêm ao ingressarem na Universidade? Como esses sujeitos estão lidando com as novas práticas de multiletramentos exigidas pelas novas tecnologias informacionais? Frente a tal realidade, esta pesquisa teve como objetivo investigar as contribuições linguísticas da Libras, adquiridas durante o Curso de Letras/Libras – UAB/UFPB - que favoreceram às inúmeras possibilidades de práticas de multiletramentos dos seus alunos surdos. Para alcançarmos nosso intuito realizamos, no período entre 23 de maio a 06 de junho de 2014, entrevistas com quatro sujeitos surdos da Cidade de Campina Grande – PB, que ingressaram na turma pioneira do curso supracitado. Posteriormente, consultamos o Projeto Político Pedagógico e roteiros semanais das disciplinas cujas ementas tratavam: a) ensino de Libras como L1 e b) abordaram conteúdos linguístico de Libras. Na análise, comparamos as falas dos sujeitos com as proposituras das atividades selecionadas. Como referencial teórico desta pesquisa adotamos os estudos enunciativos de Bakhtin, os estudos socioculturais de letramento de Rojo, Street, Lemke, além das pesquisas acerca da aquisição tardia da Libras como L1 para os surdos, bem como do ensino Bilíngue para estes desenvolvidas por Souza e Quadros. Identificamos, a partir dos dados analisados, que os sujeitos investigados: a) Tiveram aquisição tardia da sua L1, a Libras; b) Ingressaram na Universidade com déficits de conhecimentos linguísticos básicos da sua L1, Libras; c) Tiveram, pela primeira vez, a oportunidade de estudar aspectos linguísticos da Libras no Curso de Letras/Libras; e d) Que a apropriação dos conhecimentos linguísticos

---

\*Interveniant

contribuiu para a ampliação de diferentes práticas de multiletramentos de seus alunos surdos, através do uso dos recursos da tecnologia informacional e de um maior acesso às informações veiculadas na mídia, propiciando produções acadêmicas e literárias. Nesta perspectiva, o presente estudo, não só identifica a relação dos conhecimentos linguísticos da Libras com as diferentes práticas de letramentos, mas também oferece uma visão panorâmica de como foi a educação básica dos sujeitos investigados além de trazer contribuições significativas para a educação de surdos e de se constituir importante subsídio para as futuras investigações nas áreas de surdez, multiletramentos e EAD.

**Mots-Clés:** Letras/Libras, Surdos universitários, Conhecimentos linguísticos da Libras, Práticas multiletradas

# EXPERIÊNCIA DIDÁTICA: ENSINO DE PORTUGUÊS COMO L2 PARA SURDOS / GÊNEROS ACADÊMICOS

Alda Leaby Oliveira Araujo Caetano \* 1

<sup>1</sup> Université Fédérale de Campina Grande [Brésil] – Aprigio Veloso, 882, CEP 58429-900, Campina Grande/PB, Brésil

## RESUMO:

O presente trabalho traz um relato de experiência da disciplina de Português II do curso de Licenciatura em Letras/Libras da Universidade Federal de Campina Grande (PB/ Brasil). O objetivo é apresentar a didática utilizada para o ensino dos gêneros textuais acadêmicos a alunos Surdos, na perspectiva bilíngue, em que Libras – Língua Brasileira de Sinais que é usada durante todo processo de ensino como L1 e a Língua Portuguesa como L2. Segundo (Quadros 2006), a concepção de bilinguismo na escola precisa conceber a interação das duas línguas. Em debate sobre o tema na sala de aula, alunos Surdos relatam que quando criança não tinham hábitos de leitura, tampouco discursões e produções de textos na L2. A exposição a leituras de textos deve começar muito cedo, pois a surdez não é a causa da dificuldade de aprendizagem de uma segunda língua, e sim a metodologia de ensino (PEREIRA,2011). Para a disciplina de Português II, dividimos os conteúdos em três unidades, sempre trabalhando um gênero acadêmico. A proposta se baseia na teoria discursivo-interacionista. Na unidade I, trabalhamos o gênero resumo, na unidade II, o gênero relato de experiência e na unidade III o artigo científico. A metodologia utilizada oportuniza os alunos surdos vivenciarem os gêneros em L1 para chegar a produção na L2. A sequência didática elaborada para a produção dos gêneros acadêmico textual contempla: conhecimento sobre o gênero em pauta, debates, vivências através do teatro em L1 (histórias de vida, filmes, vídeos e documentários), leituras prévias na L2 de diversos tipos de resumos e produção escrita (troca de textos escrito entre eles e textos acadêmicos) . Para o gênero acadêmico textual, relato de experiência, realizamos uma visita à escola bilíngue de Campina Grande e a uma escola inclusiva, com o objetivo de conhecer a metodologia usada pelos professores de Português. Como também uma entrevista aos alunos surdos a fim de saber como tem sido a experiência do aprendizado da língua portuguesa como L2. Mediante as visitas e entrevistas realizadas, os alunos escreveram o relato de experiência e apresentaram em sala. Na unidade três, estudamos o gênero artigo científico. A atividade proposta foi produzir um resumo de um artigo científico com base nos debates feitos em sala de aula, textos e pesquisas à respeito do ensino de Português como segunda língua para Surdos. Durante o processo de produção, houveram momentos de reescrita e orientação extra sala. Percebemos resultados significativos no processo de aprendizagem dos gêneros acadêmicos apresentados como também na produção escrita da língua portuguesa como L2.

## Referências:

---

\*Intervenant

PEREIRA, M.C.C. *O ensino de português como segunda língua para Surdos: princípios teóricos e metodológicos*. Educar em Revista, Curitiba: Edição Especial n.2/2014.p143-137.

LODI Ana Claudia Ballieiro (org.), MELO Ana Doziart Barbosa (org), FERNANDES Eulalia (org.) . *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre : Mediação 2012.

DINISIO Angela Paiva(org.), MACHADO Anna Rachel(org.), BEZERRA Maria Auxiliadora ( org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro :Lucerna ,2002.

MEURER J.L.(org.), BONINI Adair(org.), ROTH Désirée Motta (org.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Editora Parábola Editorial , 2005.

**Mots-Clés:** Didática, Bilinguismo, Libras, Português, Gêneros Acadêmicos

# Didática do Português para Alunos Surdos em Escolas Regulares Moçambicanas

Názia Anita Cardoso Nhongo Bavo \*<sup>1</sup>, Orquídea Coelho \*

2

<sup>1</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto – Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal, Portugal

<sup>2</sup> Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto – Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal, Portugal

Este trabalho representa uma parcela de um estudo de doutoramento e versa sobre a didática do português para alunos surdos, em turmas regulares moçambicanas. A articulação entre Língua de Sinais (LS) e Língua Portuguesa (LP) é o principal fator de sucesso educativo da criança e do jovem surdo. Esta constante relação de paralelismo e complementaridade linguística - forma particular de bilinguismo - deve ser sempre respeitada em qualquer processo de ensino e aprendizagem de uma criança ou jovem surdo (Baptista, 2011). Nas escolas regulares moçambicanas, designadas "escolas inclusivas", os alunos surdos são submetidos a um modelo de ensino do português, modalidade escrita, orientado para ouvintes. Muitos desses alunos são filhos de pais ouvintes e não dominam a LSM (Língua de Sinais Moçambicana). Sustenta (Silva, 2016) que não há como aprender/ensinar uma L2 sem que os alunos tenham sistematizado a sua língua primeira. O processo de ensino/aprendizagem desses alunos fica comprometido, não havendo progressão na LSM nem na LP.

Entrevistámos alunos surdos, professores de LP e outros atores educativos envolvidos no trabalho com alunos surdos numa escola regular moçambicana.

Analisamos as linhas metodológicas seguidas no processo de ensino/aprendizagem do português, procurando identificar aspetos fulcrais que urge considerar e assegurar nesse processo, tendo-se concluído que não existe uma metodologia adequada aos alunos surdos, o que concorre para o insucesso, analfabetismo e iliteracia no campo de ambas as línguas.

## Referencias bibliográficas

Baptista, José Afonso (Coord.) (2011). Programa De Português L2 para Alunos Surdos: Ensino básico e secundário. Lisboa: DGIDG, Ministério da Educação. Disponível em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/portugueslingua2\\_1\\_.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/portugueslingua2_1_.pdf). Acessado a 27 de abril de 2018.

Silva, Wellington Jhonner (2016). Práticas de Ensino de Língua Portuguesa Escrita como Segunda Língua para Surdos. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Catalão.

---

\*Interveniant

**Mots-Clés:** Ensino do Português, Alunos Surdos, Escolas Regulares

# LIBRAS PERNAMBUCANA: SUBSÍDIOS PARA UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA REGIONAL

Severina Batista De Farias Klimsa \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> UFPE – Brésil

Os estudos lexicográficos das línguas de sinais, se comparado ao das línguas orais, especialmente pelo reconhecimento de seu status linguístico são bem recentes. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida pela Lei Federal 10.426, em 2002. A partir de então, diversos estudos vêm comprovando que uma língua de sinais possui todos os aspectos linguísticos de uma língua oral, inclusive íngua oral, inclusive os regionalismos. Este artigo trata de uma proposta lexicográfica para os sinais da Libras usadas pela comunidade surda em Pernambuco. A ideia surgiu a partir das aulas de Libras no ensino superior, pois a maioria das obras lexicográficas para consulta pelos alunos, não trazem sinais específicos utilizados no Estado. A metodologia consistiu numa pesquisa para coleta dos dados para a proposta. Para o registro dos sinais, foi preciso contatar o regionalismo a partir dos sinais usados pelos surdos da zona da mata, agreste e sertão pernambucano. O corpus consta de 500 sinais, dos quais selecionamos 30 para compor este artigo. Nosso trabalho enquadra-se nos estudos lexicográficos e como referência os estudos de Biderman (1998), Carvalho (2001), Quadros & Karnopp (2004) e Felipe (1989). Com os resultados de novos estudos, comprovamos que é possível a elaboração de uma obra lexicográfica com sinais genuinamente pernambucanos que pedem auxiliar os professores no processo ensino-aprendizagem de Libras não só na educação superior, mas em todos os níveis de ensino.

**Palavra-Chave:** Lexicografia, Libras, Pernambuco.

## Referências

BIDERMAN, M; T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998a, p. 18.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

FELIPE, T. A. **A estrutura frasal na LSCB**. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989. p.663-672.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 2010.

QUADROS, R. M. DE.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

---

\*Intervenant

**Mots-Clés:** Lexicografia, Libras, Pernambuco.



# Pour une meilleure compréhension des processus d'accès à la littératie chez les sourds en comparatif d'autres apprenants de l'écrit L1 et L2 : le Projet Dynascript

Marie Perini \* <sup>1</sup>, Laurence Beaujard \*

<sup>1</sup>, Brigitte Garcia <sup>2</sup>, Marzena Watorek <sup>3</sup>, Frédérique Sitri <sup>4</sup>, Sarah De Vogüé <sup>4</sup>

<sup>1</sup> UMR Structures Formelles du Langage – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – UPS-CNRS, 59 rue Pouchet 75017 Paris, France

<sup>2</sup> UMR Structures Formelles du Langage (SFL) – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – UPS-CNRS, 59 rue Pouchet 75017 Paris, France

<sup>3</sup> UMR 7023 Structures Formelles du Langage (SFL) – Université de Paris 8, Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – France

<sup>4</sup> Modèles, Dynamiques, Corpus – Université Paris Nanterre : UMR7114, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR7114 – Université Paris 10 Bâtiment A - Bureau 402 A 200, avenue de la République 92001 Nanterre Cedex, France

Nous présenterons le projet *Dynascript*, dont l'objectif est d'analyser les stratégies à l'oeuvre pour accéder à la littératie, considérée comme un processus cognitif continu au long de la vie. L'enjeu est, par une analyse comparative d'écrits de genres et types diversifiés et produits par des apprenants croisant plusieurs variables -enfants/adultes, entendants/sourds, L1/L2- de dégager invariants et spécificités dans les dynamiques multiples d'émergence de l'écrit (De Vogüé et al 2016).

Nous exposerons nos options théoriques et expliciterons plus particulièrement en quoi ce croisement des variables peut éclairer la question de l'accès des sourds à l'écrit. Perini (2013), inscrite dans la perspective sémiologique (Cuxac 2000), a notamment mis en évidence des points communs entre écrits d'entendants apprenants L2 et écrits de sourds (signeurs ou non), ceci corroborant l'hypothèse que, pour ces derniers, l'écrit est une L2. Cependant, certaines régularités semblent aussi leur être spécifiques indépendamment de leurs compétences en LSF, on peut postuler l'existence de modalités de traitement de l'écrit propres aux personnes sourdes. Nous espérons ainsi, par la comparaison à vaste échelle entre des profils croisant les variables indiquées, vérifier et affiner ces hypothèses et notamment s'agissant de l'émergence de la littératie chez les jeunes enfants sourds, domaine peu exploré en France (Beaujard 2018).

Nous rendrons finalement compte de nos choix méthodologiques, que nous discuterons. Le corpus de textes (2400), en cours de recueil, est constitué expérimentalement auprès de deux groupes de scripteurs (enfants scolarisés, adultes) chacun décliné en quatre profils (entendants français langue maternelle ; entendants français langue étrangère ou seconde ; sourds ayant la

---

\*Intervenant

LSF comme langue de référence ; sourds ayant le français comme langue de référence), auxquels sont proposés six tâches rédactionnelles adaptées à l'âge et aux compétences des scripteurs et susceptibles de générer des types de textes différents. Outre les questionnements liés à l'élaboration des catégories d'annotation et à la mise à disposition des données, qui font partie des objectifs du projet, nous décrivons les questions posées par la transcription/annotation de ce corpus d'un genre atypique.

### Références bibliographiques

Beaujard, L. (2018), " L'émergence de l'écrit chez les jeunes enfants sourds. Quelle méthodologie ? ". Colloque REAL, Montpellier, 30 mai – 2 juin 2018.

Cuxac, C. 2000, *La Langue des Signes Française ; les Voies de l'Iconicité*, Faits de Langues, 15-16, Ophrys, Paris.

De Vogüé, S., Espinosa, N, Garcia, B, Perini, M., Sitri, F et al., 2016, " Constitution d'un grand corpus d'écrits émergents et novices : principes et méthodes. ", revue *Corpus*, Bases, Corpus, Langage - UMR 6039, 2016, *Spécificités et contraintes des grands corpus de textes scolaires : problèmes de transcription, d'annotation et de traitement* : 65-85.

Perini, M., 2013, *Que peuvent nous apprendre les productions écrites des sourds ? Analyse de lectures écrites de personnes sourdes pour une contribution à la didactique du français écrit en formation d'adultes*, Thèse de Doctorat en sciences du langage, Université Paris 8, Saint-Denis.

**Mots-Clés:** Dynascrip, Littératie, sourds, émergence de l'écrit, acquisition de l'écrit, corpus d'écrits de sourds

# Représentation(s) de la surdité : quelles positions pour les parents entendants ?

## Analyse de données canadiennes, belges, suisses et françaises

Stéphanie Gobet \*<sup>1</sup>, Sarah Kirsh \*

<sup>2</sup>, Charles Gaucher \*

3

<sup>1</sup> Université de Poitiers – Université de Poitiers – France

<sup>2</sup> Université de Moncton – Canada

<sup>3</sup> Ecole de travail sociale - Université de Moncton – Canada

La naissance d'un enfant sourd, dans une famille entendante, bouleverse l'image de la famille préconçue, imaginée, idéalisée suite à l'annonce de la grossesse. La surdité entraîne les parents dans un nouvel ordre de représentations face au handicap et à la communication. L'acceptation de ce handicap invisible est des moins évidents car la relation parent(s)-enfant est touchée à ce que l'Homme a d'inhérent en lui : la langue, le langage, la communication. D'autre part, le rapport à la surdité est un rapport conflictuel mêlant interrogations sur comment traiter ce handicap, comment définir l'enfant sourd : est-ce un enfant non-entendant qu'il faut réparer, ou est-ce un enfant avec une langue dont la modalité est visuo-gestuelle ?

L'accompagnement des parents, dès l'annonce de la surdité, va impacter sur l'enfant et son éducation : soit il sera suivi comme un enfant handicapé, soit il sera accompagné comme un enfant déficient mais avec une langue. Les rapports entendant/sourd, français oral/langue des signes et communauté entendante/communauté sont alors au cœur de la construction de l'enfant sourd et de ses environnements familial, scolaire et social. Lors de notre communication, nous proposons d'analyser trois types de représentations selon les parents : la représentation de la surdité, la représentation des langues des signes et la représentation de la communauté sourde. Chacune des analyses est issue du projet " Étude sur l'espace d'engagement des parents d'enfants ayant des incapacités auditives " mené par Charles Gaucher, projet qui explore l'espace d'engagement dans les services investis par les parents d'enfants ayant des enfants sourds. A partir d'entretiens réalisés auprès de parents entendants dans différents pays (Canada, Belgique, France et Suisse) notre propos est de de (re)définir l'interstice imposé à ces parents et de mesurer le regard que ces derniers portent sur la différence et le handicap, de définir les relations inter et intra-communautaires qu'implique le fait d'avoir un enfant sourd.

### Bibliographie :

---

\*Intervenant

DALLE, P. (2003), " *La place de la langue des signes dans le milieu institutionnel de l'éducation : enjeux, blocages et évolution* ", in *La langue des signes. Statuts linguistiques et institutionnels*, volume 137, pp.32-59, *Faits de Langue*

Mottez, B. (1977), " *À s'obstiner contre les déficiences, on augmente souvent le handicap : l'exemple des sourds* ", in *Sociologie et Société*, Montréal, volume 9, n° 1, pp. 20-32. Traduction italienne in Maria Montanini Manfredi, Laura Fruggeri, Massimo Facchini (éd. ), *Dal gesto al gesto, il bambino sordo tra gesto e parola*, Bologna, Capelli, 1979. Réédition augmentée in *Coup d'Œil*, B. Mottez et H. Markowicz (éd.), supplément n° 39, 1984, pp. 1-20.

GAUCHER, C. (2009), " *L'altérité des Sourds : deux lieux communs pour interroger la liminalité des sociétés individualistes* " :, *Monde commun*, 1, 2. CIRCEM, Université d'Ottawa.

Lachance, N. (2007), *Territoire, transmission et culture sourde. Perspectives historiques et réalités contemporaines*. Québec, Les Presses de l'Université Laval, 2007, 292 p.

**Mots-Clés:** surdité, engagement, communauté sourde, parents entendants

# ” Enseignement de la LSF et Certification de compétences : L’iconicité reliée au CECRL de niveau A1 à C1 ”

Delphine Petitjean \* 1

<sup>1</sup> Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis – Marie-Anne sallandre – 2 rue de la Liberté - 93526 Saint-Denis cedex, France

Visuel LSF France est une association créée en 1998, qui organise plusieurs types de formations centrées sur la langue des signes à destination du public sourd ou entendant. Cette association crée des programmes d’enseignement de la LSF pour son réseau (des antennes dans 11 régions de France). Depuis 2005, nous avons décidé d’utiliser le CECRL (Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues) dans la version adaptée à la LSF dans tous nos programmes d’enseignement de la LSF (L2).

C’est un document publié par le Conseil de l’Europe en 2001, qui définit des niveaux de maîtrise d’une langue étrangère en fonction de savoir-faire dans différents domaines de compétence. Ces niveaux constituent désormais la référence dans le domaine de l’apprentissage et de l’enseignement des langues dans de nombreux pays. En France, ils sont repris dans le code de l’éducation comme niveaux de compétence en langues vivantes étrangères attendus des élèves des écoles, collèges et lycées.

Le CECRL a été adapté pour la Langue des Signes Française en 2002. Il fournit une base commune pour la conception de programmes, de diplômes et de certificats.

Il n’a pas été traduit en LSF, mais le référentiel LSF est écrit en français et définit les objectifs de communication pour la langue des signes française.

Outre le CECRL adapté à la LSF, nous nous sommes appuyés sur la définition des compétences langagières de BACHMAN et PALMER (2010).

Pour les compétences linguistiques, nous nous sommes basés sur le modèle théorique développé par CUXAC et son équipe reposant sur l’iconicité des langues des signes. (Cuxac 2000, Garcia 2010, Sallandre 2003).

Je présenterai un exemple de programme montrant les liens entre le CECRL et l’iconicité de la LSF. Dans les programmes d’enseignement, nous choisissons chaque objectif de communication du CECRL, et nous présentons différents exercices pour faire acquérir cet objectif. Chaque point de la grammaire de la LSF est expliqué et illustré par des applications. Le programme de grammaire reprend les points essentiels du modèle de l’iconicité de CUXAC. J’évoquerai nos

---

\*Intervenant

recherches sur la certification de compétences en LSF-L2 de niveau A1, A2, B1 et B2, ainsi que l'agrément reçu par le ministère du travail (Commission nationale de la certification professionnelle, CNCP).

Depuis quelques années nous avons entrepris de créer une certification de compétences en LSF, en la reliant au CECRL, piloté par le CIEP en suivant les directives de l'association ALTE

Nous avons prétesté nos examens de niveau B1 sur 200 candidats, permettant d'obtenir une fiabilité des résultats, une cohérence avec les niveaux du CECRL et une bonne fidélité des correcteurs.

### Bibliographie

CUXAC, C. (2000). La Langue des Signes Française; les Voies de l'Iconicité, *Faits de Langues* n°15-16, Paris: Ophrys.

Sallandre M.-A. (2003). " Les unités du discours en Langue des Signes Française. Tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité ". Thèse de doctorat, Université Paris 8.

**Mots-Clés:** Enseignement de la langue des signes CECRL

# Réflexion autour d'une expérience d'enseignement universitaire de la psychologie à des enseignants sourds en formation professionnelle

Mélissa Arneton \* <sup>1</sup>, Cédric Moreau \*

<sup>1</sup>, Véronique Geffroy \*

<sup>1</sup>, Anne Vanbrugghe \*

2

<sup>1</sup> Institut national supérieur de formation et de recherche pour l'éducation des jeunes handicapés et les enseignements adaptés – COMUE UPL – 58-60 avenue des Landes 92150 Suresnes, France

<sup>2</sup> Université Paris Nanterre – UPL Université Paris Lumière Paris Nanterre – 200 avenue de la République 92001 Nanterre cedex, France

L'adoption de la Convention internationale pour les droits des personnes handicapées promeut une société inclusive de tous ses membres dans les différents espaces de la vie sociale dont les formations diplômantes reconnues ayant une valeur sur le marché du travail. Les quatre voix réunies ici observent de manière interdisciplinaire la situation d'enseignement-apprentissage d'une littérature professionnelle à des étudiants sourds, afin d'en dégager des éléments transférables à d'autres d'apprenants locuteurs d'une langue signée en milieu universitaire.

Le processus d'enseignement-apprentissage d'une langue de spécialité comme la psychologie est observé en référence à une analyse de l'activité. Les contraintes qui pèsent sur l'enseignement de la psychologie du développement auprès d'un public novice sont évoquées. Au travers d'enseignements disciplinaires divers, y compris en pédagogie, apparaît logiquement une langue de spécialité, qui n'est pas enseignée pour elle-même, mais nécessite la mise en place de stratégies d'enseignement-apprentissage auprès d'adultes, issus d'une culture non-académique. Dans un troisième temps, la contribution se penche sur les implications de cette modalité d'enseignement atypique en LSF sur les supports pédagogiques. Fortement contraints par une communication exclusivement visio-gestuelle, ceux-ci témoignent d'une exploitation maximale des ressources sémiotiques diagrammatiques (Pierce 1935, Cuxac 2000). Cette hypothèse s'appuie sur une analyse sémiologique de différents extraits de diaporamas en lien avec des discours dont ils sont le support. Plus qu'une collection de manières de faire prenant en compte les apports des sciences de l'éducation, de la psychologie ou des sciences du langage, il convient de réfléchir sur les pratiques des enseignants du supérieur et sur la manière dont ils conçoivent les apprentissages des étudiants ou dont ils organisent l'enseignement d'un contenu disciplinaire. La discussion reviendra sur les liens entre

---

\*Intervenant

littératie professionnelle et enseignement d'une identité sociolinguistique enseignante.

Enfin nous décrirons la plateforme collaborative multilingue Ocelles susceptible d'offrir les outils nécessaires aux transferts des ressources didactiques évoquées précédemment entre langues écrites, orales et signées. Plus qu'une simple équivalence lexicale, l'ontologie s'appuie sur la mise en relation explicite entre signifiants et signifiés (Moreau et al. 2010). Elle offre ainsi aux apprenants une analyse conceptuelle réflexive par l'intermédiaire des différents signes et définitions tant à l'échelle nationale, qu'internationale.

## Références

Cuxac, C. (2000). La langue des signes française (LSF), les voies de l'iconicité, *Faits de langue*. Paris: Ophrys.

Garcia, B. & Burgat, S. (2016). Évolution institutionnelle et sociale de la langue des signes française et de ses locuteurs sourds : place et rôle de l'université ? in C. Hélot & J. Erfurt (dir.), *L'éducation bilingue en France : politiques linguistiques, modèles et pratiques* (pp. 332-346). Limoges : Lambert Lucas.

Garcia, C. (2011). Le sujet sourd au royaume de l'université, *Empan*, 83(3), 125-129.

Hamrit, J. (2010). La FASP comme outil pédagogique en anglais spécialisé pour étudiants de psychologie, *ILCEA*, 12. Disponible sur <http://ilcea.revues.org/498>

Moreau, C., Geffroy, V. & Vanbrugghe, A. (2010). Ocelles, Observatoire des concepts et lexiques en langues écrites et signées. *La nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation*, 49(1), 163-169.

Pierce, C.S. (1978) *Collected papers 1931-1935, Ecrits sur le signe* traduction française.

**Mots-Clés:** Apprenants sourds, besoins éducatifs particuliers, enseignement supérieur, Ocelles, pédagogie universitaire, socioconstructivisme.



# A LÍNGUA DE SINAIS E O GUIA-INTÉRPRETE MEDIANDO A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM SURDOCEGUEIRA

Wolney Gomes Almeida \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual De Santa Cruz [Brasil] – Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16, Bairro Salobrinho CEP 45662-900. Ilhéus-Bahia, Brésil

A reflexão sobre a pessoa com deficiência na perspectiva da diferença e da diversidade, tem se tornado palco de discussões em diversos espaços, seja no âmbito educacional, ou nos diversos setores da sociedade que contemplem a acessibilidade, o direito e o desenvolvimento social de todos os indivíduos, sejam eles com alguma deficiência ou não.

Neste contexto, destaca-se a grande necessidade de ampliar o conhecimento e as discussões a respeito da pessoa com surdocegueira, partindo da própria problematização sobre o que é esta deficiência, como ela se constitui na formação do indivíduo inserido na sociedade, quais relações se dão para seu desenvolvimento e inserção nos espaços, considerando assim as suas especificidades, sejam para aquisição linguística, como para seu desenvolvimento cognitivo, motor, as formas de comunicação que podem desenvolver e, sobretudo, frente à realidade da atuação de profissionais especializados que atendam às necessidades do indivíduo surdocego.

O interesse em contribuir para a produção de conhecimento nesta área específica alia-se ao desejo de estabelecer relações que contribuam de forma interdisciplinar para o processo de desenvolvimento social, cognitivo, cultural, no atendimento educacional e na formação de indivíduos que atuem na sociedade, encontrando cada vez menos barreiras para sua constituição enquanto cidadãos.

Galvão (2010) lembra que, no Brasil, a grande barreira para o desenvolvimento da educação e para inclusão social de surdocegos se dá pela falta de profissionais mediadores, com formação específica sobre a surdocegueira, capazes de contribuir de forma funcional, para o estabelecimento primeiro do surdocego com o ambiente, do desenvolvimento relacional a partir de linguagens que estabeleçam uma prática comunicativa, corroborando assim para o desenvolvimento cognitivo e social do sujeito. A presença desses profissionais funcionará, portanto, como agentes mediadores capazes de utilizar técnicas e recursos específicos para o atendimento educacional do surdocego.

Nessa realidade do atendimento socioeducacional aos indivíduos surdocegos que surge a atuação do profissional guia-Intérprete (GI), como mediador para a acessibilidade destes indivíduos, tanto sob o aspecto comunicacional, quanto sobre os aspectos estruturais didático-metodológicos na educação da pessoa com surdocegueira. Portanto, levanta-se como questão norteadora deste

---

\*Intervenant

trabalho, a importância da formação e a atuação desses profissionais guias-intérpretes nos espaços escolares e não escolares.

O objetivo geral desta reflexão é analisar a atuação do profissional guia-intérprete no atendimento a pessoas com surdocegueira, bem como, identificar os procedimentos de intervenção utilizados pelos guias-intérpretes a partir das práticas comunicativas com surdocegos e caracterizar os fatores e aspectos que interferem na atuação dos profissionais guias-intérpretes enquanto mediadores para a socialização do surdocego.

Pensar a Educação, seja nos espaços escolares ou não escolares, como uma instância fundamental para o processo de desenvolvimento social dos indivíduos, demonstra a grande necessidade de (re)significar os sistemas e políticas socioeducacionais para que o atendimento aos indivíduos com deficiência se constitua de modo qualitativo. Por isso, a preocupação com as diferenças e especificidades da pessoa surdocega redobra a importância sobre o conhecimento desta deficiência, a fim de que a acessibilidade dos sujeitos, independente de suas condições físicas e sensoriais se efetive em seu contato com o mundo.

**Mots-Clés:** Língua de Sinais, mediação, surdocegueira

# DESEMPENHO LINGUÍSTICO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA DE ESTUDANTES SURDOS DE ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS INCLUSIVAS E EM ESCOLAS BILÍNGUES

Junior Zancanaro Luiz Antonio \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Luiz Antonio Zancanaro Junior – Brésil

O presente estudo teve como objetivo verificar através de teste de avaliação da compreensão e produção em Libras, com base no uso da língua em contextos do cotidiano, o desenvolvimento linguístico e o desempenho de estudantes surdos de Ensino Médio (EM) com faixa etária entre 14 e 18 anos, com históricos de educação diferentes: advindos da educação bilíngue (EB) e da educação inclusiva (EI), que tiveram a aquisição da Libras como primeira língua (L1) até os 7 anos de idade. Caracterizando a escola bilíngue, temos surdos que aprenderam conteúdos escolares em Libras, em L1, portanto, e a língua portuguesa na modalidade escrita, como L2, visto que é a língua majoritária no Brasil. Já a escola inclusiva oferece aos surdos o direito de garantir sua matrícula escolar, profissional tradutor intérprete de Libras, responsável pela mediação da comunicação entre os surdos e comunidade escolar. Como suporte à elaboração dos testes e sua realização, fez-se uma busca de publicações que trabalharam com testagens semelhantes de compreensão com surdos, como: Quadros & Cruz (2011); e Silva (2016). Os instrumentos de avaliação da Libras aplicados através deste estudo foram elaborados com a finalidade de verificar o nível de desenvolvimento da linguagem em estudantes surdos. Todos os testes aplicados foram apresentados com recurso de computadores. Para o teste de demonstração, compusemos duas tarefas e para o de avaliação outras três tarefas, duas com a finalidade de verificar a compreensão textual e percepção visual e uma para verificação da produção em Libras. O teste de avaliação foi realizado por 27 participantes, 14 participantes do grupo da EI e 13 participantes no grupo da EB, com idade entre 15 e 49 anos. Com base nas respostas dadas ao questionário aplicado, definimos os perfis dos participantes e fizemos a seleção deles, embasados nos critérios de inclusão e exclusão previamente elaborados. A partir disso, dados de 5 participantes da EI e de 4 participantes da EB puderam ter seus dados considerados para as análises qualitativas e quantitativas. Os resultados evidenciaram a confirmação das hipóteses apresentadas para o grupo da EB, por compartilharem a mesma língua e cultura, afinidades e que tiveram aquisição da linguagem em Libras como L1 precocemente, advindos de um contexto escolar em que todos se comunicavam em língua de sinais, minimizando assim as barreiras linguísticas e de aprendizagem para os surdos. Pudemos constatar um bom desempenho dos participantes da EB na tarefa de compreensão, devido principalmente à exposição à língua que tiveram. Foi possível definir, ainda, o nível de compreensão linguística de cada participante (construção sintática das sentenças, o uso de vocábulos/sinais, de referentes de número e pessoa e da incorporação de numeral e das marcações de concordância com o olhar). Os surdos da EI, conforme descrito inicialmente, em sua maioria, foram privados do contato precoce com a Libras, o que se refletiu nos resultados

---

\*Intervenant

dos seus desempenhos nas produções linguísticas, ainda que alguns tenham "compensado" esse atraso na aquisição da língua, os resultados revelaram déficits, sobretudo quanto ao uso de classificadores e de vocabulários.

**Mots-Clés:** EDUCAÇÃO INCLUSIVA, EDUCAÇÃO BILÍNGUE, COMPREENSÃO TEXTUAL EM LIBRAS, PRODUÇÃO EM LIBRAS

# Duas línguas à conversa na aula de Filosofia

Fátima Sá Correia \* 1

<sup>1</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto – Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto, Portugal

A primeira língua das pessoas surdas portuguesas é a língua gestual portuguesa que "si (...) est une langue comme toutes les autres langues, elle n'est certes pas une langue comme les autres (Delaporte, 2002: 309).

Ora, uma língua molda e é moldada pelo pensamento (Steiner, 2002) pelo que a maneira de pensar a experiência própria dos estudantes Surdos revela um modo particular, próprio de uma cosmovisão baseada no circuito olhos-mãos.

A disciplina de Filosofia no ensino secundário apresenta como finalidades não só o conhecimento de conceitos e teorias filosóficas, mas também a construção de um saber pessoal por parte dos estudantes. Essa construção constitui um exercício de reflexão sobre a experiência vivida e sobre a história da filosofia (Programa de Filosofia 10º e 11º anos – Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos: Formação Geral).

Aprender filosofia é, assim, filosofar (Aspis, 2004) e a filosofia faz-se na língua natural do filósofo (Derrida, 1988) que, no caso de estudantes Surdos, é a língua gestual.

Partindo destes pressupostos, aprender/ensinar filosofia em LGP não é uma forma de superar uma deficiência, fruto de uma necessidade educativa especial, mas antes uma exigência cultural. Em primeiro lugar, é uma questão de interculturalidade – existência e interação entre várias culturas, bem como a eventual criação de expressões culturais partilhadas através do diálogo e do respeito mútuo. Com efeito, a aula de Filosofia surge como um lugar de bilinguismo/biculturalismo em que a LGP e a LP estão em permanente intercâmbio e possuem o mesmo estatuto (Dorziat, 1999).

Considerando que no processo de aprendizagem/ensino da filosofia o pensamento dos estudantes não é uma "tábua rasa" (Ferriol, 2005) as suas referências são incontornáveis. Em contexto de surdez, essas referências são influenciadas pela língua gestual e pela língua vocal (dependendo a maior ou maior predominância

Assim, no decurso da aula, em LGP reflete-se, questiona-se, argumenta-se, explica-se e, em Português, surgem os textos filosóficos e produções escritas dos estudantes que são, desse modo, confrontados com dois modos de representar e questionar o mundo, percebendo as especificidades de cada uma dessas representações e possíveis pontes entre elas, constituindo-se esse confronto como instrumento e reflexo dessa diversidade cultural.

Referências Bibliográficas

---

\*Intervenant

Aspis, R. P. L. (2004). O Professor de Filosofia: O Ensino de Filosofia no Ensino Médio como Experiência Filosófica. *Cadernos Cedes*, 24(64), 305-320.

Delaporte, Y. (2002). *Les sourds c'est comme ça. Ethnologie de la surdimutité*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.

Derrida, Jacques. Y a-t-il une langue philosophique?. *Autrement Revue*, Paris:n. 102 p.30-37, nov. 1988.

Dorziat, A. (1999). Bilingüismo e surdez: Para além de uma visão lingüística e metodológica. In: C. Skliar (Ed.), *Actualidade da educação bilingue para surdos*, vol.1, (pp. 29-40). Porto Alegre: Mediação.

Ferriol, Alejandro Sarbach. Que se passa en la clase de filosofia?: Hacia una didáctica narrativa y de investigación. 2006. 646f. Tese (doutoramento em Pedagogia) – Faculdade de Pedagogia, Universidade de Barcelona, Barcelona.

Steiner, G. (2002). *Depois de Babel. Aspectos de Linguagem e Tradução*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

**Mots-Clés:** Aula de Filosofia, Estudantes Surdos, Língua Gestual Portuguesa, Português

# ELABORAÇÃO DE GLOSSÁRIO EM LIBRAS DA ÁREA DE MATEMÁTICA PARA O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Soraya Bianca Reis Duarte \*<sup>1</sup>, Bruna Arantes Fernandes<sup>2</sup>, Mariângela Estelita Barros<sup>2</sup>, Chaveiro Neuma<sup>2</sup>, Eduardo Eugenio Rodrigues Júnior<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Brésil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás [Goiânia] – Goiânia, Goiás, Brésil

Em decorrência da carência de professores fluentes em Libras, intérpretes em sala de aula e materiais de apoio para se trabalhar a Matemática com os alunos surdos no ensino médio, surge o interesse em elaborar um glossário a fim de auxiliar neste processo. Assim, o objetivo deste trabalho é criar o glossário acerca do ensino da Matemática para alunos surdos no 1º ano do Ensino Médio da rede pública do estado de Goiás - Brasil. Para a construção deste objeto terminográfico, seis etapas metodológicas serão estabelecidas: (i) identificação das principais temáticas destacadas por pesquisadores e escritores do livro escolhido; (ii) concepção, que consiste na fundamentação teórica do trabalho; (iii) planejamento, momento de idealização do glossário terminológico; (iv) elaboração, construção das fichas terminográficas (v) adequação, organização das fichas em ordem alfabética e inserção da Escrita da Línguas de Sinais (ELiS); e (vi) socialização do conhecimento, reunião com grupo de surdos para a validação dos sinais-terminos apresentados no glossário. E para o cumprimento de tais etapas, os estudos foram norteados pela Tipologia das Línguas de Sinais, que consiste na busca de representações universais entre as diferentes línguas; a Lexicografia, responsável por desenvolver métodos e técnicas de produção de dicionários na sua variedade de formas; a Terminologia, que é uma lexicografia especializada, uma vez que o glossário possui *corpus* e público-alvo delimitados; e a Linguística Cognitiva, que estuda as formas de percepção do mundo, as quais interferem na categorização do universo e, conseqüentemente, manifesta na linguagem as formas como a língua representa na cultura de um povo, no caso, a cultura surda. Como resultado, foi criado um Glossário Semibilíngue Português - Libras com sinais-terminos matemáticos que será disponibilizado em mídia impressa e digital, que poderá auxiliar os indivíduos surdos e os profissionais envolvidos no seu processo de ensino-aprendizagem da Matemática. Assim como, disponibilizar para todos os interessados, independente de suas áreas formação e atuação acadêmica. Os professores de disciplinas como Matemática, Física e afins, poderão usá-lo como ferramenta pedagógica no processo de ensino, tendo em vista que a pesquisa tem uma continuidade e está em andamento a catalogação de *corpus* também do segundo e terceiro ano do ensino médio.

## Referências

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. **Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais.** São Paulo.2006.

---

\*Intervenant

CAPOVILLA, Fernando César, RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001

DANTE, Luiz Roberto. **Matemática: contexto e aplicações**. São Paulo: Editora Ática, 2015. 2ª Ed.

ZESHAN, Ulrike. **Raízes, folhas e ramos: a tipologia de línguas de sinais**. Florianópolis. 2006. Disponível em: [www.editora-arara-azul.com.br](http://www.editora-arara-azul.com.br) . Acesso em: 05 de agosto de 2016.

**Mots-Clés:** Libras, Matemática, Glossário, Terminografia



# REPRÉSENTATIONS DES MÉDIAS DE L'INCLUSION, DES PRATIQUES SOCIALES ET DES CONTEXTES ÉDUCATIFS

Alexandre Mauricio Fonseca De Azevedo \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Para – Rua Augusto Correa n 1, Brésil

Ce projet vise tisser quelques réflexions sur les médias, l'inclusion, l'éducation et les pratiques sociales, en prenant en compte des questions plus spécifiques qui sont apportées dans le cadre de certains films sur la complexité de ces relations. Ainsi, nous cherchons à élargir le débat sur le processus d'inclusion scolaire des enfants et des jeunes à partir de la discussion et l'analyse des documents audiovisuels représentant le discours des agents impliqués dans ce processus, que ce soit les étudiants, les enseignants, la famille, les médias et autres sujets qui, avec leur contribution, peuvent favoriser cette démarche. Soulignons que grande partie de ces discussions et analyses que nous présentons ici ont été développées à l'occasion du projet de recherche intitulé " Représentations médiatiques et enfants spéciaux: dialogue sur les processus d'inclusion ", réalisé à l'Université Fédérale du Pará, par les professeurs Alexandre de Azevedo (coordinateur du projet) et Maria Lizete Sampaio Sobral. Les chercheurs présentent notamment les discours qui circulent dans la famille et le champ éducatif, ce qui permet d'amplifier la compréhension des questions soulevées, selon les idées préliminaires liées aux représentations discursives, issues du débat suite à la projection des films. Deux approches sont privilégiées : la première, sur la base des études de professeur Lizete Sobral, qui montre l'importance du débat sur les représentations médiatiques et l'inclusion sociale, la deuxième relèvent des études réalisés par Alexandre de Azevedo et présente une analyse des représentations liées aux enfants handicapés et à la dynamique familiale. Les films sont choisis en sorte de favoriser l'émergence des histoires vécues par ceux qui, dans les relations parentales et dans leurs pratiques les plus communes et quotidiennes, rencontrent des difficultés sociales spécifiques, et qui sont débattues dans la mesure où ces sujets révèlent des situations défavorables. Cette compréhension est fondamentale pour comprendre le processus d'inclusion / intégration sociale des enfants handicapés en milieu éducatif. Les discours sont évoqués dans le matériel présenté dans les films, afin de parler des représentations médiatiques sur les processus d'inclusion sociale. Nous pensons que cette stratégie travaillée au travers le langage filmique favorise l'approche du phénomène d'inclusion et peut contribuer à la formation d'un nouveau regard vers l'humanisation des relations sociales / familiales. Les films sont des produits culturels et une telle compréhension est importante lorsqu'il s'agit de matériaux symboliques qui traitent, entre autres, les particularités de la dimension intérieure de l'homme. Outre cela, les expériences partagées par les biens culturels peut conduire l'individu à s'intégrer de façon plus intrinsèque à son milieu social. Ce projet est justement à l'origine de cette intention d'utiliser un langage audiovisuel pour mener une réflexion sur de nouveaux chemins pour l'intégration / inclusion des personnes dans la vie sociale.

Références

---

\*Intervenant

AZEVEDO, Alexandre; SOBRAL, Maria Lizete. *Políticas públicas inclusivas no Brasil e o contexto internacional: diálogos sobre inclusão e deficiência*. Revista Moara, v.1, pp.32-45, 2016.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. 1984. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

> . Acesso em: 10 abr. 2013.

**Mots-Clés:** Inclusion, média, handicap, films, audiovisuel

# Comment évaluer la structure des récits d'enfants signeurs ? Questions de méthode et premiers résultats pour la langue des signes française.

Stéphanie Caet \* <sup>1</sup>, Marion Blondel \*

2

<sup>1</sup> Univ. Lille, UMR 8163 - STL - Savoirs Textes Langage, F-59000 Lille, France (STL) – Université de Lille – France

<sup>2</sup> Structures Formelles du Langage (SFL) – Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR7023, Université Paris Lumières, Académie de Créteil, Campus Condorcet – Bâtiment D salle 324 2 rue de la Liberté 93526 Saint-Denis, France

La production de récit est une tâche particulièrement informative pour l'étude du développement des compétences langagières (Morgan, 2006) ainsi que pour l'évaluation didactique et orthophonique (Hermann et al., 2004; Hilaire & Kern, 2013; Niederberger et al., 2001). Notre intervention aura pour objectif de présenter notre approche méthodologique de l'évaluation des compétences narratives d'enfants signeurs et nos premiers résultats pour la LSF.

Nous avons en effet tenté d'adopter une démarche écologique, tant pour la collecte de données que pour l'élaboration de notre grille de codage. Tout d'abord, afin d'établir un point de référence auquel comparer les productions des enfants, nous avons analysé les récits de 18 adultes dont la LSF est l'une des langues principales, sans autre critère d'inclusion ou d'exclusion : nous souhaitions que ce point de référence soit représentatif de l'input naturellement hétérogène que reçoivent les enfants sourds. Ensuite, nous avons créé notre grille de codage avec le moins d'*a priori* possible quant au contenu d'un " bon récit " : nous avons ainsi élaboré une liste de " micro-unités " (introduceur de récit, introduction des personnages, micro-événements, réactions des personnages) à partir de ce que les adultes produisaient, indépendamment de l' " importance " de l'élément relaté pour nous(\*). Enfin, parce que nous voulons que cet outil soit accessible pour les professionnels (Mann & Prinz, 2006), nous avons essayé d'utiliser une terminologie aussi "neutre" théoriquement que possible, nous appuyant principalement sur des exemples des productions des adultes pour décrire les micro-unités de la grille.

Nous présentons ici les résultats pour 20 enfants âgés de 4 à 10 ans, tous scolarisés en LSF (17 ont des parents sourds signeurs). Après avoir regardé un dessin-animé, les enfants ont raconté l'histoire à un interlocuteur fluent en LSF. Nous avons analysé la production des micro-unités (MU), de descriptions (informations optionnelles portant sur les propriétés des référents) et de commentaires (informations optionnelles interprétatives subjectives). Les premiers résultats portent sur le début de la trame, analysée séparément par deux codeurs (accord inter-juges : 91%).

---

\*Intervenant

Le nombre moyen de MU augmente significativement avec l'âge ( $p < .05$ ) et il n'y a pas de différence significative entre les enfants dont les parents ont pour langue principale une langue des signes ou une langue vocale ; 35% des enfants présentent le cadre de l'histoire (augmentation non significative avec l'âge) ; 90% introduisent les deux personnages ; tous mentionnent l'événement déclencheur. Seuls 22% des adultes et 25% des enfants font des descriptions (corrélation positive le nombre de MU ( $p < .05$ ) et avec l'âge ( $p < .05$ )) ; 95% des adultes et 60% des enfants font des commentaires (corrélation positive avec le nombre de MU ( $p = .005$ ) mais pas avec l'âge).

En octobre, nous pourrons présenter nos résultats pour l'entièreté des récits, discutés au regard de la littérature, ainsi qu'un travail en cours de création d'un " module " permettant d'évaluer la grammaticalité des énoncés et de plateforme d'analyse en ligne.

(\*) Nous analysons actuellement les récits de 18 adultes francophones avec le matériel créé pour la LSF afin d'interroger les différences langagières et culturelles quant à la production mais aussi à l'évaluation de récit.

**Mots-Clés:** récits, LSF, enfants, évaluation, méthode

# A LÍNGUA DE SINAIS ATÍPICA: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NOS DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO EXPRESSOS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Felipe Venâncio Barbosa \* <sup>1</sup>, Sylvia Lia Grespan Neves <sup>2</sup>, Janice Gonçalves  
Temoteo Marques \*

<sup>1</sup> USP – Brasil

<sup>2</sup> FCMSCSP - BRAZIL – Brasil

Os distúrbios de linguagem podem se manifestar nas línguas naturais de forma semelhante. A língua de sinais atípica é a expressão de uma disfunção linguística que se manifesta no processamento da linguagem dos surdos podendo comprometer a compreensão e/ou a produção da língua de sinais. Esses quadros podem impactar negativamente a vida de pessoas surdas, limitando o desenvolvimento acadêmico e/ou social. Por essa razão, a atuação do fonoaudiólogo, profissional capacitado e legalmente habilitado para a intervenção nos distúrbios da comunicação humana, deve cobrir não apenas as línguas orais, tradicionalmente observadas por essa área, mas também as línguas de sinais. O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência de dois serviços de saúde na identificação e encaminhamentos de casos de língua de sinais atípica em parceria com escolas para surdos da cidade de São Paulo. Para este estudo foram registrados os procedimentos adotados na identificação de possíveis surdos com língua de sinais atípica, com a aplicação de triagem e avaliação de habilidades linguísticas baseada na libras (Barbosa, 2016; Barbosa, 2017). Dos participantes submetidos ao protocolo de triagem, 25 falharam e foram submetidos à avaliação de linguagem. Nos resultados do grupo avaliado foi observada a ocorrência de inadequações nos níveis Pragmático, Semântico, Sintático, Lexical e Fonético-Fonológico, de acordo com o Protocolo de Avaliação de Habilidades Linguístico-Pragmáticas (Gerber e Gurland, 1989), ocorrendo de forma parcial na maioria dos indivíduos. Apenas um indivíduo exibiu inadequações em todos os níveis. Em seguida, os pacientes que falharam na triagem e apresentaram desordem em algum dos níveis indicados, foram encaminhados à terapia fonoaudiológica baseada na língua de sinais, sendo submetidos aos programas descritos por Lichtig e Barbosa (2012, 2015). Os procedimentos de diagnóstico e de terapia baseada na língua de sinais carecem de maiores estudos. Em termos de diagnóstico, há a necessidade de padronização de instrumentos de avaliação construídos com o objetivo de avaliar as especificidades da língua de sinais. Com relação à terapia fonoaudiológica baseada na língua de sinais, os procedimentos adotados devem ser testados em sua eficácia, com estudos clínicos que comprovem a efetividade do ganho proporcionado por tais procedimentos.

**Mots-Clés:** Aquisição, LS atípica, avaliação

---

\*Intervenant

# Expérience sur les mots composés séquentiels et simultanés en LSF

Mirko Santoro \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Institut Jean-Nicod (IJN) – CNRS : UMR8129, École normale supérieure [ENS] - Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) – Pavillon Jardin 29, rue d’Ulm 75005 Paris, France

- *Nom de l’auteur: Mirko Santoro*

- *Titre de la présentation: Expérience sur les mots composés séquentiels et simultanés en LSF*

- *Bibliographie:*

Brennan, M. (1990). Productive morphology in British Sign Language. In Proceedings of the International Congress on Sign Language Research and Application, Hamburg (Vol. 90, pp. 205-228).

Klima, E., & Bellugi, U. (1979). The sign of language. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Meir, I., Aronoff, M., Sandler, W., & Padden, C. (2010). Sign languages and compounding. Compounding. John Benjamins, 573-595.

*J’ai fait mon résumé en vidéo*

**Mots-Clés:** mots composée, LSF, morphologie, sequentialité, simultanété

---

\*Intervenant

# O DESENVOLVIMENTO DE SINAIS-TERMO EM LIBRAS PARA A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA: A TERMINOLOGIA EM PROL DA ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA DO ALUNO SURDO

Rodolpho D’azevedo \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Brasília [Brasília] – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900, Brasil

Este trabalho foi desenvolvido na linha de pesquisa Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, no Laboratório de Linguística de Línguas de Sinais (LabLibras). Os objetos de estudo são sinais-termo em Libras da área de matemática. A lei 10436/2002 e o Decreto 5626/2005 garantem ao Surdo a possibilidade de matrícula em escolas ou classes bilíngues, em que a Língua de Sinais Brasileira é a primeira língua e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua na modalidade escrita. A educação bilíngue apresenta como primordial o desenvolvimento linguístico da criança surda por meio da Libras. No entanto, a inexistência de terminologia específica apresenta uma barreira linguística e conceitual em ambas línguas. Desta forma, a criação de sinais-termo na área da matemática atende as necessidades linguísticas nas duas línguas, uma vez que permite ao Surdo a compreensão conceitual do termo em sua primeira língua, a Libras, além do conhecimento do termo em Língua Portuguesa, termo esse contido nos livros didáticos e outros meios escritos. Assim sendo, nesta pesquisa apresentamos proposta de sinais-termo na área de matemática, com o intuito de compor glossário bilíngue Libras-Português dos termos da matemática. Adotamos a Metodologia para elaboração de dicionários e glossários de Faulstich (2014). Seguimos os procedimentos metodológicos, a saber: i) análise dos sinais informalmente utilizados; ii) estudo conceitual do termo; iii) criação de um sinal-termo adequado linguística e conceitualmente; iv) validação do sinal-termo proposto junto à comunidade surda.

**Mots-Clés:** Terminologia, Libras, Sinais, termo, Matemática

---

\*Intervenant

# Interprètes entre une langue vocale et une langue des signes : un bilinguisme de troisième type ?

Sandrine Burgat \* <sup>1</sup>, Florence Encrevé \*

<sup>1</sup> Structures Formelles du Langage – Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR7023, Université Paris Lumières, Académie de Créteil, Campus Condorcet, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis – Bâtiment D salle 324 2 rue de la Liberté 93526 Saint-Denis, France

A travers l'exemple des interprètes LSF/français, dans cette communication nous souhaitons aborder le bilinguisme particulier de ceux qui, par leur métier, permettent à deux locuteurs de langues si différentes de se rencontrer, de partager et d'échanger. Les interprètes professionnels d'aujourd'hui sont entendants, certains sont issus d'une famille sourde, d'autres n'en jamais côtoyé de sourds avant de connaître leur langue, certains ont acquis la langue des signes très tôt, d'autres l'ont découverte à l'âge adulte ; leur bilinguisme est déjà en lui-même pluriel. Mais il est aussi singulier car il ne ressemble ni à celui des sourds qui vivent dans la société entendante et qui peuvent maîtriser, plus ou moins, le français écrit. Il ne ressemble pas non plus à celui des entendants qui ont appris et pratiquent, plus ou moins idiomatiquement, la langue des signes. C'est un bilinguisme bi-culturel, à plusieurs degrés : du plus proche des entendants au plus proche des sourds. Cela n'est pas sans conséquence au quotidien, sur le terrain, sur la manière de pratiquer le métier. Pour traiter de cette question, nous aborderons dans un premier temps les spécificités des interprètes LSF/français en France, d'hier à aujourd'hui. Puis, nous nous arrêterons sur ce qui est propre aux sourds et que l'on rencontre chez les interprètes, et inversement ce qu'il y a d'entendants en eux, ainsi que sur les enjeux historico-linguistiques et socio-linguistiques qu'implique la présence d'interprètes pour les usagers (sourds et entendants) dans la société. Enfin, nous étudierons les implications didactiques de ce bilinguisme qu'on pourrait appeler " de troisième type " dans la formation des interprètes et notamment au niveau déontologique.

## Références bibliographiques

Burgat, S. (2016). " Le bilinguisme français/langue des signes : quelles sont les spécificités du bilinguisme vécu par les locuteurs sourds ? ". In Hélot, C. & Erfurt, J. (dir.), *L'éducation bilingue en France : politiques linguistiques, modèles et pratiques*. Limoges, éditions Lambert-Lucas : 288-303.

Burgat, S. & Encrevé, F. (2015). " Écrire pour traduire : enjeux et formation universitaire des interprètes-traducteurs en langue des signes française (LSF)/français ". In Beaudet, C. & Rey, V. (dir.), *Écritures expertes en questions*. Aix-en-Provence, Presses universitaires de Provence : 291-300.

---

\*Intervenant



Bernard, A., Encrevé, F. & Jeggli, F. (2007). *L'interprétation en langue des signes*. Paris, PUF.

Cantin, Y., Burgat, S., Encrevé, F. & Garcia, B. (2017). " Interpreters in sign language: the advantages of a multidisciplinary training ". *2017 Symposium on Signed Language Interpretation and Translation Research*, Washington, Gallaudet University, May 2017.

Encrevé, F. (2014). " Les spécificités historiques des formations d'interprètes LSF/français en France ". *Double Sens*, revue de l'association française des interprètes et traducteurs en langue des signes, n° 2 : 7-18.

Garcia, B., & Burgat, S. (2016). " Évolution institutionnelle et sociale de la langue des signes française (LSF) et de ses locuteurs sourds : place et rôle de l'Université ". In Hélot, C. & Erfurt, J. (dir.), *L'éducation bilingue en France : politiques linguistiques, modèles et pratiques*. Limoges, éditions Lambert-Lucas : 332-346.

**Mots-Clés:** LSF, bilinguisme, interprétation

# A LINGUAGEM CORPORAL COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS ENTRE SURDOS E OUVINTES EM CAMPINA GRANDE - BRASIL

Rafael Nogueira Barbosa Gomes \* <sup>1</sup>, Priscilla Andrade Souza Nogueira \*

<sup>2</sup>, Bruno Medeiros Roldão De Araújo \*

<sup>3</sup>, Clara Maria Silvestre Monteiro De Freitas \*

4

<sup>1</sup> Universidade de Pernambuco - UPE – Recife - Pernambuco, Brésil

<sup>2</sup> Instituto Federal da Paraíba - IFPB – Monteiro - Paraíba, Brésil

<sup>3</sup> Universidade Federal de Campina Grande [Campina Grande] – Campina Grande, Paraíba, Brésil

<sup>4</sup> Universidade de Pernambuco - UPE – Recife - Pernambuco, Brésil

O homem aprendeu a se comunicar desde os tempos mais remotos e possivelmente utilizou da oralidade e/ou gestualidade. Segundo Oliveira Filho (1968), a linguagem corporal é a forma mais antiga utilizada para comunicação entre os seres humanos, Elias (1994) discursa que independentemente de sua constituição natural ao nascer, somente no convívio com outros seres humanos que a crença se transforma num ser mais complexo. A relação entre as pessoas é tão imprevisível que, numa conversa, cada um dos interlocutores formam ideias que não existiam antes ou, até mesmo, leva adiante ideias que já estavam presentes. Le Breton (2007) relata que a gestualidade se refere ao corpo quando os atores sociais se encontram: ritual de saudação ou despedida (sinal de mão, aceno de cabeça, mímicas, entre outras), movimentos de face e do corpo que acompanham a emissão da palavra, direcionamento do olhar, entre outras características que podem auxiliar no diálogo. Diante deste cenário, pensa-se que as atividades esportivas coletivas são ferramentas que podem construir um indivíduo sob várias perspectivas, dando-lhe a oportunidade de interagir com o próximo, de trabalhar o corpo numa direção fisiológica ao passo que constrói laços afetivos e amigáveis em grupos praticantes. Há certa suspeita de que existe uma linguagem corporal pré-definida por trás das Práticas Esportivas (PES) e que esta permite a interação, o acesso a informação no jogo, um aviso, uma repreensão, enfim, possibilidades que auxiliam no sucesso de, por exemplo, uma partida de alguma modalidade esportiva entre povos ou comunidades diferentes. Estas já parecem ser utilizadas entre os surdos, e sinalizam ser potencialmente eficazes. A pesquisa propõe verificar através da observação de partidas esportivas,

---

\*Intervenant

como surgirá a interação entre surdos e ouvintes possivelmente oriunda da linguagem corporal, tendo como critério de inclusão, ouvintes que não tenham conhecimento em Libras e que nunca tenha tido contato prévio com os surdos colaboradores. A pesquisa, trata-se de um estudo de campo, observacional, de recorte transversal e caráter quali-quantitativo. Esta pesquisa segue as prerrogativas éticas da Resolução N<sup>o</sup>. 510/2016. No tratamento e análise, será aplicado um questionário semiestruturado com os colaboradores após as partidas e criado um banco de dados, onde estes serão filmados e analisados através de programa específico, o ELAN (*Eudico Language Annotator*), um *software* utilizado para transcrição de dados da fala e gestos. Foi criado pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics* para a criação de anotações, edição, visualização e busca de anotações através de dados de áudio e vídeo, simultaneamente. Usa uma variedade de formatos de arquivos de vídeo, tais como: arquivos MP(E)G e VOB, AVI e WMV. Arquivos de som WAV.

**Mots-Clés:** Surdez. Linguagem Corporal. Práticas Esportivas.

# Estratégias didáticas de ensino de língua de sinais para tradutores e intérpretes

Juliana Guimarães Faria \* <sup>1</sup>, Renata Cristina Vilaça-Cruz <sup>1</sup>, Anabel Galán-Mañas <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás [Goiânia] – Goiânia, Goiás, Brasil

<sup>2</sup> Universitat Autònoma de Barcelona [Barcelona] – UAB Campus 08193 Bellaterra Barcelona, Espagne

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo que tem como finalidade identificar e analisar as estratégias de ensino-aprendizagem de língua de sinais na formação de tradutores e intérpretes. Justifica-se pela demanda crescente de formação de profissionais tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais (Libras) – português (TILSP) a partir de novas políticas afirmativas e linguísticas no Brasil, que foram induzidas pelas conquistas sociais da comunidade surda na última década. Ainda, se trata de um campo novo, considerado emergente, com escassas publicações e pesquisas no Brasil, sobretudo na área da didática da tradução de línguas de sinais (Faria, Galán-Mañas, 2018). A atividade de tradução e interpretação é um trabalho técnico e operacional que exige competências que se inter-relacionam entre conhecimento específico, atitudes e habilidades, formando um sistema (Pacte, 2001). Na área de tradução e interpretação de línguas orais existem estudos sobre estratégias didáticas (Galán-Mañas 2014, 2009; Galán-Mañas e Hurtado, 2010; Hurtado, 2015, 2007, 1999; Kelly 2005, Kiraly 2000); porém, não há estudos que mostrem quais estratégias didáticas de ensino de língua de sinais podem ser utilizadas para contribuir com a aquisição dessa competência específica por TILSP. Trata-se de uma pesquisa em andamento e a metodologia é qualitativa do tipo exploratória (GIL, 1999) e está sendo desenvolvida em uma instituição brasileira que oferece curso de bacharelado para formação de TILSP. Os instrumentos de coleta de dados são: entrevistas semi-estruturadas aos docentes de ensino de língua de sinais e; análise de documentos de aula, como atividades, textos e demais materiais didáticos utilizados pelos professores. Como resultados esperados, prevê-se: a identificação e descrição de estratégias didáticas que podem contribuir para a aprendizagem de língua de sinais por estudantes de cursos de bacharelado de tradução e interpretação, em que a língua de sinais é um dos pares linguísticos; e apontar a necessidade de refletir sobre estratégias didáticas próprias para o ensino de língua de sinais para um público específico, que requer aquisição de competência tradutória, para desempenhar atividade técnica e operacional com a língua de sinais.

**Mots-Clés:** Estratégias didáticas, ensino de língua de sinais, formação de intérpretes

---

\*Intervenant

# Evaluation sémantique et syntaxique de la Langue des Signes Française TELSF2 : le premier test pour enfants et adolescents sourds âgés de 4 à 14 ans.

Sandrine Bonhoure \* 1,2

<sup>1</sup> Gendrot – Clouard – monique-gendrot@orange.fr, France

<sup>2</sup> Institut National des Jeunes Sourds de Paris – Ministère de la santé – 254 rue Saint-Jacques, 75005  
Paris, France

De nombreuses recherches sur l'acquisition de la Langue des Signes Française (LSF) ont été menées (Millet, 2016 ; Estève, 2014 ; Sallandre et al., 2017 ; Morgenstern et al., 2017) mais la question de l'évaluation de la LSF (Courtin et al., 2010 ; Bogliotti et al., 2017 ; Bogliotti et al., à paraître) nécessite de poursuivre ces réflexions. Pouvoir évaluer la LSF est une demande venant de notre équipe pluridisciplinaire travaillant auprès d'enfants et adolescents sourds.

Courtin et al. (2010) avait initié une adaptation du test d'évaluation de la British Sign Language élaboré par Hermann et al. (1999) et du Test de Langue des Signes Française (TELSF) créée par Niederberger et al. (2010), lui-même adapté du Test of American Sign Language (TASL) élaboré par Prinz et al. (1994).

Notre travail s'inscrit dans la continuité de ce projet mais aussi dans le cadre du projet européen Evasigne avec l'Université Paris Ouest (Nanterre) et l'Université Paris 8. Le TELS2 sera un test standardisé d'évaluation de la LSF.

Des remaniements théoriques importants ont été opérés tenant compte de l'évolution des théories linguistiques ces vingt dernières années.

Nous avons retenu le modèle sémiologique de Cuxac (Cuxac, 1999, 2000 ; Garcia & Sallandre, 2014) qui accorde une grande importance aux constructions simultanées et iconiques, les " structures de grande iconicité " (également appelées " classificateurs de construction " et " actions construites ", Cormier et al., 2013). Ces constructions ne sont pas complètement prises en compte dans des tests formels alors qu'elles sont primordiales pour la morphosyntaxe et la sémantique dans tout discours en langue des signes.

Notre objectif est d'évaluer les compétences narratives d'enfants et d'adolescents sourds âgés de quatre à quatorze ans, qu'ils soient signeurs natifs ou non, quelle que soit leur exposition, langue maternelle (L1) ou langue d'acquisition tardive (L2) à la LSF.

Le TELS2 comporte une épreuve de compréhension et une épreuve de production d'une narration. Les corpus ont été enregistrés et analysés par notre équipe pluridisciplinaire composée de

---

\*Intervenant

collègues sourds et entendants.

Nous avons recueilli lors de la première phase d'expérimentation, 25 corpus de sujets sourds âgés de 3 à 15 ans - 3 enfants âgés de moins de 6 ans ; 5 enfants âgés de 6 à 11 ans ; 17 enfants âgés de 12 à 15 ans. Certains d'entre eux ont acquis la langue des Signes Française de diverses façons, soit en tant que langue maternelle (1ère langue), ou langue d'acquisition tardive (2nde langue), voire dans un bilinguisme LSF / oral.

Nous avons annoté nos données avec le logiciel ELAN et nous avons élaboré un manuel de codage afin d'homogénéiser notre grille d'analyse.

L'évaluation de la LSF à l'aide du TELSF2 nous permettra de décrire les caractéristiques de la LSF, les structures de grande iconicité et lexique, d'un point de vue morphosyntaxique – afin d'identifier des indicateurs de développement témoignant d'une construction progressive de la langue chez l'enfant sourd. L'objet de cette communication est de présenter l'état des lieux de cette recherche et les critères d'analyse que nous avons retenus.

**Mots-Clés:** acquisition de la langue des signes, Langue des Signes Française, évaluation, sémantique, morphosyntaxe.

# Le sujet en langue des signes française.

Myriam Charpentier \* 1,2

<sup>1</sup> Savoirs, Textes, Langage (STL) - UMR 8163 – Université de Lille, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR8163 – Domaine Universitaire du Pont de Bois Batiment B4 rue du Barreau - BP 60149 59653 VILLENEUVE D'ASCQ CEDEX, France

<sup>2</sup> Laboratoire de Langue des signes de Belgique francophone (LSFB-Lab), FRS-F.N.R.S – UNamur • LSFB Lab • Rue de Bruxelles 61, B-5000 Namur, Belgique

Cette étude a pour objet de décrire le fonctionnement syntaxique de la langue des signes française (LSF) et, tout particulièrement, ce qui caractérise dans cette langue l'un des constituants centraux de la proposition : l'argument sujet. En effet, les études des langues signées associent généralement d'office la fonction syntaxique de sujet au constituant porteur du rôle sémantique d'agent, sans que la dimension syntaxique de ce constituant ne soit considérée. C'est notamment ce qu'illustre la Figure 1, dans laquelle l'emplacement portant la référence à l'agent marque la fonction syntaxique de sujet, quelle que soit l'orientation du verbe.

Ce constat nous amène à nous interroger sur les propriétés syntaxique et sémantique du sujet canonique en LSF et à déterminer s'il existe, ou non, une corrélation systématique entre fonction syntaxique de sujet et rôle thématique de l'agent, dans cette langue.

Nous procédons à une analyse des constructions syntaxiques canoniques à référence personnelle, à partir d'un corpus constitué de deux cents occurrences, spontanées ou semi-spontanées, traitées avec le logiciel d'annotation ELAN. Notre analyse met l'accent sur le rôle de l'espace dans la construction des relations syntaxiques et s'intéresse plus particulièrement aux emplacements sémantisés qui participent à la flexion verbale, dits les *locus*. Nous tentons donc de déterminer si en LSF la fonction syntaxique de sujet est attribuée à des emplacements spécifiques. Deux perspectives guident notre cheminement : la fonction de sujet est-elle encodée par le point de départ du mouvement verbal ou par la place du corps du signeur ? Par ailleurs, existe-t-il un lien entre l'emplacement encodant le sujet et le type de verbe employé ? Notre regard se tourne particulièrement vers les verbes qui comportent un ancrage corporel et les verbes réversibles.

Notre travail laisse transparaître la place importante du corps du signeur dans le marquage de la fonction syntaxique de sujet. Ce rôle du corps sera réenvisagé dans le cadre d'une étude comparative des constructions syntaxiques canoniques à référence personnelle et de constructions syntaxiques mettant l'agent à l'arrière-plan.

## Références :

Bakker, D. & A. Siewierska (2007) Another take on the notion subject, in Hannay, M. & G. Steen (eds.) *Structural-Functional Studies in English Grammar*, (Studies in language Companion Series, 83), Amsterdam: John Benjamins, p. 141-158.

---

\*Intervenant

De Langhe O., Guitteny P., Portine H. & C. Retoré (2003) À propos des structures OSV en Langue des Signes Française, in Berthonneau A.-M. & G. Dal (eds.) *Sillexicales*, 4, p. 115-130.

Guitteny, P. (2005) Passif et inverse en langue des signes, Actes de *TALN-RECITAL*, 2, p. 321-326.

Keenan, E.L. (1976) Towards a universal definition of "subject", in Li C.N. (eds.) *Subject and Topic*, New-York: Academic Press, p. 303-333.

Lazard, G. (1994) *L'actance*, Paris : PUF.

Meir, I., Padden, C.A., Aronoff, M. & W. Sandler (2007) Body as subject, *Journal of linguistics*, 43, 3, p. 531-563.

Moody, B., Hof, D. & S. Dumartin (1998) *La langue des signes, Dictionnaire bilingue LSF / Français*. Paris : IVT édition, p. 159.

Risler, A. (2011) Corps réel et positions énonciatives en Langue des Signes Française, *Représentations du sens linguistique V*, 25-27 mai 2011, Chambéry.

**Mots-Clés:** Langue des signes française, Sujet, Agent, Spatialisation, Flexion verbale



# Les sourds et la formation des maitres en France: exemple de la mise en place du MEEF Seconde degré LSF.

Sandrine Burgat \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Paris 8 -CNrS – Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis, CNRS : UMR7023 – France

La scolarisation des jeunes sourds en inclusion dans les écoles publiques est en perpétuelle progression depuis les perspectives ouvertes par la loi du 11 février 2005 - pour l'égalité des droits et des chances, la participation et la citoyenneté des personnes handicapées. Cette loi reconnaît la Langue des Signes Française (LSF) comme langue à part entière et tous les élèves doivent pouvoir bénéficier d'un enseignement de cette langue. Ainsi depuis la rentrée scolaire en 2008, cette discipline est présente à l'école élémentaire, et dans la continuité au collège et au lycée, depuis 2009. En outre, une épreuve facultative de LSF, comme langue vivante est proposée au baccalauréat à tous les élèves (sourds ou entendants) depuis 2008. Les enseignants qui sont faces aux élèves dans les classes sont des professeurs certifiés du C.A.P.E.S de L.S.F (Certificat d'Aptitude au Professorat de l'Enseignement du Second degré). Il s'agit d'un concours du ministère français de l'Éducation nationale, de l'Enseignement supérieur et de la Recherche. Il a été créé en 2010. Pendant 5 années, les candidats ont dû compter sur l'auto-formation pour se présenter à ce concours. C'est en 2015, que l'Université Paris 8, en collaboration avec l'ESPE de Créteil et de l'INSHEA, bien conscients des enjeux de la formation des maitres ouvre ses portes pour proposer un Master **MEEF " second degré " LSF** qui vise à la fois à préparation à ce concours et aussi à la formation au métier de professeur des collèges et lycées généraux, technologiques et/ou professionnels.

L'objectif de cette communication est de revenir sur les conditions de la mise en place de cette formation et de montrer comment la présence des sourds et de la LSF s'affirme à l'Education Nationale (mais aussi à l'université française). Nous étudierons aussi les retombées didactiques de cette présence. En effet, les candidats au CAPES, étudiant du MEEF LSF présentent un commentaire en LS-vidéo, il s'agit d'un commentaire de texte en français que les candidats proposent en LS. On assiste ainsi à la naissance d'un nouveau genre en LSF avec toutes les particularités linguistiques et discursives que cela peut présenter : forme de la LSF, méthodologie d'introduction de citations et de références etc...

Garcia, B., et Burgat, S. (2016), " Evolution institutionnelle et sociale de la Langue des Signes Française (LSF) et de ses locuteurs sourds : place et rôle de l'Université ", *L'éducation bilingue en France : politiques linguistiques, modèles et pratiques*, dir. Christine Hélot & Jürgen Erfurt, Editions Lambert-Lucas, 332-346.

Garcia, B. et Encrevé, F. (2013), " La Langue des signes Française (LSF) ", in *Histoire sociale des Langues de France* (Georg Kremnitz dir.), Presses Universitaires de Rennes, 619-629.

---

\*Intervenant

**Mots-Clés:** enseignement supérieur, formation, sourd, Education Nationale, LSF

# Linguistique variationnelle du discours en langue des signes roumaine : présentation d'une méthode d'analyse

Robert Gavrilescu \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Structures formelles du langage – CNRS : UMR7023, Université Paris VIII Vincennes-Saint Denis – France

Voir la vidéo : <https://youtu.be/sXOH1YbqLMA>

Références :

Gavrilescu, R. (2016) : *Comparaison linguistique de deux langues des signes (roumaine et française) dans le genre narratif*, Mémoire de Master 2, mention "Très bien", Sciences du langage, Université Paris 8 - Vincennes-Saint Denis.

Gavrilescu, R. (2014) : *Description linguistique et statut socio-éducatif de la langue des signes roumaine*, Mémoire de Master 1, mention "Bien", Sciences du langage, Université Paris 8 - Vincennes-Saint Denis.

Gavrilescu, R. (2011) : *Les études des principaux transferts dans la langue des signes roumaine*, Mémoire de DPCU, Université Paris 8 et Visuel-LSF, Paris.

**Mots-Clés:** variations, langue des signes roumaine, sociolinguistique, corpus vidéo

---

\*Intervenant

# Quelques marqueurs de la référence impersonnelle humaine en LSF

Hatice Aksen \* , Brigitte Garcia \*

, Marie-Anne Sallandre \*

, Marie-Thérèse L’huillier \*

1

<sup>1</sup> Structures Formelles du Langage – CNRS : UMR7023 – France

Cette présentation a pour objet l’étude des modalités d’expression de la référence impersonnelle humaine en langue des signes française (LSF).

Dans la littérature des langues vocales (LV), les références impersonnelles humaines sont caractérisées par le fait qu’elles dénotent un humain générique ou un groupe d’humains faiblement spécifié. De ce fait, les pronoms impersonnels humains n’introduisent pas de nouveau référent en discours, n’ont pas d’antécédent explicite dans le discours et ne sont pas susceptibles d’une reprise anaphorique. Pour Gast & van der Auwera (2013 : 7), ce dernier trait contribue à distinguer les pronoms impersonnels humains des pronoms indéfinis du type " jemand " en allemand ou " quelqu’un " en français, qui peuvent être repris anaphoriquement, du moins par un pronom d’une autre forme.

Notre présentation s’appuie sur deux types de données : d’une part un corpus de dialogues entre adultes sourds en LSF, d’autre part un corpus de données élicitées (L’Huillier et al. 2016) obtenues à partir d’un questionnaire sur la référence impersonnelle humaine initialement élaboré pour des LV puis adapté pour les langues des signes (LS) par Barberà & Cabredo Hofherr (à paraître).

Après une brève revue de la littérature et une présentation de notre cadre théorique, nous explicitons la méthodologie adoptée et les questions soulevées par la mise en place du protocole d’élicitation à partir du questionnaire.

Nous exposons finalement les principales stratégies d’expression de la référence impersonnelle humaine que nous avons mises en évidence pour la LSF (Garcia et al. à paraître). Nos données attestent le caractère globalement structurant de l’opposition existentiel vs. universel non restreint, par le fait que les premiers s’associent préférentiellement à un marquage explicite de l’agent tandis que pour les seconds la stratégie préférentielle semble être celle de l’ellipse du sujet. Par ailleurs, en contexte existentiel, l’opposition est nette entre les contextes impliquant un

---

\*Intervenant

agent singulier (marqueur UN (QUELQU'UN) ou PERSONNE) et ceux qui évoquent un agent non singulier ou, au moins, une pluralité vague (marqueur Pointage circulaire / ILS-ON).

Par ailleurs, nos données élicitées confirment une observation faite également sur nos corpus de discours : l'expression du plus haut degré d'impersonnalité (universels non restreints) s'exprime en LSF par l'association de l'ellipse du sujet à l'absence de tout ancrage spatial.

## Références

Barberà, G. & P. Cabredo Hofherr (eds). (to appear) R-impersonal strategies in Sign Languages, *Sign Language and Linguistics*.

Garcia, B., Sallandre, M.-A. & L'Huillier, M.-T. (to appear) Impersonal human reference in French Sign Language (LSF), *Sign Language & Linguistics*.

Gast, V. & J. van der Auwera (2013) Towards a distributional typology of human impersonal pronouns, based on data from European languages. *Languages across Boundaries. Studies in Memory of Anna Siewierska*, p. 31-56.

L'Huillier, M.-T., Sallandre, M.-A., Garcia, B. & Aksen, H. (2016). *Corpus vidéo sur la référence impersonnelle humaine en LSF*, UMR Structures Formelles du Langage – CNRS & Université Paris 8.

**Mots-Clés:** langue des signes française, référence impersonnelle humaine, corpus, typologie, sujet nul, espace, marqueurs

# TERMINOLOGIA E TRADUÇÃO: CORRELAÇÃO ENTRE ÁREAS DO SABER

Vale Luciana \* 1

<sup>1</sup> Universidade de Brasília [Brasília] – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900, Brésil

A tradução é um processo complexo, ainda mais quando se trata de discurso de linguagem de especialidade, assim como é o discurso jurídico, dado o teor dos termos empregados. Nesse sentido, fica clara a necessidade de estabelecermos a relação entre Tradução, Terminologia e Competências. Muito embora sejam disciplinas autônomas e com objetos de estudo e pressupostos distintos, como afirma Ramos (2001), as áreas se cruzam, pois, são oriundas das ciências cognitivas, ciências da linguagem e ciências da comunicação. Diante de discursos e situações nas quais há a exigência ou um mínimo de conhecimento acerca de conteúdos como deve proceder o tradutor intérprete de língua de sinais? A essa questão que se dirige o presente trabalho, afim de deslindar e trazer reflexões ao fazer tradutório. A Lei 10436/2002 e o Decreto 5626/2005, preconizam que é direito do Surdo ter acesso às informações em Língua Brasileira de Sinais – Libras. Uma das formas de garantir esse direito é a presença do tradutor e do intérprete que ao atuar em áreas com temas especializados devem deter o conhecimento das terminologias específicas utilizadas em contextos diversos. Contudo, a formação do TILS ainda é generalista o que muitas vezes o atrapalha, afinal, o andar por todos os campos não lhe permite de forma substancial a adquirir a especialidade necessária quando da atuação em ambientes de especialidade, como por exemplo o ambiente jurídico que por si já é complicado, dado o alto grau de termos empregados. A pesquisa segue a metodologia qualitativa descritiva apontada por Gil (1999, p. 46), "[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis." Nesse sentido, procuramos reflexões quanto aos atos de enunciação e a importância de se municiar da Terminologia que o auxilie na aquisição e melhora da competência referencial e capacidade temática.

**Mots-Clés:** Terminologia, Tradução, Competência Tradutória

---

\*Intervenant

# Uso de dinâmicas para o ensino de língua de sinais para pessoas ouvintes

Chaveiro Neuma \* <sup>1</sup>, Karlla Patrícia De Souza Freitas <sup>1</sup>, Juliana Guimarães Faria <sup>1</sup>, Claudney Maria De Oliveira Silva <sup>1</sup>, Soraya Bianca Reis Duarte <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás [Goiânia] – Goiânia, Goiás, Brasil

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Brasil

O tema desse estudo é a utilização de dinâmicas no ensino da língua de sinais para pessoas ouvintes. As dinâmicas são compreendidas como atividades lúdicas, envolventes e interessantes, planejadas pelo docente, conforme a realidade dos aprendizes (VASCONCELLOS, 2014). O uso de dinâmicas no ensino de línguas pode propiciar a interação e aprendizagem em sala (VIGOTSKY, 1984). A dinâmica possui um caráter socializador, agregador, inovador e, quando bem aplicada, pode permitir ao aluno, estabelecer vínculos identitários com a língua estudada. Este estudo tem como objetivo geral investigar as contribuições do uso de dinâmicas no ensino da língua brasileira de sinais (Libras) para ouvintes e, como objetivos específicos: a) analisar o uso de dinâmicas no ensino da Libras como segunda língua e b) analisar a interação entre professor - aluno e aluno - aluno durante a aplicação de dinâmicas em aula de Libras. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-analítica e foi realizada no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), na cidade de Goiânia, Brasil, em aulas ministradas em diferentes níveis, para pessoas ouvintes com interesse em aprender a Libras para uso em diversos fins sociais. Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram dois questionários com perguntas semi-estruturadas, sendo um aplicado aos professores e outro aos alunos. Como resultado, identificou-se as seguintes contribuições, na visão dos professores: a) o uso de dinâmicas no ensino da Libras melhorou significativamente a interação e a relação professor-aluno e aluno-aluno bem como o desenvolvimento da compreensão dos conteúdos ensinados; b) as dinâmicas estimulam a utilização de estratégias de conversação, em ambiente de sala e provocou maior interesse por parte dos alunos e, conseqüentemente, um avanço na aprendizagem da Libras como segunda língua. Da mesma forma, na visão dos alunos, verificou-se que, no aprendizado de Libras como segunda língua, ao priorizar, em sua metodologia, o uso de dinâmicas, ocorreu uma absorção mais intensa e rápida do conteúdo. No argumento dos alunos, isto se deu pelo fato de que as dinâmicas possibilitaram o surgimento de fatos práticos relativos à cultura surda e suas identidades, permitindo assim que experimentassem o mais próximo de um contexto natural de fala. Conclui-se que o uso de dinâmicas, proporciona ao docente um ensino que associa teoria e prática em contextos reais de aprendizagem e é, também, um estímulo aos alunos no aprendizado da Libras. O uso de dinâmica promove absorção do conhecimento, expande o entendimento e torna a disciplina de Libras mais interessante, gerando aprendizado. Ainda, se aplica aos conteúdos práticos das aulas em consonância com os conteúdos teóricos.

VASCONCELLOS, C. S. Construção de conhecimento em Sala de Aula. São Paulo: Libertad, 2014.

---

\*Intervenant

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: A formação social da mente. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989. 168p. p.106-118.

**Mots-Clés:** Ensino, Língua de Sinais, Surdo, Aprendizado



# Les racines médiévales du noétomalalien parisien (XVIIIe - mi XIXe siècles)

Yann Cantin \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Structures Formelles du Langage – Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, Centre National de la Recherche Scientifique : UMR7023, Université Paris Lumières, Académie de Créteil, Campus Condorcet, Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis – Bâtiment D salle 324 2 rue de la Liberté 93526 Saint-Denis, France

Est-ce que les Ls du monde ont des racines anciennes ou récentes ? La plupart des discussions tournent autour de l'année 1759, avec la fameuse rencontre entre l'abbé de l'Épée et les deux sœurs. Cette date mythique a le grand défaut de faire construire une " muraille de chine " temporelle en instituant l'année 1759 comme la date de naissance de la plupart des LS du monde dont celle de la France, occultant *de facto*, tout ce qui a précédé.

A cette question, Desloges, avec son *Observations d'un sourd et muet* (1779), nous confirme que la vieille Langue des Signes de Paris (VLSP), ou *noétomalalien parisien* est né bien avant 1759. De plus, des indications de cette ancienneté se retrouve au niveau des textes avec Platon dans le *Cratyle*, en 430 avant notre ère, puis, dans la correspondance entre Saint-Augustin et Saint-Jérôme, au Ve siècle de notre ère.

Au VIIIe siècle, Bède le Vénérable, un moine anglo-saxon mentionne l'usage de la dactylogogie, et dès le IXe siècle, on découvre les premiers dictionnaires de signes monastiques qui serviront de base aux nombreux monastères de l'ordre de Cluny. D'autres éléments dans la LS française font état d'une origine inconnue, et non monastique.

Avec l'exportation de la LS parisienne dans les autres pays, et continents, au cours du XIXe siècle en fait la LS parisienne comme la *mater lingua* de la moitié des LS du monde actuel, l'équivalent du latin des langues orales. Comprendre ces racines médiévales nous permet de remonter ces origines, et de reconstituer les circonstances qui ont favorisé l'émergence de cette langue originelle.

## Références

### Ouvrages

BRUCE S., 2009, *Silence and sign language in Medieval monasticism, the cluniac tradition c.900-1200*, Cambridge University press, Cambridge

CAGLE K., 2010, *Exploring the ancestral roots of american sign language: lexical borrowing from cistercian sign language and french sign language*, 2010, Université du Nouveau-Mexique.

---

\*Intervenant

GARNIER F., 1989, *le langage de l'image au Moyen Âge, tome II, Grammaire des gestes*, Le léopard d'or.

SAINT-LOUP (de) A., DELAPORTE Y., 1997, *Gestes des moines, regard des sourds*, Editions du Fox.

UMIKER-SEBEOK J. (ed.) et al., 1987, *Monastic Sign languages, approaches to semiotics*, Mouton de Gruyter, Amsterdam.

### **Chapitres d'ouvrages**

CANTIN Y., *Interprètes en langue des signes de la Révolution jusqu'au Moyen-Age, une analyse historique*. Cantin (2018), sous presse.

SAINT-LOUP (de) A., 1994, " Les voies du Sourd-Muet dans l'Occident médiéval ", *in Comprendre et maîtriser la nature au Moyen-âge : mélanges d'histoire des sciences offerts à Guy Beaujouen*, Paris.

### **Articles**

CANTIN, Y., 2016, " Des origines du noétomalalien français, perspectives historiques " *Glottopol*, n°27.

JACQUEMARD C., LUCAS-AVENEL M-A, " Des poissons, des mots et des signes : les signes monastiques des noms de poissons au xie siècle ", *Annales de Normandie* 2012/2 (62e année), p. 139-174.

WITTMANN H., 1991, " Classification linguistique des langues signes non vocalement ", *Revue québécoise de linguistique théorique et appliquée*, Montréal, pp 215-288.

**Mots-Clés:** sourds, histoire, langue, noétomalalie, origines

# INTRODUÇÃO DA GLOSINAIS COMO FERRAMENTA DE TRADUÇÃO / INTERPRETAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS BRASILEIRAS

Castro Nelson Pimenta De \* 1

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Educação de Surdos – Rua das Laranjeiras, 232 - Laranjeiras - RJ, Brésil

A palestra objetiva mostrar o processo histórico da nova ferramenta de tradução / interpretação dos tradutores / intérpretes Surdos no território brasileiro. A justificativa é expor conhecimento acerca da ferramenta de tradução / interpretação pelos tradutores / intérpretes Surdos; mostrar o potencial da percepção visual; facilitar a compreensão por parte dos profissionais que lidam na tradução e interpretação; substituir o mecanismo de tradução / interpretação e, finalmente, oferecer outras oportunidades no mercado de trabalho dos futuros profissionais (intérpretes e tradutores Surdos de língua de sinais brasileira). O uso da metodologia, procedimento e instrumentos utilizados na pesquisa foram: experiência profissional; utilização da introdução do mecanismo de tradução / interpretação na gravação de vídeo acadêmico; criação de Glosinais; e finalmente as contribuições das experiências vividas dos autores que trabalharam como tradutores / intérpretes de duas línguas distintas (LSB e ASL), inclusive a produção da tese "Prosódia em Libras", que está acontecendo com uso contínuo da Glosinais.

**Mots-Clés:** Glosinais, Tradução, Interpretação

---

\*Intervenant

# Acessibilidade Linguística na produção de material didático para ensino da categoria verbo para alunos Surdos

Prometi Daniela \* <sup>1</sup>, Castro Júnior Gláucio \*

<sup>2</sup>, Borges De Sousa Lucia Maria

<sup>1</sup> Universidade de Brasília [Brasília] – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900, Brésil

<sup>2</sup> Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900, Brésil

No sentido de contribuir para a discussão proposta para a divulgação dos critérios de Acessibilidade na educação de Surdos intitulada, apresentamos para discussão a proposta de uma coletânea de atividades visuais como abordagem do ensino da Língua Portuguesa para Surdos como L2 com foco na categoria gramatical Verbo, por meio de resultados delimitados e que estão na revisão e discussão da literatura sobre o tema. O objetivo da pesquisa foi analisar como se dá a compreensão da categoria gramatical verbo pelo Surdo na Língua Portuguesa escrita de modo a possibilitar a elaboração de uma coletânea de atividades visuais para o Surdo que contribua para acessibilidade Linguística deste segmento. Como resultado, no entanto, o que se percebeu é que a partir da decisão de criar um material didático baseado no aspecto visual, agregando a este, as experiências do sujeito visual-espacial, o contexto de interesse, seja pela história de vida, sobretudo em sua identidade enquanto Surdo, dentro de uma cultura que valoriza não só sua aparência, mas sua maneira de significar o mundo e as relações que ele podem estabelecer a partir de uma língua que promove acessibilidade, é possível vislumbrar a perspectiva de que o paradigma de que Surdo não aprende escrever em português seja superado. Até mesmo a atividade escrita, proposta a partir de uma metáfora, pode ser resignificada em Libras e na relação com os sentimentos e vivência do Surdo, desde que apresentada a partir de material visual. Partindo da premissa que o ato de ler deve transcender a leitura da palavra, segundo Freire (1881), é possível inferir que a aquisição da aprendizagem começou no momento em os/as estudantes Surdos já estavam lendo, quando entenderam o contexto e significado dos verbos FALAR, AMAR, SONHAR E VIVER, quando ocorreu o encontro de cada um com a própria história a partir da utilização do mapa e todo desdobramento. Embora os objetivos propostos, tenham sido contemplados quase na sua totalidade, a questão não está fechada, sendo que outras atividades serão propostas, no sentido de ampliar o leque de investigação e a partir desse, poder fazer proposição à educadores de Surdos, em especial, de no contexto da educação de Surdos.

Referências Bibliográficas:

CASTRO JUNIOR, Gláucio. *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira: Foco no Léxico*, Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília – UnB, 2011.

---

\*Intervenat

\_\_\_\_\_. Projeto Varlibras. Tese de Doutorado em Linguística apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB, 2014.  
Quadros, Ronice Muller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**Mots-Clés:** Acessibilidade. Língua Portuguesa como ensino L2. Surdos. Verbo. Material visual.

# Inclusão de surdos no Ensino Superior: um estudo de caso na Unesp de Marília

Alessandra Ferreira Di Roma \* <sup>1</sup>, Sandra Eli Sartoreto De Oliveira Martins <sup>1</sup>, Andresa Denise Dos Santos <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Marília – Av. Hygino Muzzi Filho, 737 Bairro: Mirante 17.525-900 - Marília, SP - Brasil Telefone: + 55 (14) 3402-1300, Brésil

O objetivo desta pesquisa é investigar como tem ocorrido a inclusão de estudantes surdos em uma universidade pública brasileira. De modo específico, analisaremos as condições de acessibilidade linguística para os surdos da Unesp de Marília, através do discurso de duas estudantes surdas, que adquiriram a Língua de sinais brasileira (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda, matriculadas no primeiro ano do curso de arquivologia da referida universidade. No Brasil, a oficialização da Libras ocorre em abril de 2002 pela Lei nº 10.436 e sua regulamentação em dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.626. Especificamente sobre a Educação Superior, no Brasil foi criada pelo Decreto nº 7.611, de novembro 2011, a obrigatoriedade da estruturação de núcleos de acessibilidade nas instituições públicas de educação superior visando eliminar barreiras físicas, de comunicação e de informação que restringem a participação e o desenvolvimento acadêmico e social de estudantes com deficiência. Observamos que as políticas educacionais do Brasil estão sendo desenvolvidas e ampliadas para dar apoio ao surdo, ao ensino bilíngue e ao surdo oralizado. No contexto educacional, a presença do intérprete, do instrutor surdo, de profissionais qualificados para a formação dos professores, assim como adaptações e estratégias de avaliação tanto em português escrito quanto em língua de sinais são metas já alcançadas pela lei, mas, nosso interesse é observar como isso tem se efetivado na prática. Defendemos que a inclusão na universidade se efetivará quando houver a conscientização e o atendimento as necessidades linguísticas dos surdos, garantindo-lhes condições de acessibilidade durante toda a formação destes. Além da contratação e valorização de profissionais qualificados para a função de tradutor e intérprete de Libras, outras ações são necessárias para o atendimento a uma proposta de educação bilíngue, que se concretizará de forma efetiva quando surdos e ouvintes adquirirem a possibilidade de se comunicarem de forma autônoma, condição que só será possível através da valorização da língua de sinais nos cursos de formação universitária. Optamos pelo uso das entrevistas – na constituição do *corpus* de análise da pesquisa. Neste estudo, entrevistaremos porque temos interesse no discurso das estudantes surdas. Temos interesse por suas reflexões, ordenamentos dos fatos e acontecimentos. O propósito da entrevista, não será portanto, o de fornecer respostas as perguntas específicas do roteiro que elaboramos, nem mesmo o de testar hipóteses ou avaliar algo específico, mas buscar tentativas de compreendermos a experiência acadêmicas dessas estudantes surdas na universidade pública. Esperamos que o desenvolvimento desta pesquisa possa contribuir para auxiliar na compreensão dos diferentes fatores que envolvem o processo formativo de estudantes surdos no Ensino Superior.

---

\*Intervenant

**Mots-Clés:** Educação Inclusiva. Ensino Superior. Surdos. Língua de Sinais.

# PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: CRIANDO PONTES PARA (RE) CONSTRUIR MATERIAIS DIDÁTICOS

Conceição De Maria Costa Saúde \* <sup>1,2</sup>, Michelle Mélo Gurjão Roldão <sup>2</sup>,  
Erenilson Saúde Silva <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Université Fédérale de Campina Grande [Brésil] – Aprigio Veloso, 882, CEP 58429-900, Campina Grande/PB, Brésil

<sup>2</sup> Université Fédérale de Campina Grande [Brésil] – Aprigio Veloso, 882, CEP 58429-900, Campina Grande/PB, Brésil

<sup>3</sup> UNIPÊ – BR 230 - Km 22, Água Fria - CEP 58053-000 João Pessoa - PB, Brésil

## RESUMO

O Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia desenvolveu conjuntamente com as professoras de Libras da Unidade Acadêmica de Letras -UAL/UFPG, a atividade intitulada "práticas pedagógicas na educação de surdos: criando pontes para (re) construir materiais para o ensino de Libras", um curso oferecido as Petianas e para os professores da Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima - EDAC de Campina Grande (PB/Brasil), que compreendeu em estudos teóricos e a construção de materiais didáticos para o ensino de Libras como L1 e da utilização desta língua para criação de materiais no ensino de outras disciplinas. Nos respaldamos no Decreto 5.626/2005 e nos estudos sobre o ensino de Libras na formação docente numa abordagem bilíngue-bicultural que permite maior conhecimento dessa realidade e, conseqüentemente, maior aprendizado da Libras (SKLIAR, 1999; SANCHEZ, 1990; MOURA, 2000). Essa legislação garante ao surdo o direito linguístico de ter acesso aos conhecimentos escolares através da língua de sinais. As atividades desenvolvidas neste curso proporcionaram a elaboração de diversos materiais didáticos, voltados para o ensino de Libras como L1, como: trilhas em Libras (tema: as frutas), boliche com números nesta língua, painel com sinais referentes aos materiais escolares e o apoio do concreto, amarelinha com sinais das cores, bem como jogos em Libras voltados para o ensino da matemática, história e geografia, elaborados pelos professores da EDAC. As aulas foram ministradas por professoras de Libras do curso de Letras-Libras da UAL/UFPG. Como metodologia para a realização do curso, foram promovidos encontros semanais, com duração de 4 horas, divididos em momentos de estudos teóricos e práticos. No final do curso realizamos uma atividade prática na EDAC onde os discentes levam os seus jogos e interagiram com os alunos surdos desta instituição. Segundo a avaliação dos participantes, a atividade contribuiu para uma maior compreensão sobre as possibilidades de elaboração de diversificados materiais didáticos na educação dos surdos, bem como compressões de surdez na perspectiva bilíngue e, principalmente, para uma mudança nas formas de conceber, sentir e agir com as pessoas surdas. Também foi sugerida a continuação do curso e da realização do mesmo no horário da noite, período de maior disponibilidade da turma.

---

\*Intervenant



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Brasília, Presidência da República, Casa Civil, 2005.

FINGER, I.; QUADROS, R. **Teorias de aquisição da linguagem.** Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa? São Paulo: Editora Parábola, 2009.

KARNOPP, L.; QUADROS, R. **Língua Brasileira de Sinais:** estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. **Educação de Surdos:** aquisição da linguagem. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

**Mots-Clés:** Libras, (Re) Construir, Formação docente.

# GÊNERO INSTRUÇÃO DE PERCURSO NO ENSINO DE LIBRAS (L2), NÍVEL A1

Girlaine Felisberto De Caldas Aguiar \* <sup>1</sup>, Maria Augusta Goncalves De Macedo Reinaldo <sup>1</sup>, Shirley Barbosa Das Neves Porto <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Université Fédérale de Campina Grande [Brésil] – Aprigio Veloso, 882, CEP 58429-900, Campina Grande/PB, Brésil

## RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento cujo objetivo geral é investigar os efeitos do emprego de uma metodologia de ensino da Libras (L2) para ouvintes através de gêneros textuais. Os objetivos específicos para este trabalho são: 1) identificar as características definidoras de instruções de percurso que tomam como referência um mapa; 2) construir um modelo didático a partir das dimensões ensináveis desse gênero. O estudo está orientado por pressupostos teóricos e metodológicos do interacionismo sócio-discursivo (ISD) em dois dos seus campos de atuação. O primeiro, referente à descrição de gênero, com o modelo analítico descendente de gênero enfocando as condições de produção do texto, a sua arquitetura e textualização (BRONCKART, 1999), associando a descrição da espacialização em Libras (FERREIRA, 2010; QUADROS & KARNOPP, 2004). O segundo, didático, engloba, de um lado, o ensino de língua orientado pela noção de modelo didático de gênero e as suas dimensões ensináveis relevantes (PIETRO & SCHNEUWLY, 2009); de outro, as capacidades de linguagem: de ação; discursiva e linguístico-discursiva, envolvidas na compreensão desse mesmo gênero (DOLZ & SCHNEUWLY, 1988; 2004; CARNIN & ALMEIDA, 2015). Trata-se de uma pesquisa ação, de caráter exploratório, cujos procedimentos metodológicos de coleta e geração dos dados foram: instruções de percurso, dadas a graduandos ouvintes aprendizes de Libras (L2); seleção de uma atividade objetiva (sinalizada), considerando a sinalização de pontos de referência. Os resultados iniciais da descrição mostram as instruções como gênero da ordem do descrever/instruir, cujas dimensões relevantes para o ensino são a sequência injuntiva e os sinais de apontação que se expressam por meio dos verbos direcionais, pronomes demonstrativos e advérbios associados à direção do olhar e seu movimento. A conclusão aponta para a necessidade de inserção desse modelo de ensino na pauta da formação dos docentes de Libras.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART. J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CARNIN, Anderson; ALMEIDA, Alessandra P. de. **Modelo(s) didático(s) de gênero: da concepção teórica à transposição didática na formação continuada de professores**. IN: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; CARNIN, Anderson; KERSCH, Dorotea Frank (ORGs).

---

\*Intervenant

**Caminhos da construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero.** Campinas: Mercado das Letras, 2015, p. 29 – 46.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática da Língua de Sinais.** Reimpressão Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

PIETRO, J. F.; SCHNEUWLY, B. **O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática.** Rev. Moara. Belém, n. 26, p. 15-52, ago/dez., 2009.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas (SP): Mercado de Letras; 2004[1988].

**Mots-Clés:** Ensino de Libras como L2, interacionismo sócio, discursivo, gêneros textuais, modelo didático de gênero, capacidades de linguagem.

# O Bebé Perfeito: proposta de um livro bilingue para a aprendizagem de L1, L2 e Signwriting

Isabel Correia \*<sup>1</sup>, Joana Sousa \*

<sup>1</sup>, Rafaela Silva \*

1

<sup>1</sup> Instituto Politécnico de Coimbra: Escola Superior de Educação – Portugal

Esta comunicação visa apresentar uma proposta para o ensino da Língua de Sinais portuguesa e, também, para a aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua. Propomos apresentar um livro infantil da nossa autoria cuja temática vai ao encontro da cultura e identidade surdas uma vez que retrata a descoberta da língua de sinais por uma criança surda e, sobretudo, pela sua mãe ouvinte. A obra contém um DVD em língua de sinais realizado por um sinalizante surdo o que garante a fluidez da língua e permite o seu estudo e aplicabilidade em sala de aula. No DVD a obra também está toda transcrita em escrita de língua de sinais sendo o primeiro livro infantil em Portugal com esta valência.

Tratando-se de uma obra para crianças, o vocabulário é adequado, mas rico, fomentando a literacia em língua de sinais e adequando-se como material para o ensino, nomeadamente, da gramática, no campo da morfologia e da semântica. Tendo em conta que a obra também está em português escrito, estes conteúdos podem ser aplicados para o ensino de português L2, de forma contrastiva, dentro do mesmo âmbito. Assim, propomos apresentar exercícios didáticos, inéditos, que possibilitem o ensino de conteúdos constantes nos Programas Curriculares do Ministério da Educação para a Língua de Sinais e para a Língua Portuguesa como L2 no âmbito da Compreensão Leitora e do Estudo da Língua. Apresentaremos actividades que se incluem nos seguintes domínios:

*Literacia em Língua de Sinais: Identificar intervenientes, personagens e acções (em contos, etc.) (Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa, 2007, p.67);*

*Estudo da Língua: classes de gestos: Explorar a utilização de adjectivos (Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa, 2007, p.68);*

*LGP, Comunidade e Cultura: Identidade e Orgulho: Aceitar-se enquanto criança surda, valorizando as suas potencialidades (Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa, 2007, p.44);*

Para o domínio do Português como L2:

---

\*Intervenant

Leitura: Observar a leitura, em LGP, de obras de literatura para a infância e reagir ao texto. (*Programa Curricular de Língua Portuguesa para alunos Surdos*, 2011, p. 36);

Classes de Palavras: Distinguir nomes, verbos e adjetivos. (*Programa Curricular de Língua Portuguesa para alunos Surdos*, 2011, p. 44);

Lexicologia e Semântica: Comparar dados e descobrir regularidades. (*Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa*, 2007, p. 44);

Procuraremos, também, demonstrar que a escrita de sinais se constitui como algo fundamental para a aprendizagem bilingue apresentando propostas para o seu ensino nos seguintes domínios:

Sistemas de Transcrição:

Iniciar o estudo do Signwriting Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa- Ensino Secundário, 2007, p.55

Sistematizar as regras do Signwriting (Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa, 2007, p.67

Referências:

Baptista, José (coord.). (2011). Programa de Português para Alunos Surdos, Ministério da Educação

Cavaca, Fátima (coord.). (2007) Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa- Ensino Secundário, Ministério da Educação

Cavaca, Fátima (coord.). (2007) Programa Curricular de Língua Gestual Portuguesa- Ensino Secundário, Ministério da Educação

Correia, Isabel (2016), *O Bebê Perfeito*. Recortar Palavras

**Mots-Clés:** ensino de língua de sinais l1 e l2, ensino de português para surdos, ensino de escrita de sinais

# O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA: CRIANÇA OUVINTE FILHA DE PAIS SURDOS

Michelle Mélo Gurjão Roldão \* <sup>1</sup>, Conceição De Maria Costa Saúde <sup>1</sup>,  
Bruno Medeiros Roldão De Araújo <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Université Fédérale de Campina Grande [Brésil] – Aprigio Veloso, 882, CEP 58429-900, Campina Grande/PB, Brésil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande [Campina Grande] – Campina Grande, Paraíba, Brésil

## RESUMO

Na área da linguagem observamos várias pesquisas relacionadas à aquisição e o desenvolvimento *de crianças bilíngues que convivem em duas culturas e possuem duas línguas distintas*. Porém, é escasso o número de pesquisas que abordem a aquisição da língua de sinais e da língua portuguesa oral, por crianças ouvintes filhas de pais surdos que teria acesso a essas duas línguas, sendo a primeira, pelo convívio com os pais surdos e a segunda, através de familiares ouvintes. Portanto, o objetivo dessa pesquisa foi investigar a aquisição e desenvolvimento da língua de sinais e da língua oral de uma criança ouvinte filha de pais surdos. Para fundamentar os estudos foi revisado estudos de teóricos, tais como: Klima; Bonvillian; Petitto e Marantette; Quadros; Karnopp; Silva, dentre outros. Optou-se pela pesquisa qualitativa e o método empregado foi o estudo de caso. Realizou-se um estudo longitudinal com uma criança entre os três (03) e os quatro (04) anos de idade, através de avaliação e acompanhamento, ocorrendo ambos, na escola e no ambiente familiar. Este estudo buscou observar como ocorre o desenvolvimento da linguagem em ambas as línguas: *se há alguma tendência de um maior uso de uma língua em relação à outra e se a criança apresentará "erros" ou confusões nas línguas adquiridas*. Os dados obtidos nas fases de avaliação e acompanhamento do cotidiano da criança nos levaram a concluir que não houve diferenças significativas quanto ao emprego das duas línguas apesar de maior exposição a Libras e permanente correção de sinais pelo pai, o que não ocorreu com a língua portuguesa. Isso pode justificar um leve ganho na qualidade da comunicação, quando do uso da Libras, sobre a língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, V. M.; MORENO, A.; RAMOS, V.; QUINTANA, A.; ESPINO, O. Avaliação do desenvolvimento pragmático. In: ACOSTA, V. M. (Org.). **Avaliação da Linguagem: teoria e pratica do processo de avaliação do comportamento linguístico infantil**. São Paulo: Santos, 2003.

---

\*Intervenant

CARVALHO, Cristina. Pais surdos e filhos ouvintes: o verdadeiro desafio de ser um CODA. In: DEUS, Klenia Lima Armoa de. **Língua de Sinais Brasileira: Libras III**. São Paulo: Know How, 2010.

GURJÃO, M. M. **Aquisição da linguagem oral e de sinais por uma criança ouvinte filha de pais surdos**: conhecendo caminhos. Recife, 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, UNICAP, Recife, 2013.

LANDRY, R.; AMARA, N.; LAMARI, M. Does Social Capital Determine Innovation? To What Extent? **Technological Forecasting and Social Change**, 69, 681-701, 2002.

PETITTO, L. A.; et al. Bilingual signed and spoken language acquisition from birth: Implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. **Journal of Child Language**, 28, 453-496, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, C. R. **Língua de sinais**: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

**Mots-Clés:** Aquisição da Linguagem, Libras, Língua Portuguesa.

# Renseignement de la langue des signes professionnelle au LP INJS de Paris – (2008-2016)

Monique Gendrot \* <sup>1</sup>

<sup>1</sup> INJS de Paris – Frédéric Brossier – 254 rue Saint-Jacques 75 005 Paris, France

IIIème Rencontres Interdisciplinaires franco-brésiliennes intitulées :

Surdité, Singularité et Universalité : Langue, Culture,  ducation et Accessibilité

*Monique Gendrot*

Interpr te Français/LSF

Membre du Pôle LSF/INJS Paris 2008/2017

*Titre* : Renseignement de la langue des signes professionnelle au LP INJS de Paris – (2008-2016)

*Mots clés* : LSF, glossaire, lexique français/LSF, dictionnaire numérique, signes émergents

*Contexte* : dans le cadre de son projet linguistique (2005-2010), l'INJS de Paris constitue trois pôles ressources : le pôle français oral, le pôle français écrit et le pôle LSF. Ce dernier compte, parmi ses missions, celle de documenter le lexique technique des filières professionnelles présentes à l'institut.

*Objectif* : en l'absence de publication d'un lexique technique des métiers en LSF, l'enjeu est de réaliser et diffuser un lexique LSF/Français à visée pédagogique, à partir des signes LS développés par les lycéens au sein de chaque filière. Ceci afin d'harmoniser l'enseignement **en** LSF et pérenniser le lexique renseigné.

*Une équipe pluridisciplinaire* : au sein de l'établissement, collaborent à la réalisation de ce lexique, des lycéens (**nos informateurs**), des professeurs d'enseignement technique, du pôle LSF (professeur de LSF, interprète), du service Multimédia (responsable et techniciens).

*Méthodologie* : la procédure retenue est celle du recueil de corpus bruts en contexte à l'atelier, auprès de lycéens venant de réaliser une tâche. Locuteurs de leur langue **ils sont nos informateurs**. En effet, notre démarche est bien de documenter la langue et non de créer des signes artificiels utiles aux enseignants afin de dispenser leurs cours. Le pôle LSF se charge de ce recueil

---

\*Intervenant



sous la forme de captation vidéo. Puis s'organisent une analyse collégiale des corpus recueillis (professeurs, élèves et pôle LSF), l'extraction et la validation des signes émergents (élèves, pôle LSF), le tournage en atelier des corpus bruts revisités (service Multimédia, élèves, pôle LSF), le tournage des signes LS en studio (service Multimédia, élèves, professeur, pôle LSF), la rédaction en français des contenus explicatifs et descriptifs afférents à chaque signe renseigné (professeur, pôle LSF) avant la diffusion du lexique sur le site internet de l'INJS de Paris.

*Évolution des supports et des voies empruntées au renseignement du lexique au fil des années* : de la réalisation d'un glossaire avec illustrations papier au dernier modèle de dictionnaire numérique bilingue mis en ligne, en passant par la réalisation de " fiches outils techniques ".

*Résultats* : pour les filières dont le lexique est déjà renseigné, ce dernier est consultable sur le site de l'INJS de Paris, à la rubrique " Lexique Français/LSF " <http://lexique-lsf.injs-paris.fr>, <http://www.injs-paris.fr/page/horticulture-techniques-multiplication-accessibles-lsffrancais-2>

*Théories de référence* : modèle sémiologique conçu par Cuxac (1996-2000) puis développé par Sallandre (2003-2014), prise en compte du " processus d'iconisation " et des structures de grande iconicité (Cuxac 1997)

" Les classes lexicales en LSF envisagées à partir de la fonction adjectivale " (Risler 2012 <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00742891/document> )

**Mots-Clés:** LSF, glossaire, lexique français/LSF, dictionnaire numérique, signes émergents

# Acessibilidade

Letícia Regiane Da Silva Tobal \* <sup>1</sup>, Camila Neves Petrópulos Da Luz \*

1

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina [Florianópolis] – R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900, Brésil

## **Mesa Redonda "Acessibilidade" – Camila da Luz e Letícia Tobal**

Tendo em vista as legislações mais recentes no Brasil quanto à acessibilidade e ao direito linguístico dos sujeitos surdos, pode-se dizer que mudanças significativas ocorreram para a comunidade surda de modo geral. Apresentaremos algumas legislações, estabelecendo como ponto de partida o ano 2000. Posteriormente, enfocaremos em um breve histórico e na realidade atual da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a respeito dos professores e alunos surdos da instituição, bem como da equipe de intérpretes.

Em 2000, a lei 10.098 estabeleceu normas e critérios básicos para a promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência e tratava de questões referentes à língua brasileira de sinais (LIBRAS), ainda que de modo reduzido. A lei mais atual é de 2015, lei 13.146 que aponta questões sobre a surdez e a profissão intérprete de língua de sinais para a promoção da acessibilidade a serem aplicadas em escala nacional. Outras leis foram publicadas ao longo desses quinze anos, como a lei 10.436 de 2002, que reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão. Essa lei foi regulamentada pelo decreto 5.626, de 2005, que, detalha questões tais como formação de professores, instrutores, intérpretes e tradutores e como será garantido o acesso das pessoas surdas à educação, saúde e instituições públicas.

A lei 12.319, de 2010, regulamenta a profissão de tradutor/intérprete de Libras, a lei recebeu alguns vetos e atualmente há propostas de alterações. A partir da legislação supracitada, iniciou-se um movimento de abertura das universidades, para a entrada de alunos surdos. A universidade federal de Santa Catarina, que já contava, em 2005 com professores da área de educação de surdos, começou a organizar o curso de letras/libras, bem como a abertura de vagas para novos professores que atuariam na formação de profissionais, em nível de licenciatura. Em 2006 iniciou-se o primeiro curso de letras/libras licenciatura e em 2008 o bacharelado. Neste período, os intérpretes eram estudantes de mestrado e doutorado na própria universidade.

Em 2009, ocorreu o primeiro concurso para contratação de tradutor / interprete e iniciou-se a criação da coordenadoria de tradutores/ intérpretes de libras. De forma conjunta foi elaborado o regimento da coordenadoria, documento que permanece em vigência.

Atualmente a Universidade conta com o departamento DLSB, que tem como chefia um professor surdo, o que requer um atendimento de interpretação que reúne aspectos específicos. Além

---

\*Intervenant

do corpo docente, que conta com professores surdos e ouvintes, a coordenadoria de intérpretes também atua na efetiva acessibilidade de professores e alunos em todos os espaços acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm) acessado em 19 de maio de 2018

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) acessado em 19 de maio de 2018

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) acessado em 19 de maio de 2018

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) acessado em 19 de maio de 2018

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm) acessado em 19 de maio de 2018

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm) acessado em 19 de maio de 2018

[www.interpretes.paginas.ufsc.br/regimento-interno/](http://www.interpretes.paginas.ufsc.br/regimento-interno/) acessado em 19 de maio de 2018

[www.dlsb.paginas.ufsc.br](http://www.dlsb.paginas.ufsc.br) acessado em 19 de maio de 2018

**Mots-Clés:** Libras, acessibilidade, tradutor/intérprete

# ELiS - sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais: novas possibilidades para as línguas de sinais

Mariangela Estelita Barros \* <sup>1</sup>, Larissa Santos De Azevedo <sup>1</sup>, Claudney Maria De Oliveira De Silva <sup>1</sup>, Soraya Bianca Reis Duarte <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás – Brésil

<sup>2</sup> Instituto Federal de Goiás – Brésil

O presente trabalho aborda o tema de escrita de sinais do ponto de vista de um sistema específico, a ELiS, que é o sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Esse sistema foi criado em 1998 e chegou à sua versão final em 2008, após pesquisa de doutorado. A estrutura alfabética e linear da ELiS (Barros, 2015) permitiu o desenvolvimento de três ferramentas digitais, as quais criam novas possibilidades para as línguas de sinais. O objetivo desse trabalho é apresentar essas ferramentas, a própria ELiS, e discutir alguns exemplos do que agora é possível se fazer em língua de sinais utilizando-as. As ferramentas são: a fonte ELiS, e os programas ELiSort e ELiSbusca. A fonte ELiS foi testada mediante seu uso desde 2009 e sua última versão é de 2011. O ELiSort e o ELiSbusca foram testados em 2018, com *corpus* em Libras criado a partir do dicionário DEIT-Libras (CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURICIO, A. C. L., 2013), cujas entradas foram escritas com o sistema ELiS, já usando sua fonte própria. Para tanto, aplicamos o programa ELiSort para ordenar as entradas que produzimos em Libras/ELiS, segundo a ordem "alfabética" estabelecida para a ELiS (Barros, 2015), a qual é denominada ordem visográfica; e aplicamos o programa ELiSbusca para encontrar sinais com determinadas, Configurações de Mão, Orientações, Pontos de Articulação, Movimentos, ou combinação destes. Por meio destas ferramentas, hoje é possível: digitar em uma língua de sinais usando um teclado comum, com uma fonte *true type*, a fonte ELiS; colocar uma lista de palavras escritas em língua de sinais com o sistema ELiS em ordem visográfica automaticamente, usando o ELiSort; fazer busca em um *corpus* escrito com a fonte ELiS, por meio de qualquer parâmetro das línguas de sinais, ou pela combinação destes usando o ELiSbusca. Essas ferramentas são de grande auxílio em pesquisas com e sobre línguas de sinais, pois permitem transcrever *ipsis literis* os dados coletados em línguas de sinais, sem o intermédio e a opacidade das glosas e localizar com rapidez dados transcritos, além de facilitar a pesquisa estatística em um *corpus* digitado com a fonte ELiS.

## Referências

BARROS, M. E. **ELiS** – sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D., MAURICIO, A. C. L. **Novo DEIT-Libras**: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas. 3. ed. rev. e ampl. Vol. I e II. São Paulo: EDUSP, 2013.

---

\*Intervenant

**Mots-Clés:** ELiS, línguas de sinais, escrita de sinais, ELiSort, ELiSbusca, fonte ELiS

# REFLEXÃO SOBRE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UAB/UFPB VIRTUAL: EXPERIÊNCIA DA TUTORARIA PRESENCIAL DO PÓLO DE CAMPINA GRANDE

Michelle Mélo Gurjão Roldão <sup>1</sup>, Jamille Sousa Duarte \*

<sup>1</sup> Université Fédérale de Campina Grande [Brésil] – Aprigio Veloso, 882, CEP 58429-900, Campina Grande/PB, Brésil

## Resumo:

A Universidade Federal da Paraíba – UFPB em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UAB, formam a UFPB Virtual, na plataforma Moodle apresentando o curso de licenciatura em Letras/Libras na modalidade à distância, sendo pioneiros na Paraíba e na UAB, iniciando com três pólos distribuídos em João Pessoa, Campina Grande e Pombal, com o intuito de garantir acessibilidade aos interessados nesta área da educação, com promessa de ainda neste ano abrir mais vagas e mais pólos. Assim, os alunos surdos, principalmente os paraibanos, contam com uma nova realidade para a sua trajetória acadêmica, pois três pontos são os principais: acesso a universidade pública, vagas destinadas as pessoas com surdez – deficiência auditiva e garantia de que a educação para pessoas surdas, aqui no Estado, num futuro próximo terá profissionais aptos a atuar no ensino de Libras. Pois, segundo o decreto 5.626 do artigo 4º, a formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua. Esse curso habilita o profissional para o ensino da língua brasileira de sinais como primeira e segunda língua e ensino superior, porém consideramos um desafio. É exatamente neste ponto que percebemos as dificuldades encontradas em estar em um curso à distância e seus com amplo campo de trabalho e realização profissional. Por ser numa modalidade a qual a maioria do alunado pouco ou nunca teve acesso ou quase não ouviu falar são apresentadas algumas dificuldades não apenas para os surdos, mas para os ouvintes também. Entretanto, concluímos que a O curso de Letras/Libras esta proporcionando uma troca muito positiva entre ouvintes e surdos, onde o respeito entre a diversidade cultural predomina. Não se encontram presentes dominantes e/ou dominados, apenas colegas que aprendem por meio de uma aprendizagem colaborativa. Também observamos As dificuldades são realidades presentes em um curso pioneiro, porém cada barreira esta sendo analisados e discutidos entre professores, tutores, coordenadores e as pessoas que trabalham no suporte técnico da página de estudo (moodle). Entretanto, a cada novo desafio a equipe tem se mostrado bastante atenta e compreensiva, principalmente diante das diversidades existentes

---

\*Intervenant

entre os diversos alunos, sejam eles surdos, ouvintes, professores ou não.

## Referências

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. v.1.171p.

LEITE, Emeli Costa Marques. **Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

PALLOFF, R & PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias para a sala de aula on-line**. Tradução: Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artemed, 2002, 247p.

PEYERL, Aldeviro Tadeu Garcez; ZYCH, Anizia Costa. **A inclusão educacional dos surdos e seus desafios**. *Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº 1, março de 2008. ISSN 1980-6116*  
*<http://www.unicentro.br> - Ciências Humanas*

**Mots-Clés:** EAD, Ensino Superior, Surdos.